This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

NEDL TRANSFER
HN 5D6B W

CAMILLO CASTELLO BRANCO

OBRAS

Digitized by Google

PARCERIA A. M. PEREIRA - EDITORA.

D 39248

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

DIÇÃO POPULAR das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

200 réis em brochura e 300 réis encadernado

— Coisas espantosas.
— As tres irmans.
— A engeitada.
— Doze casamentos felizes.
— O esqueleto.
— O bem e o mal.
— O senhor do Paço de Ninães.
— Anathema.
— A mulher fatal.
— Cavar em ruinas.
1 e 12 — Correspondencia epistolar.
— Divindade de Jesus.
— A doida do Candal.
— Duas horas de leitura.
— Fanny.
7, 18 e 19 — Novellas do Minho
0 e 21 — Horas de paz.
2 — Agulha em palheiro.
3 — O olho de vidro.
4 — Annos de prosa.
5 — Os brilhantes do brasileiro.
6 — A bruxa do Monte Cordova.
7 — Carlota Angela.
8 — Quatro horas innocentes.
9 — As virtudes antigas.
0 — A filha do Doutor Negro.
1 — Estrellas propicias.
2 — A filha do regicida.
3 e 34 — O demonio do ouro.
5 — O regicida.
6 — A filha do arcediago.
7 — A neta do arcediago.
8 — Delictos da Mocidade.
9 — Onde está a felicidade?
0 — Um homem de brios.
1 — Memorias de Guilherme do Amaral.
2, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
5 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
7 e 48 — O judeu.
9 — Duas épocas da vida.
0 — Estrellas funestas.
1 — Lagrimas abençoadas
2 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

Digitized by Google

• Aos Camillianistas recommendamos a acquisição da seguinte obra

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Typos e episodios da sua galeria)

Apreciações e criticas das obras do immortal escriptor

POR

SERGIO DE CASTRO

---

3 vols. no formato e typo da nossa Collecção das Obras de Camillo — br. 1$500 rs., enc. 2$000 rs.

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes in-16.º de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet.
2 — Pedro e João, por Guy de Maupassant.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — O sonho, por E. Zola.
5 — Soror Philomena, por Edmond e J. Goncourt.
6 — O medico assassino, por Octavio Féré.
7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot.
8 — O amigo Fritz, por Erckman Chatrian.
9 — Vogando, por Maupassant.
10 — Um romance de mulher, por Pierre Mael.
11 — Vontade, por J. Ohnet.
12 — O Nababo, por A. Daudet.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Beatriz, por R. Haggard.
15 — O crime, por d'Annunzio.
16 — Lise Fleuron, por Ohnet.
17 — Os dois rivaes, por A. Lapoint.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.

Digitized by Google

19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant.
22 — A alma de Pedro, por J. Ohnet.
23 — Camilla, por G.-Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Magdalena Férat, por Zola.
27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
28 — Divida de odio, por Ohnet.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — A montanha do diabo, por Eugenio Sue.
32 — A Evangelista, por Daudet.
33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Odio antigo, por Jorge Ohnet.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Um casamento no mosteiro, por A. Assoland.
40 — Os párias, por Francisco da Rocha Martins.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — A agonia de uma alma, por Ossip Fchubin.
43 — Memorias de um burro, por Madame Ségur.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — O grande industrial, por Jorge Ohnet.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — O romance de um principe, por Pierre de Lano.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Manon Lescaut, pelo Abbade Prevost.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy.

Digitized by Google

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XLVIII

O JUDEU

VOLUME II

Digitized by Google

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 — Coisas espantosas.
N.º 2 — As tres irmans.
N.º 3 — A engeitada.
N.º 4 — Doze casamentos felizes.
N.º 5 — O esqueleto.
N.º 6 — O bem e o mal.
N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.
N.º 8 — Anathema.
N.º 9 — A mulher fatal.
N.º 10 — Cavar em ruinas.
N.ºs 11 e 12 — Correspondencia epistolar
N.º 13 — Divindade de Jesus.
N.º 14 — A doida do Candal.
N.º 15 — Duas horas de leitura.
N.º 16 — Fanny.
N.ºs 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
N.ºs 20 e 21 — Horas de paz.
N.º 22 — Agulha em palheiro.
N.º 23 — O olho de vidro.
N.º 24 — Annos de prosa.
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.
N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.ºs 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
N.º 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade?
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.ºs 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.ºs 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.ºs 47 e 48 — O judeu.

Digitized by Google

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O JUDEU

ROMANCE HISTORICO

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME SEGUNDO

1906

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

Digitized by Google

AD34248

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY

1906

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
DA PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º andar

LISBOA

Digitized by Google

O JUDEU

PARTE TERCEIRA

CAPITULO I

Concluiu formatura em canones Antonio José da Silva por 1726. Seu pae, o eminente jurisconsulto João Mendes da Silva, contava setenta annos feitos, e vergava ao peso da idade e da muita e principal clientela que grangeara com o seu talento juridico e sua estremada honradez. Chamou, por isso, o filho a coadjuva'-lo, para, mais tarde, o ficar substituindo.

Forçando o engulho e repugnancia que os autos lhe faziam, o recente bacharel abancou no escriptorio de seu pae, coagindo o espirito inquieto a prestar attenção ás enfadosas exposições consultivas, e ás aridas respostas do velho, que era um poço nas Institutas de Justiniano e Decretaes.

As tres horas, que Antonio José sacrificava de cada dia á pratica forense, eram remuneradas com a plena liberdade das outras. O uso, que elle fazia do seu tem-

Digitized by Google

po, com quanto desagradasse ao pae, não lhe era contrariado. Escrevia comedias, vestia de melhor linguagem umas que tinha urdido no mais verde dos annos, e architectava outras para refazer mais tarde. Propensão aprazivel para estudos tinha uma só: era o theatro, não já modelado pela escola franceza, que então dava ao mundo policiado as regras dramaticas; mas acostado algum tanto á feição comica de Gil Vicente, com as inverosimeis peripecias de Lope de Vega e dos filiados á grande e ainda vividora escola castelhana. Ponderar e descriminar a indole litteraria d'Antonio José, cognominado «o judeu,» seria impertinencia n'esta narrativa, onde raro leitor antepõe o lucro da instrucção ao deleite da curiosidade.

A seu tempo, farei conhecidos, de relance, alguns passos da breve carreira litteraria do filho de Lourença Coutinho. Então julgará o leitor do merecimento d'elle, sem que o ensinem a destrinçar systemas, escolas, methodos, e centenares de subtilezas improprias d'este escripto, e aliás importantes a quem estuda e de mui lustroso trato para quem professa competentemente.

E' já sabido que o mais familiar amigo d'Antonio José da Silva era, desde os alvores da mocidade, Francisco Xavier de Oliveira, o filho da dilecta amiga de Lourença Coutinho.

Silva tinha vinte e um annos quando se formou, e Oliveira corria então nos dezenove.

O bacharel ficou maravilhado quando, de volta de Coimbra, encontrou o seu amigo, não mais desmorali-

Digitized by Google

sado que os mancebos da sua geração, mas muitissimo mais desempoado que todos, em materias de crença religiosa. Era muito n'este espanto o caso de ter sido Francisco Xavier educado pelo devotissimo fr. Francisco do Menino Jesus, tio d'elle, e muito a miudo confessado com o oratoriano Ignacio Ferreira, e com o conego de Santo Agostinho, padre Lourenço Justiniano, como Lourença Coutinho referia n'uma das cartas a Sára, escriptas treze annos antes.

Desde os dezeseis annos, o filho do contador-mór José de Oliveira revelou imperiosa vocação para a vida dissoluta; sem embargo, a piedade, os accessos de fervor christão, intromettiam-se nas extravagancias do rapaz. Ainda então Francisco Xavier se confessava todos os mezes, aproveitava quantos jubileus a magnanima Santa Sé proporcionava á salvação das almas, e não consentia a Antonio José a minima galhofa das cousas venerabundas da igreja catholica-apostolica-romana.

N'esse tempo ainda, epoca do seu primeiro namoro, deu elle um irrefragavel testemunho de crendeira piedade. Contava elle, cincoenta annos depois, que tinha, n'aquelle tempo juvenil, um oratorio com umas vinte imagens de santos de sua particular estima. Entre todos, os mais rogados e importunados eram Santo Antonio e S. Gonçalo d'Amarante. Uma vez, lhes pediu que tocassem o coração d'uma belleza rebelde. «Os dois santos, diz elle, provavelmente occupados em negocios de mais importancia, não fizeram caso dos meus requerimentos. Despeitado com o menosprezo, atei-os um ao

Digitized by Google

outro, e pu'-los fóra do sanctuario, desterrando-os para debaixo da minha cama. Como, porém, os não sensibilisasse com o máo tratamento, visto que a minha deidade continuava em seus rigores, condemnei-os a descerem ao poço; e logo os fui baixando, com ameaças d'afogal'-los, se me não fizessem o favor. Aconteceu então que a moça me respondeu a muitas cartas, que lhe eu tinha escripto, e assim salvou as duas imagens do naufragio; e eu acreditei que devia aos dois santos a minha fortuna.» [1]

Outro signal de sua razoavel piedade. Francisco Xavier embarcou n'um bote para ir á Povoa, cinco leguas distante de Lisboa, á margem do Tejo. Sorpredeu-o uma borrasca, defronte de Sacavem. O barco estava já em apuros de mostrar a quilha. Francisco ajoelha e invoca a milagrosa Senhora da Penha. Quebra o vento, e consegue o barco abicar a terra. Assim que chegou a Lisboa, o moço foi á Penha de França com toda a parentella agradecer á Senhora o milagre. Fez dizer muitas missas em acção de graças. Deu dinheiro aos frades da casa, e pendurou um painel que representava o successo. «Este painel,—diz elle, e nós traladamos as palavras do

---

[1] O extracto é da obra de Francisco Xavier de Oliveira já muitas vezes citada: *Amusement périodique*. O mais que se fôr dizendo respeito á vida particular de Oliveira e seus contemporaneos, ainda que se não demarque o logar em que a noticia foi colhida, tenha o leitor a certeza que é quasi sempre exacta copia do que refere aquella obra.

Digitized by Google

devoto para que algum curioso possa ainda vêr na capella da Senhora da Penha o ex-voto do cavalleiro d'Oliveira—este painel foi pendurado no muro da igreja, e creio que ainda lá estará.» [1]

Estes e outros casos abonavam o espanto d'Antonio José da Silva, quando, na volta de Coimbra, lhe perguntava:

—Que é feito da tua fé, meu Francisco?

—Pergunta-me antes o que fez a minha razão, alumiada pelo estudo—respondia Francisco Xavier.

—Pois que te disse a tua razão a respeito d'aquelle painel que eu te vi levar á igreja da Penha? Lembras-te que me chamaste impio porque eu me ri do caso?...

Como foi que a tua razão te fallou?

—Disse-me que os christãos imitavam os idolatras n'estes votos de paineis e quejandas offerendas. É a mesma historia do templo d'Apollo na ilha de Nanfio, eregido por Jason, depois que os argonautas se salvaram d'uma tempestade, ao recolherem-se de Colchos. E' a mesma usança dos ex-votos no templo de Hierapolis, o mais milagroso dos deuses syriacos. É a mesma necedade dos enfermos curados que penduravam paineis no templo d'Esculapio. Já Horacio falou d'esta costumeira, como sabes da ode 5.ª:

---

[1] Escrevia em 1751.

Digitized by Google

... Me tabula sarcer
Votiva paries indicat humida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo. [1]

Tibulo tambem costumava, como eu, recorrer á deusa em cujo templo se penduravam paineis. [2]

—Sabes tu, continuou o moço Oliveira—o que respondeu o philosopho Diágoras a um sujeito?

—Nada, não sei.

—O sujeito apontando-lhe para muitos paineis de naufragios, á imitação do meu, disse-lhe: «Presumes que os deuses não fazem caso dos negocios da humanidade. Ora não vês tu este grande numero de paineis, provando que tanta gente se salvou de naufragar, em virtude dos votos feitos aos deuses?—Sim, respondeu Diágoras, vejo isso; mas tambem vejo que os afogados não se fizeram pintar.

—Mas...—redarguiu o bacharel Silva—a que se deve a tranformação moral em que te encontro? Quando começaram as tuas duvidas sobre a fé cega de teu tio fr. Francisco do Menino Jesus?

—Eu te conto. Um dia fui de peregrinação a Nossa

---

[1] *A sagrada parede de que pende o meu votado painel, testemunha que eu alli pendurei as minhas vestes humidas, em honra do possante Deus do mar.*

[2] *Nunc Dea, nunc succurre mihi, nam posse mederi*
Picta docet Templis multa tabella tuis.

Eleg. III. liv. I.

Digitized by Google

Senhora do Cabo com o padre Antonio Gomes, e com o doutor José Antonio Cardoso. O padre gostava igualmente do bom e do máo vinho; porém, um vinho que lá lhe deram para dizer a missa, era tão máo, que o padre quando estava a desparamentar-se na sacristia, soltou estas colericas palavras: «O vinho do calis tinha um sabor de todos os diabos! Meus amigos, recommendo-vos que não bebaes vinho ao jantar, a não vos darem algum que não seja d'aquelle que eu consagrei.» Aqui tens tu como e quando principiaram as minhas duvidas sobre o dogma da transubstanciação. Parece incrivel que tão pouco ar levantasse tamanha tempestade no meu espirito! Entrei a pensar como aquelle vinho, que era vinagre, se transformara em sangue de Christo! Confessei-me d'isto por que me atormentavam os escrupulos. Os confessores, todos á uma, me disseram que o demonio entrara em tentação comigo. Quando commungava, assaltava-me a suspeita de que eu engulia um bocado d'obreia! Depois, quando fechava as cartas, punha-me a olhar para as obreias, e a dizer: «Quanto vos lamento, minhas pobres obreias! Um padre transformar-vos-hia em Deus, e vos tornaria objectos d'adoração universal; ao passo que eu vos molho de saliva, e vos obrigo a fechar cartas! Sois todas da mesma especie e da mesma farinha; porém, o vosso destino varia até ao infinito! .. etc...» D'estes desalentos, d'este horrivel descrer, ainda eu pude algum tempo arrancar a minha alma, e submette'-la ás consolações reanimadoras dos padres que me ouviam e combatiam as

Digitized by Google

duvidas. Lia Mallebranche, que terminantemente me dizia: *E' preciso crer no dogma da transubstanciação, sem tentar entende'-lo.* E eu lia muito Mallebranche para cada vez entender menos o dogma e o author. Emfim, meu caro Antonio José, para te não enfadar mais, basta dizer-te que, perdida a fé n'um dogma, perdia-a em todos. Depois, vieram aquelles terriveis combates com a hypocrisia, em que sahi mortalmente ferido no coração. A morte de Catharina... bem te lembras... ha annos...

O leitor precisa saber que morte foi esta de Catharina. Será propriamente Francisco Xavier de Oliveira quem lh'a refira; «O conde de Povolide e mais dois familiares do santo officio quasi me arrancaram dos braços uma amante que eu amava em extremo. Era uma rapariga de vinte annos, mais sympathica do que bella, e tão espirituosa quanto bem feita. Era uma christã papista, exagerada em suas devoções como eu o tinha sido. Ia á missa, ao confessionario e á communhão; orava á Virgem e aos santos; e as almas do purgatorio eram as suas advogadas predilectas. Comia de tudo, gostava de presunto, e muito de chouriças de porco. N'uma palavra, a moça guardava o domingo, nunca abrira a Biblia; e bem longe de saber o que era *sabbath* e judeus, ignorava que tivese existido n'este mundo um Moisés. Como havia de saber Catharina que Moisés legislara? Ora, tudo isto junto, ao amor que eu lhe tinha, fez que eu despropositasse em brados contra semelhante prisão. Imposeram-me silencio, e os meus amigos trataram de me

Digitized by Google

vexar por me verem apaixonado por uma judia encarcerada no santo officio. Dezoito mezes depois fez-se auto de fé em que a rapariga devia apparecer, e ouvir ler sua sentença publicamente. Claro é que não faltei ao concurso. Qual foi, porém, o meu espanto, quando ouvi a presa confessar que tinha guardado inviolavelmente o *sabbath*, que não havia comido carne de porco, e que se abstinha de certas comidas, que eu lhe vira comer um milhão de vezes com furioso appetite! A minha surpreza redobrou ao ouvir ler a sentença, que a mandava queimar, porque tinha sido *diminuta* na confissão, quer dizer, que não tinha podido achar ou adivinhar os nomes das falsas testemunhas que depozeram contra ella!... A's dez horas da noite, como a condemnada fosse entregue ao braço secular, conduziram-n'a á Relação, cujos ministros até hoje usaram sempre a covardia de confirmar cegamente as sentenças todas da inquisição, sem que peçam ou revejam os processos dos condemnados. Como aqui me era permittido fallar á desgraçada, perguntei-lhe como podera ella mentir tanto para provavelmente salvar a vida, e se deixava morrer por não querer denunciar os cumplices, ou antes os accusadores. Respondeu-me: «Sendo os meus accusadores falsas testemunhas, que eu nunca vi talvez, era-me impossivel nomea'-los. Deus me é testemunha de que morro innocente; tu melhor do que ninguem sabes que eu sou christã, e todo o mundo o ficará sabendo pelo formal desmentido que dou agora a tudo que confessei na inquisição, a respeito do meu judaismo, protestando diante

Digitized by Google

d'este juiz que jámais professei fé que não fosse a de Jesus-Christo; na sua santa religião quero morrer.

«Pouco depois entraram os ministros a interroga'-la. Publicamente sustentou que morria na lei de Jesus-Christo, nem soubera nunca da existencia d'outra. Esta confissão não a salvava de morrer, e assás o sabia ella. Não obstante, insistiu n'este sentimento até ao derradeiro momento da sua vida, que lhe foi tirada da meia-noite para a uma hora, sendo estrangulada por mão do carrasco, e logo lhe levaram o cadaver para ser queimado no local em Lisboa destinado a semelhantes execuções.»

Continua o cavalheiro de Oliveira, com a serenidade dolorosa em que a desgraça de longos annos lhe tinha congelado o coração:

«Bem que eu n'aquelle tempo respeitasse o tribunal da inquisição, nem por isso deixei de me expôr a toda a ferocidade dos seus ministros, bradando altamente contra a barbaridade do seu proceder. Sejam-me testemunhas dois inquisidores ainda vivos, os srs. Silva e Gomes a quem eu fiz severas censuras, e os quaes, como bons amigos, me aconselharam silencio, figurando-me o perigo a que a minha imprudencia me expunha. Segui o conselho acompanhado das ameaças d'aquelles senhores. Calei meus queixumes; todavia, os meus amigos sabem que, desde aquelle dia, formei pessima opinião do processar d'este maldito santo officio.»

Digitized by Google

CAPITULO II

—Outra cousa!—perguntou Antonio José.—Tu eras sebastianista, ha um anno. Esperas ainda o rei?

—Não me falles n'isso que é a minha grande vergonha! Imaginas tu que amizades perdi de parentes, e graves amigos que endeusavam o meu talento, e lhe queimavam incensos no altar do Bandarra? Minha mãe ainda hoje chora, quando se lembra que eu já não sou sebastianista! E eu choro, quando me lembro que me deixei seduzir por aquelle soez franciscano Vicente Duarte, cujas historias tua mãe ouvio com uma fingida dôr de dentes para que lhe não vissem o impio riso.

—Então agora em que crês?—perguntou o hebreu.

—Na vinda do Messias, de certo não—respondeu com chocarreiro riso Francisco Xavier.—E tu esperas?

—Espero que não venha confundir-se com os patifes d'este globo; mas que elle não veio é certo.

—D'accordo comtigo. Não veio com o nome que lhe deram. Já tinha vindo e chamava-se Socrates; tornou a vir e chamou-se Luthero.

Digitized by Google

—Estás protestante?

—Sim? protesto contra os embusteiros e hypocritas; protesto, em nome de Deus, como todos os que lhe infamam o nome.

—Isso é justo. D'amores como te corre a vida? quem amas? Dura ainda o reinado de Joanna Victorina? A cigana de certo deslumbrou a memoria da pobre estrangulada da inquisição, e d'aquella Antonia Clara...[1]

---

[1] Os amores d'Antonia Clara devem ser contados por elle:

«D. Antonio Manuel, irmão do conde de Villa-Flôr possuiu, tres annos completos, a encantadora Antonia. Um transporte de ciume indispô'-los a ponto de ser despedida a formosa manceba por D. Antonio. Caíu-me em sorte; e, posto que D. Antonio se arrependesse de a ter assim tratado, o mal já não tinha remedio. Antoninha não quiz mais ouvir falar d'elle, e elle não ousava nem podia reclamar um bem, cujo legitimo possuidor eu era, porque eu lh'a não tirei por força ou velhacaria.

«Antonia, como fosse um dia confessar-se ao cura da sua freguezia, o confessór propoz-lhe que me abandonasse, e consentisse em fazer as pazes com D. Antonio. A moça extremamente magoada com tal conselho no confessionario, negou-se a acceita'-lo, e de volta revelou-me tudo. Custou-me a cre'-la, porque o confessor era pessoa muito do meu conhecimento *. Além de que suspeitei que Antonia me estava escarnecendo os favores, querendo mostrar-me que por amor de mim desprezava um piegas suspiroso da estofa e meritos de D. Antonio. Sem embargo, como eu sabia que este homem

* *Era o cura da parochia de Nossa Senhora dos Anjos de Lisboa, situada na estrada de Arroyos.*

Digitized by Google

—A Joanna é fatal!—disse Oliveira.—Fatal como todas as da sua tribu. Traz-me o coração debaixo dos

---

era particular amigo do cura dos Anjos, quiz convencer-me da verdade da solicitação que a moça com juramento me certificava. N'este proposito, mandei-a, passados dias, procurar o padre e dizer-lhe, que estando de mal commigo, e reflectindo no que lhe convinha, resolveu acceitar os eu conselho, e voltar para D. Antonio; e por isso pedia ao cura que fosse a casa d'ella ao outro dia entre as dez e onze horas da manhã, asseverando-lhe que eu, a tal hora estava no tribunal *. O pobre cura cahiu na esparella, chegou á hora combinada, e declarou a Antoninha qual era a força de paixão que D. Antonio por ella conservava, accrescentando que ninguem melhor do que elle merecia, e d'alli se ia logo a levar-lhe a boa e inesperada nova.

N'isto, sahi eu d'um esconderijo, e disse-lhe que para ir mais depressa, saltasse pela janella, o infame recoveiro! Um raio se cahisse sobre o padre, decerto o mataria; mas, ataranta'-lo tanto como elle ficou decerto não. Ajoelhou-se-me aos pés, pedindo-me em nome de Jesus Christo e de sua Santissima Mãe que lhe perdoasse o ultraje e desgosto que me elle queria dar. Eu estava iradissimo, e resolvi castiga'-lo deveras, porque estava em minha mão perde'-lo. Não obstante, deixei-o; e d'isso me não arrependo. Quatro annos depois fez-me uma grosseria na sua igreja, offendeu-me, e deu azo a que eu contasse o caso a dois amigos d'elle: logo que o soube, tratou de reconciliar-se comigo. Desprezei-o então, e ainda o desprezo se está vivo, muito mais por sua ingratidão que por os seus outros desregramentos.

Amusement périediqu — 2.º vol. pag. 388 e seguintes..

* *Eu servia então o rei no tribunal de contas, do qual meu pae era contador ou conselheiro.*

Digitized by Google

pés. E' a mais vergonhosa e mais doce escravidão da minha vida. Minha mãe chora muito por mim ; porém as lagrimas que eu tenho chorado pela cigana... são incomparavelmente mais. Enche-me o peito de brazas a maldita com os ciumes que me faz!

—Olha lá...—atalhou Antonio José.—Como foi aquella passagem d'expulsares o diabo do corpo da mãe d'ella?... Falaram-me n'isso em Coimbra... Crês, ao menos, que o diabo entra nos corpos?

—Entra, e sahe facilmente pelo processo que eu empreguei na mãe de Joanna. Ahi vae a receita. Corria como cousa averiguada que a velha estava incubada do demonio. Os tregeitos e destemperos, que ella fazia em casa, eram pavorosos. Não me deixava parar meia hora socegado com a filha. De repente, começava a espumar, a rolar os olhos, a ranger com os dentes, e a caratear visagens de tamanho horror, que se me arripiavam os cabellos. Os criados andavam de dia e de noite a chamar confessores e exorcistas. Entrei a suspeitar que a energumena era uma perversissima impostora. Entendi-me com a filha, communiquei-lhe as mesmas desconfianças, e ella concordou. «Havemos de cura'-la» disse eu a Joanna. Vespera de Natal, entra o tal demonio com ella por volta das onze horas da noite. Escabujava nos braços da filha, dava pontapés de derrear um elephante, colleava-se como serpente e pinchava como uma cegonha no sobrado. Depois cahia em lethargia apparentemente mortal. Eu ja me tinha preparado para a cura. Levava comigo dois tijolos que mandei aquecer

Digitized by Google

até os abrazear, e depois ordenei a Joanna que os achegasse ás solas dos pés da mãe, os quaes estavam nus e fóra do leito, onde eu a mandara pôr. Parece que o demonio d'ella estava alerta: porque assim que eu falei em tijolos quentes, recobrou os sentidos de golpe, sentou-se na cama, chamou-me barbaro, algoz e disse contra a filha insolencias diabolicas. O certo é, amigo Antonio, que a velha nunca mais foi vexada de diabo nenhum, e passa regularmente. Aqui tens como foi.

—E com a Joanna, como te vaes dando?

—Já te disse: sempre traspassado das agulhas do ciume. Agora, está ahi em Lisboa um castelhano que me dá que fazer. Ja lhe segui de noite o vulto para o atravessar com a espada; mas as mortificações que eu tenho causado a meus paes, são já tantas, que me não posso resolver a matar o homem. Joanna já teve o desaforo de me dizer que o não acha feio nem desprezivel. Eu quiz cevar n'ella a minha raiva; mas deves saber que a cigana é mulher de faca, e não se ensaiaria em mim se me esfaqueasse, porque o exemplo já ella o deu com um dos meus predecessores na posse d'aquelle formoso seio, cofre d'um pessimo coração...

—E amas assim uma mulher?!—atalhou Antonio José da Silva.

—Amo, amo miseravelmente! Pergunta ao duque de Cadaval porque ama elle a Paulina que o atraiçoa todos os dias; pergunta ao conde d'Arouca porque ama aquella impudentissima Rocha, que o cobre d'irrisoria ignominia; pergunta ao rei porque amou com tão cega paixão a dis-

Digitized by Google

soluta Margarida do Monte que morreu freira no convento da Rosa, o anno passado! [1]

—Tens um sestro fatal!—observou Antonio José.—E quando tu, ha tres annos, falavas em morrer ethico d'amores pela actriz hespanhola Zabel Gamarra!

—E' verdade... Já sabes que ella professou nas Agostinhas no convento de Santa Monica?

—Bem sei. E o marido professou tambem?

—Não: foi-se embora, depois de receber seis mil cru-

---

[1] O amante de Paulina era D. Jayme Pereira, cunhado d'el-rei D. João V. Tirante a miseria d'aquelles escandalosos amores, o duque foi um dos mais respeitaveis e respeitados fidalgos do seu tempo. A manceba do conde de Tarouca, mulher da infima plebe, chamava-se a *Pelles* d'alcunha; mas como casasse com um fulano Rocha, criado do conde de Tarouca, tomou-lhe o appellido. *Como* BOM *homem, que era este marinheiro,* diz o cavalheiro de Oliveira, *conseguiu ser criado supranumerario da imperatriz Amelia.* O cavalheiro referia-se á imperatriz d'Austria, onde o conde de Tarouca pae do conde em questão foi ministro portuguez. A tal *Rocha* ou *Pelles* fugiu ao conde para os braços do pobre Domingos d'Araujo Soares, capellão particular, que tinha sido, do conde. *Este padre,* diz Oliveira, *nunca disse missa: unica virtude que elle praticou. Era um scelerado de profissão.* Cumpre saber que o conde tinha tirado a Rocha ao pae, insulto de que o padre vingou o velho. O chronista, a respeito d'esta balburdia de perfidias, exclama com um poeta francez:

Amour, amour, quand tu nous tiens,
On peut bien dire: adieu, Prudence!

Digitized by Google

zados, que lhe deu em troca da esposa, o marquez de Gouvêa...

—Não é cara—disse Antonio José.—Quanto achas tu que levou de Portugal aquella Petronilla de D. João V?

—E' incalculavel. O sabido e notorio é que ella levou de Lisboa trinta bestas carregadas, e que as damas de primeira plana d'Hespanha, quando a viram carregada de joias no theatro de Madrid, assombraram-se do tamanho dos brilhantes. Vê tu onde foram cahir as joias das rainhas de Portugal, e as mais preciosas, que vieram do Oriente no reinado de D. Pedro II!... Voltando á Gamarra, deixa-me contar-te episodios galantes, que iam descambando em tragedia, e póde ser que afinal disparem em terrivel catastrophe. O marquez de Gouvêa bebe os ventos pela mulher, principalmente depois que a metteu no convento e lhe vestiu o habito! Soror Isabel folga de ter acorrentado ás grades do mosteiro o grande senhor. Aconteceu, ha mezes, manda'-lo chamar a Gamarra, ao mesmo tempo que o rei. O marquez vacillava afflictamente, sem saber decidir-se. Sahe o marquez, entra no coche, e diz ao cocheiro que o leve á côrte; mas, a meio caminho, manda desandar para o convento de Santa Monica. Para encarecer o seu amor, diz á freira que el-rei o estava esperando; porém, antes desagradar ao rei que á sua amada. «Se não procedesses assim, não me verias mais» disse-lhe soror Isabel.—Mas, tornou o marquez, calculas quanto arrisco por amor de ti?—«Deves arriscar—redarguiu ella.—*Antes*

Digitized by Google

que todo es mi dama, ajuntou ella, em hespanhol com o titulo da comedia de Calderon.—Quem se não sacrificar por mim não me ama, nem me agrada.» Seguiu-se dar-lhe o marquez o seu retrato engastado em circulo de brilhantes, e jurar obediencia eterna. Depois, com o consentimento d'ella, foi ao rei. Este dialogo ouvi-o da grade proxima, porque eu estava com ella quando se annunciou o marquez...

—Então é certo que a amas e és... amado, como os outros...—interrompeu Antonio José.

—Não. Sou confidente do unico homem que ella sinceramente ama. Conheces o meu amigo Valentim da Costa de Noronha?

—Tambem esse! casado! pae de quatro lindos filhos, esposo d'uma virtuosisssima senhora!...

—Tudo lhe sacrificou á funesta mulher! Está sem amigos, sem consideração, sem filhos, sem mulher, e receio muito que breve esteja sem vida. Já duas vezes os sicarios do marquez lh'a quizeram roubar. D'uma vez o ajudei eu a defender-se, contra quatro assassinos. Se o não matarem, mais hoje mais ámanhã, alguma ordem do rei o manda fechar n'alguma torre... A despejada mulher, depois que o marquez sahiu da grade, fez-me portador do retrato e dos brilhantes do amante, como presente a Valentim de Noronha!... [1]

---

[1] Estas noticias, extrahidas dos citados livros de Francisco Xavier de Oliveira, devem ser aqui competentemente encerradas com o remate da biographia da freira agostinha. Com

Digitized by Google

—Agora, falemos de ti. A judiasinha tem-te escripto? Conta-me alguma cousa da exquisita Leonor dos teus sonhos... Que sabes d'ella? Vem para Portugal?

—Vem brevemente. A ultima carta de Sára para

---

referencia ao merito d'ella como actriz, escreve o cavalheiro: *Gamarra étoit certainement la plus belle actrice que nous ayons vû sur le théatre de Lisbonne; elle etoit jeune, enjoueé, engageante: elle avoit beaucoup d'esprit, de vivacité, et de grands charmes dans toutes ses manières.* A'cerca dos seus costumes, diz: *Elle avoit un mari et un galant déclaré. Elle n'avoit donc qu'un seul défaut, c'étoit celui d'être ou affectée ou infidèle: elle trahissoit également et son mari et son galan: elle avoit de l'aversion pour l'un, et seulement de l'estime pour l'autre...*

O amigo d'Antonio José da Silva previa o destino de Valentim de Noronha em uma das duas hypotheses. Por ordem regia, Noronha foi encarcerado no Limoeiro, a pedido do marquez de Gouvêa. Ao fim de nove mezes de prisão rigorosa, teve o preso a boa sorte de morrer o marquez no vigor da idade. Não obstante, D. Gaspar de Moscoso e Silva, tio do marquez defunto, e sumilher da cortina d'el-rei D. João V, embargou por muito tempo o livramento do preso, para assim vingar o affrontado sobrinho.

A freira, assim que o marquez expirou, quiz voltar para o marido, que representava nos theatros d'Hespanha. Obstaram-lhe as leis á renunciação dos votos com que professara. Gamarra tomou o mais summario dos expedientes. Fugiu do convento, ligou-se ao marido que tinha ido furtivamente a Lisboa, passou a Hespanha, e voltou á vida antiga do theatro. Eis aqui uma creatura á espera d'um romance em tres volumes, graças ás informações de Francisco Xavier d'Oliveira.

Digitized by Google

minha mãe, diz que por estes seis mezes deixam a nevada Hollanda em que o coração da pobre menina morre de frio! Olha que ainda me não escreveu palavra que não venha entanguida do frio lá da terra! Aos versos responde na mais chan e sovina prosa que inventaram mulheres desamoraveis.

—Tu és um tolo sincero!—exclamou de golpe Francisco Xavier.—Pois tu podes amar seriamente a moça, que nunca viste, só porque te disse tua mãe que ella, muitos annos antes de nascer, já era destinada tua mulher?

—Posso e amo—disse Antonio José.—Phantasiei-a. Não sabes tu o que é phantasiar, meu sebastianista? Pois tu não imaginavas, ha pouco tempo, um rei D. Sebastião que tinha morrido seculo e meio antes? Então que tem que eu espere a felicidade d'uma mulher, que vive, e se veste das côres celestes que a minha phantasia lhe dá? Sei que ella é formosa: que tem que eu a imagine formosissima? Sei que é instruida: que faz que eu a phantasie uma das irmãs Sigeas? Se os meus sonhos hão-de acabar, quando me ella apparecer, pouco perdi: os adornos, que a minha imaginativa lhe deu, são propriedade minha; posso da'-los a quem eu quizer depois. Isto que tem d'extraordinario?

—Pois—tornou Oliveira—se não queres ser tolo extraordinario, serás um tolo vulgar.

Digitized by Google

CAPITULO III

Antonio José da Silva grangeara fama de abalizado engenho. As suas jacosidades metricas andavam manuscriptas por mãos dos entendidos, que as encareciam, por mais ou menos aquinhoarem das graças litterarias da epoca, em nossos dias consideradas aleijões contagiosos das escolas italiana e hespanhola. D. Francisco Xavier de Menezes, quarto conde da Ericeira, o mais fecundo e menos contaminado escriptor portuguez d'quelle tempo, recebia Antonio José em sua casa, folgava d'ouvi'-lo recitar as suas comedias entremeadas de chistosas arias, recitava-lhe cantos da sua insulsissima Henriqueida, e aconselhava-o a transviar-se da imitação servil dos hespanhoes em composições theatraes, e dos trocadilhos de Gongora nos poemas graves, em que apenas o bacharel por acaso se entretinha.

Francisco Xavier de Oliveira, reputado mancebo de rara inventiva e copiosa leitura nas intercadencias das notorias travessuras, era tambem das palestras e saraus litterarios do conde da Ericeira.

Um dia, Antonio José e Francisco Xavier encontra-

Digitized by Google

ram na livraria do conde, folheando nos livros, emquanto o fidalgo não entrava, um Bartholomeu Lobo Corrêa, sujeito dado ás letras, com o infortunio deploravel de se não darem as letras com elle. O conde, como amigo de gente ledora, ou porque não estremasse os incapazes, ou por se compadecer dos inintelligentes, acolhia Bartholomeu, dizendo aos mais intimos que o pobre sujeito não tinha culpa de sahir milagrosamente mais sandeu que o pae.

O pae d'este Bartholomeu tinha sido um Pedro Lobo Corrêa, escrivão da contadoria geral, fallecido em 1708. Este sujeito entrára no templo das letras com o offertorio d'um livro de sua lavra, intitulado *Vida de Adão e orações contra as tempestades.* O titulo somente, sem ajuda das parvoiçadas interiores do livro, tinha sido o epitaphio do litterato, tolhido no nascedouro.

Passados annos, como a paixão das letras o espicaçasse, deu-se a traductor do hespanhol, e sahiu a mais modesto lume com o *Nascimento, vida e morte admiraveis do grande servo de Deus Gregorio Lopes, natural da villa de Linhares: composto pelo licenceado Francisco Losa, traduzido na lingua portugueza, e accrescentado* (vejam a tentação do demonio da originalidade!) *o fim e primeiro capitulo.* Ora, o fim e primeiro capitulo do livro era sobre modo tolo.

Além d'outras traducções, Pedro Lobo, querendo dar testemunho publico de sua piedade, das excellencias do seu christianismo, e assanhado rancor á raça hebraica, traduziu do castelhano um livro revulsivo intitulado:

Digitized by Google

Sentinella contra judeus, posta em a torre da igreja de Deus, etc. Feito isto, e mais alguns serviços á religião da caridade e ás letras portuguezas, morreu Pedro Lobo, deixando ainda um volume, o peior e mais brutal de todos, que era o filho Bartholomeu.

Estava, pois, Bartholomeu Lobo folheando os preciosos livros do conde da Ericeira, quando entraram Antonio José da Silva e Francisco Xavier. Depós estes, entrou o padre Luiz Alvares d'Aguiar, prior de S. Jorge, homem de sessenta annos e alegre sombra de velho em cujos olhos lampejavam ainda os clarões da juventude.

Antonio José, que sinceramente odiava Bartholomeu, já pela estupidez herdada já pela propria, não perdia lanço de o metter a riso com salgadas galhofas na presença da fina e algum tanto livre sociedade do conde. Casualmente, relançando os olhos á livraria, o hebreu enxergou o livro em 8.º, intitulado: *Sentinella contra judeus etc.* Tirou o livro, e disse:

—O' Francisco Xavier, já leste um diamantino livrinho traduzido pelo pae aqui do sr. Bartholomeu? *A sentinella contra judeus!*

—Oh!... oh!... — cacarejou gargalhando o padre Luiz Alvares.—Isso é uma obra que faz cocegas nos pés á gente.

—Então porque?—perguntou o abespinhado filho do defunto traductor.

—Porque?!—tornou o padre—porque é obra recheada de sandices, e immoralmente porca e torpe.

—Que outro dissesse isso...—retorquiu Bartholo-

Digitized by Google

meu—mas vossa mercê, que é padre, e homem bem nascido!...

—Quer vossa mercê—tornou o presbytero—que os padres e homens bem nascidos sejam tão alarves como o senhor seu pae, que Deus haja na bemaventurança dos pobres de espirito?

Antonio José e Francisco Xavier riram. Bartholomeu, em harmonia com a sua costumada parvoice, riu tambem; todavia, o onagro, que fareja a femea nas brizas de maio, ri com mais espirito.

O filho de João Mendes abriu ao acaso o livro, leu mentalmente algumas linhas, e disse:

—O' sr. Bartholomeu, vossa mercê estará na persuasão em que morreu seu engenhoso pae a respeito das doutrinas d'este livro?

—Eu creio tudo em que meu pae creu. Tudo que elle escreveu ou traduziu são verdades—respondeu o sujeito.

—Bem. Então defende o que se diz aqui, respeito á raça hebraica?

—Defendo, sim, senhor. São as doutrinas da igreja; e por assim o entender, mandei reimprimir esse livro ha quinze annos.

—Fez vossa mercê muito bem, sr. Bartholomeu—obtemperou Francisco Xavier de Oliveira.—Estamos n um paiz em que o livrinho de seu pae ha de ser ainda terceira vez impresso. [1]

---

[1] Foi effectivamente reimpresso em 1748.

Digitized by Google

—Merece-o!—ajuntou Antonio José da Silva.—Ora digam-me se a immortalidade não é pequeno galardão para um livro onde se leem estas cousas. Attendam:... *Se os homens pozeram cuidado em sinalar os judeus, para que fossem conhecidos por suas traições, não menos cuidou Deus de os sinalar para confusão sua, e castigo do que mereceram seus antepassados. Não são em alguns mui patentes os signaes que por sua mão lhes põe a natureza; mas em outros se descobrem claros e evidentes, sem que á gente os possa seu cuidado esconder ou encobrir... Digo pois que ha muitos sinalados pela mão de Deus, depois que crucificaram a sua divina magestade; uns...*

— Reparem n'isto!—exclamou Antonio José interrompendo a leitura.—Reparem, por honra da historia natural e do defunto Lobo morto, e do Lobo vivo!

E proseguiu na leitura: *Uns teem uns rabinhos que lhes sahem do seu corpo do remate do espinhaço; outros lançam e derramam sangue...*

—Alto lá!—atalhou o padre Luiz Alvares.—Estão senhoras na sala proxima: quem quizer, vá ler á rua o restante da immundicia. [1]

—Eu já li—disse Francisco Xavier apertando as cartilagens do nariz.—Isto vapora miasmas de latrina.

—E com que então—repetiu o hebreu—está vossa

---

[1] O leitor, se não prescinde de ver o restante da immundicia, como judiciosamente dizia o prior de S. Jorge, veja a pag. 171, da ediç. de 1684.

Digitized by Google

mercê persuadido, sr. Lobo, que alguns judeus teem uns rabinhos que lhes sahem do seu corpo do remate do espinhaço?

—Estou, sim, senhor.

—Já viu d'essas cousas com os seus olhos penetrantes? Agora vejo eu tambem que não é chimerico o anexim respectivo aos entendidos que mettem o nariz em tudo! Que grande alcance e que profundas investigações por logares tão desfrequentados tem feito o seu nariz de sabio, sr. Bartholomeu!

O padre Luiz Alvares de Aguiar, desabafados os impulsos de riso, compoz o semblante, e disse:

—E' grandissimo desdouro para Portugal que este e quejandos monstros da loucura humana corram impressos. Lastimo, sr. Lobo, que vossa mercê ande a fazer ganancia com estes excrementos das pobres e servis vigilias de seu pae, cuja capacidade intellectual está medida por esta producção, que elle foi buscar, para traduzir, aos escoadouros de Castella. Veja, por honra sua, amigo e sr. Bartholomeu, se póde chamar a si todos os exemplares d'esta vergonhosa obra, e queime-os; queime este opprobrio de seu pae e seu. Queime-os...

—Ou dê-os—accrescentou Antonio José—para alimentar as fogueiras d'algum judeu...

—Póde ser...—murmurou Bartholomeu, a ponto que vinha entrando o jovial conde da Ericeira, pedindo desculpa da demora.

—Que livro lê o nosso moderno Gil Vicente?—perugntou o conde.—Ah!... *Sentinella contra judeus*...

Digitized by Google

Isso é galante livro, que prova o adiantamento da historia natural nas Hespanhas. Fala ahi de uns rabinhos...

—Com elles nos entretinhamos—acudiu o prior de S. Jorge.

—E viram, tornou o conde, o porque de terem rabinhos alguns israelitas? A explicação está duas paginas adiante.

—Cá está—disse Antonio José, e leu: *Os que teem os rabinhos no remate do espinhaço, são por linha direita descendentes d'aquelles que entre elles eram mestres, a quem chamavam rabbis, e nós nomeamos rabbinos; estes se tentavam a julgar, e hoje ensinam sua lei como mestres e juizes, e para pena sua, e sentados não possam estar sem molestia e trabalho, lhes sahem aquelles rabinhos no proprio logar que lhe póde causar penalidade.*

—Parece que o sr. Bartholomeu Lobo está com azeda sombra!—atalhou o conde.—O' nosso amigo, seu pae não tem que ver com a nossa critica. A um traductor tão somente se pede contas da lealdade da versão; e, a meu ver, esta versão do hespanhol é fidelissima. Da má substancia do livro está seu pae inculpado, amigo Lobo.

—Meu pae, sr. conde—disse Bartholomeu—não pede desculpa de ter feito um bom serviço á religião. Aos judeus é que elle não fez grande favor, traduzindo este religioso livro, de que estes senhores estão zombando.

Bartholomeu feriu com os olhos as costas de Antonio José da Silva, quando proferiu as palavras: *aos judeus...*

Digitized by Google

O filho de Lourença Coutinho apanhou-lhe no ar o tiro, volveu-se rapido para elle, e disse:

—Os judeus que tiveram a desventura de nascerem em territorio portuguez teem quinhão na ignominia d'este livro, por estar em linguagem que se parece tanto ou quanto com a portugueza; em quanto ao mais, Deus nos livre que o santo officio acreditasse na existencia dos rabinhos!... A perversidade, em geral, costuma ser menos estupida. Hoje não haveria ninguem que quizesse inspeccionar as taes excrescencias a não ser vossa mercê, sr. Bartholomeu!...

O conde fez a Antonio José um expressivo gesto de silencio.

Bartholomeu deteve-se alguns instantes, e pediu licença para retirar-se, comprimentando profundamente o padre, o judeu e o filho do contador-mór.

—Faz mal, sr. Silva—disse o conde gravemente, depois que Bartholomeu sahiu—faz mal em disparar tão certeiras flechas contra a cabeça dura d'este homem! Vossa mercê esquece-se de que ha no Rocio um palacio, que se chamou dos Estáos, e hoje se chama vulcão de fogueiras. Tenha prudencia. Diante de mim, diga o que quizer a favor de Moysés e contra S. Paulo; mas do maior numero de sujeitos, que entram n'estas salas, guarde-se.

Digitized by Google

CAPITULO IV

Quinze dias volvidos, aos 6 d'agosto de 1726, entrava Antonio José da Silva, segundo o seu costume quotidiano, no escriptorio de seu pae, quando tres familiares do santo officio lhe ordenaram que os seguisse ao tribunal. O hebreu hesitou alguns instantes, meditando no mais facil meio d'escapar-se. Um dos familiares, entrando-lhe no animo, descerrou um riso d'escarneo, e disse:

—Não pense em fugir, que as avenidas da sua casa estão vigiadas. Em toda a parte ha *sentinellas contra judeus.*

Antonio José da Silva entendeu a allusão. Pediu que o deixassem despedir de seu velho pae e de sua mãe, obrigando-se a subir acompanhado. Negaram-lhe a licença, solicitada com lagrimas.

Antonio José sahiu na frente dos tres familiares, e pediu ao mercieiro visinho que avisasse seus paes de que elle ia preso.

No mesmo dia e á mesma hora, foi tambem preso o

Digitized by Google

prior de S. Jorge, Luiz Alvares d'Aguiar, e conduzido aos carceres da inquisição.

A captura do filho de Lourença Coutinho não fez estranheza. A inquisição e os devotos lembravam-se ainda da judia, que sahira absolta d'onde a piedade requeria que saísse de carocha e sambenito. Grande parte do publico estava escandalisado d'aquelle singular caso d'indulgencia, que, até certo ponto, ameaçava quebranto na inteireza dos inquisidores. Por isso, com a noticia da prisão d'Antonio José da Silva, os pios escandalisados sentiram a satisfação desaggravante.

Em quanto ao prior de S. Jorge, muita e boa gente se espantou. O padre Alvares d'Aguiar, oriundo de mui illustre familia, em limpeza de sangue podia pleitear antiguidade com a mais primorosa raça de christãos. Corria fama de que elle, desde os quinze até aos sessenta e tantos annos que tinha então, se distinguira em femeas mundanidades, amando as mais formosas e fidalgas com requintado e versatil amor nem sempre ideal. A' volta d'elle, no dizer do seu amigo Francisco Xavier d'Oliveira, florecia uma especie d'harem espiritual, composto de tenras e juvenis bellezas, das quaes elle se denominava pae, sendo, ao mesmo tempo, dono e galã. Este bom padre—diz o contemporaneo—que outra quebra não tinha senão a paixão do amor, não deixava ressumar a sua tendencia nem por obras nem por palavras. Apenas sustentava que *o amor é o complemento e epitome de toda a lei; e que a chamada caridade nas santas escripturas não é senão o amor, segundo S. Jeronymo.*

Digitized by Google

Bem que amasse idolatricamente as mulheres formosas e as de mais lustrosa raça, nunca falava senão do amor de Deus; e d'este amor parecia desbordar-lhe o coração, se attentarmos nas magnas obras de caridade que elle constantemente exercitava. Diz mais o cavalheiro d'Oliveira: «Eu vivi muito na sua intimidade. Tão excellentes no amago eram as qualidades d'elle, que toda a gente o estimava, sem distincção das mais gradas pessoas de Portugal, quer pela qualidade de sua fidalguia, quer por seu copioso saber.»

Todos, pois, se maravilharam e condoeram. Ninguem sabia conjecturar o motivo de semelhante prisão. Quem, com effeito, mais cabalmente podia informar a curiosidade do publico, sería o filho do traductor da *Sentinella contra judeus*.

Esperemos-lhe a sentença.

João Mendes da Silva, tão depressa pôde transportar ao leito sua mulher desmaiada e como morta pelo golpe da noticia, correu a casa do conde da Ericeira a pedir a redempção de seu filho. O conde ouvia aterrado a nova, e disse:

—Eu previ isto... Sei d'onde partiu a denuncia... Vá com Deus, que eu começo já a trabalhar na salvação do pobre moço.

D'aqui, foi João Mendes em cata do contador, pae de Francisco Xavier d'Oliveira. Encontrou-o afflicto.

—Tambem meu filho, disse José d'Oliveira e Sousa, esteve em risco de ser hoje preso. Salvou-o hontem sua mãe, ajoelhada aos pés do inquisidor, porque um con-

Digitized by Google

selheiro do santo officio se apiedou das minhas cans, e me avisou. Não sei que hei-de fazer em seu auxilio, sr. João Mendes!... Eu já sou tambem suspeito. Quando a inquisição prendeu o prior de S. Jorge, não sei que haja ninguem defeso!...

João Mendes sahiu desanimado. Foi ainda soccorrer-se d'aquelle Diogo de Barros, santo valedor de infelizes. O ancião algumas esperanças verteu no coração do septuagenario, dizendo-lhe que ainda era familiar.

—E então agora—ajuntou Diogo de Barros—agora que vinha ahi a filha do meu Jorge para se effectuar o casamento! E' preciso salvarmo'-lo antes que ella chegue. Eu não lh'o faço saber a ella nem a Sára. Recommende á sr.ª Lourença Coutinho que não diga nada para Amsterdam; ou, a dizer-lh'o, que as dissuada de virem a Portugal.

Antonio José da Silva foi conduzido ao chamado *corredor meio-novo,* carcere numero seis.

Ao oitavo dia foi levado a perguntas á chamado *mesa do santo officio.* Estava adeantada a instauração do processo. Leram-lhe o depoimento das testemunhas que o capitulavam de judaisante. Antonio José disse francamente que não tinha vivido como christão nem como israelita; mas, se lhe concedessem vida para o arrependimento, faria inteira abjuração de seus erros.

Aceitaram-lhe o abjurar; todavia, como elle não confessasse que em casa de seus paes se judaisava, pozeram-n'o a tratos, chamados de torniquete. A tortura exerceram-lh'a nas mãos, até lhes esburgar a carne dos

Digitized by Google

ossos. O padecente, consoante consta da consignação dos autos, no mais cruel remoer do torno sobre os dedos, invocava Deus, e não a Virgem, nem algum Santo do reino do céo.

Ao tempo d'este supplicio lento, com intercadencia de trevas na masmorra, que fazia Francisco Xavier d'Oliveira ?

Padecia tratos d'outra natureza.

Aquella Joanna Victorina, tão da sua alma, a cigana requestada pelo fatidico hespanhol, desappareceu-lhe um dia, deixando a mãe com a condição de a mandar buscar. Francisco Xavier, com dois membrudos creados, agarrou da velha, e ameaçou-a de a pôr a tormentos até lhe arrancar o segredo do destino da filha. A demoniaca d'outr'ora, ao lembrar-se dos tijolos ardentes, revelou que a sua Joanna fugira para Valladolid com um hespanhol, que lhe prometera palacios na sua terra e a mão de esposo.

O allucinado moço esqueceu o pobre amigo preso, a mãe angustiada, o pae que de puro medo da inquisição cahira enfermo, tudo esqueceu, porque a serpente do ciume se lhe enroscou no peito, e verteu peçonha aos seios da alma até lhe queimar as febras todas da amizade e filial amor.

Pediu o dinheiro que não pôde furtar dos contadores paternos, e foi caminho de Hespanha. Entrou em Valladolid, onde não conhecia ninguem; mas a seu pae ouvira dizer que D. Raphael Hernandes de Bobadilha,

Digitized by Google

alcaide de Valladolid, era seu amigo, e parente do marido de uma sua irmã, casada em Barcelona.

Apresentou-se-lhe ao alcaide: disse-lhe quem era e ao que ia. D. Raphael acolheu-o com benignas risadas, exclamando:

—Eu sei onde pára a cigana, meu ditoso rapaz!

—E o covarde que m'a roubou?—acudiu Xavier.

—Esse foi hontem preso: está no castello, e de lá veremos para onde as leis mandam os caudilhos de salteadores. Fica vossa mercê sabendo que a sua Joanna teve a honra de hospedar no largo peito o coração do mais temeroso bandido das Asturias. Agora veja lá se lhe serve a creatura enfarruscada com tão abjectos amores.

—Onde a encontro?—disse com vehemencia o portuguez.

—Na estalagem onde o salteador foi preso. Que quer vossa mercê fazer á mulher?

—Mata'-la!

—E' muito bem feito!—accedeu gravemente o alcaide.—Vá mata'-la, que é uma devassa a mulher! Faz um serviço á humanidade, D. Francisco! Eu, se não tivesse que fazer, ia tambem dar-lhe uma cuchilada no pescoço...

—D. Raphael está a zombar com a minha desventura?—interrompeu o moço.

—Não, senhor. Estou a recrear-me com vossa mercê, emquanto não chega o chocolate que mandei preparar... Ahi vem o chocolate. Sente-se para aqui, rapaz. Merende, e depois irá perpetrar o ciganicidio, a uma

Digitized by Google

hora propria d'essas atrocidades. Deixe nascer a lua, para os poetas de Hespanha terem azo de falarem na lua, ao cantarem em funerea chacara a morte da cigana ás mãos do traído paladim D. Francisco—o portuguez! Ai! que grilharia não vão fazer as musas! que poemas a pingar sangue não vão sair do peito esfaqueado de Joanna! Que leve a breca tal nome! Nunca vi Joanna em verso! E' pena que ella se não possa chrismar antes de morrer, cavalheiro! Se me dá licença, D. Francisco, ainda vou, por amor da poesia castelhana, entenderme com o bispo, a ver se a podemos chrismar. Faça-me o favor de não matar a rapariga até amanhã por estas horas!

Francisco Xavier tomava o chocolate, e ria-se quando não cravejava os dentes no beiço inferior.

Terminada a refeição, D. Raphael Hernandes de Bobadilha ageitou o aspeito gravemente, e disse:

—Fui, sou e serei amigo de seu pae. Estivemos em Flandres ha trinta annos: eramos ambos secretarios dos ministros de nossas patrias. Seu pae era honrado, e fidalgo da velha estofa. Vossa mercê ainda então se gerava nas entranha do nada, sr. D. Francisco. O resultado é estar vossa mercê quasi imberbe, e eu coberto de neve. Estas cans devem-lhe incutir a idéa de que eu já tive cabellos pretos, e experimentei tantas paixões quantos cabellos tenho. Está vossa mercê diante de um velho que lê nos refolhos do coração. A cigana que o trouxe a Valladolid, é mais amada hoje do que era antes de lhe fugir...

Digitized by Google

—Oh!—atalhou Francisco Xavier.

—Nada de rhetoricas nem de theatro, D. Francisco. Pergunto: quer levar a cigana? Vamos: responda!

—Preciso vingar-me! quero mata'-la, amando-a!

—N'esse caso, mate-a!—tornou o alcaide n'um tom de galhofa.—Eu vou mandar comsigo á estalagem quem lh'a ensine. Morra embora a Joanna, e fiquem os poetas tolhidos por causa do mais villão nome que ainda se ouviu em tragedias! Vá, vá, dom assassino!

Ergueu-se o alcaide, chamou da janella um quadrilheiro, e ordenou-lhe que conduzisse o seu hospede á estalagem que indicou.

Digitized by Google

CAPITULO V

E' minha opinião que ha umas lagrimas que teem a mirifica virtude de lavarem as manchas da perfidia no rosto da mulher amada.

Estas lagrimas são magicas, são os philtros do sortilegio com que a sciencia dos nossos antepassados andou ás voltas e com que a piedade alimentou a voracidade das fogueiras. São lagrimas que teem e encerram virtudes luciferinas: sahiram de laboratorio infernal; não são o sangue d'alma, como o padre Bernardes as definia.

Joanna Victoria, quando Francisco Xavier entrou no quarto em que ella estava escrevendo, tinha o rosto aljofrado d'aquellas lagrimas. A ira do moço afogou-se n'ellas. Cruzados os braços, crispantes os beiços, accendidos os olhos, Francisco Xavier d'Oliveira parou no limiar do quarto. Joanna ergueu-se, lançou mão do punhal que estava sobre um bufete, despiu-o da bainha, tomou-o pela ponta, caminhou solemne para o cavalheiro com os olhos no pavimento, offereceu-lh'o, e disse-lhe:

Digitized by Google

—Mata-me, que é um beneficio matar uma mulher que os remorsos hão de matar vagarosamente.

Francisco Xavier passou por diante d'ella, aproximou-se da mesa em que ella estava escrevendo, curvou-se sobre o papel, e leu.

Era a carta que a cigana escrevia á mãe, pedindo-lhe que a mandasse buscar, porque se via desamparada em Valladolid. Do homem, com quem fugira, apenas dizia que fôra atrozmente illudida por um infame. *Está vingado*, escrevia ella, *o bom moço que eu sacrifiquei; se o vir, diga-lhe que me não deseje maior desventura.*

Francisco Xavier, lido aquillo, voltou o rosto á cigana, que ainda permanecia queda com o punhal. Depois, sentou-se, a chorar, arquejante, afflicto, com o rosto abafado entre as mãos. Joanna abeirou-se d'elle, e ajoelhou, com o rosto pendido para o seio, braços pendentes, e o punhal na mão direita. Francisco Xavier viu-a assim; ergueu-se de golpe; quiz fugir impetuosamente. Ninguem lhe estorvou o passo; podia fugir á sua vontade, mas... o fatal enliço, a cadeia magnetica parecia arrancar-lhe o coração pelas costas, quando elle ia fugindo. Era a cigana!... o amor infernal d'aquella raça maldita de Deus, que tem por si a omnipotencia de Lucifer.

O moço girou sobre os calcanhares como manequim. Parecia uma cousa phantastica: de real apenas se sentia, n'aquelle quadro, a ridiculez dos olhares, das posturas e do silencio. Estava isto assim n'este curioso lance de se deverem rir um do outro, quando Joanna se

Digitized by Google

lhe atirou ao peito, expedindo um ai estridulo, um como grito do coração que morre. Se a não amparassem, cahiria; mas não cahiu. Os braços d'elle apertavam-n'a muito, muito; e, se os braços não bastassem a suste'-la, creio que elles se segurariam um no outro pela identificação dos labios.

E, depois não ha mais que dizer no tocante á reconciliação. O alcaide chegou a lançar o jantar com o riso, quando o portuguez lhe contava a passagem com os tregeitos e transportes que deram em resultado o jurarem-se reciprocamente um eterno amor de mais algumas semanas.

No dia seguinte, quando Francisco Xavier andava curando dos aprestos para a jornada, é que elle se encontrou com as duas perseguidas hebreas no adro da egreja. O leitor póde recordar-se.

Deteve-se ainda tres dias em Vallodolid Francisco Xavier de Oliveira, á espera d'alguma boa nova, com referencia ás presas. Com as boas esperanças de D. Raphael, sahiu o moço, acompanhado da cigana, para Lisboa.

Socegado de coração, cuidou em trabalhar no salvamento d'Antonio José da Silva. Desvaliosa protecção seria a d'elle, já tão mal visto do santo officio, que os paes incessantemente lhe pediam que fugisse de Portugal. Diogo de Barros despersuadiu-o de solicitar a misericordia de S. Domingos a favor do seu amigo, como patronato inconveniente ao preso, a menos que o não quizesse sobrecarregar.

Digitized by Google

Os valedores do filho de João Mendes, com quanto poderosos, ignoravam e temiam a sentença no fatal dia 13 d'outubro, designado para o auto da fé. Contavam Diogo de Barros e o conde da Ericeira com as favoraveis allegações dos qualificadores do Santo officio; desconfiavam, porém, do inquisidor-geral.

Soaram os sinos á chamada dos fieis para assisterem ás sentenças na igreja de S. Domingos. Entre os réos da vanguarda ia Antonio José com o sambenito, descalço, cabeça rapada ao lado do padrinho que lhe fôra nomeado. Ia elle entre os primeiros réos, era já signal de grande jubilo para os seus. Os que marchavam depós o crucificado, erguido em meio da procissão, esses já podiam d'antemão contar com as agonias da fogueira, porque já não viam a face do Christo. Antonio José da Silva ouviu o sermão dos labios piedosos d'um frade dominicano, que se esteve sempre em extasis diante da misericordia com que a santa inquisição andava em cata das almas tresmalhadas do caminho da gloria para as restituir ao seu criador.

Concluido o sermão, dois frades subiram ao pulpito-to para lerem a summa dos processos, e declarar as penas em que haviam sido condemnados.

A primeira sentença lida foi a do padre Luiz Alvares de Aguiar, accusado de prostituir as suas devotas no confessionario, crime que na tortura confessara. Privado do exercicio das funcções ecclesiasticas, foi condemnado a desterro perpetuo.

Antonio José da Silva, n'esta occasião sómente, sou-

Digitized by Google

be que o prior de S. Jorge fôra tambem victima da denuncia de Bartholomeu Lobo Corrêa.

Seguiram-se outros réos.

Depois, um familiar conduziu pela mão Antonio José ao meio das galerias, occupadas por frades, bispos, qualificadores e familiares. Ouviu ler o processo, que o accusava de ter hebraisado. A sentença era absolutoria, visto que o réo confesso abjurava as doutrinas dos dogmas judaicos. Em seguida levaram-n'o ao tope do altar, onde o fizeram ajoelhar, e pôr a mão sobre o missal. N'esta postura, recitou um protesto de fé, e esperou que o inquisidor o absolvesse da excommunhão e lhe impozesse a penitencia. [1]

Ultimada a leitura das sentenças, Antonio José, ao sahir do templo para entrar na *casa-santa,* [2] circumvagou os olhos pela multidão, e viu Francisco Xavier de Oliveira, ao par de sua mãe, que cobria o rosto e as

---

[1] Estes pormenores das ceremonias dos autos da fé, e outros que vierem ao intento n'este livro, encontrei-os auctorizadamente escriptos n'um raro livrinho da excellente livraria do meu douto amigo José Gomes Monteiro. Intitula-se o livro, escripto em francez, e impresso em 1688, *Relation de l'inquisition de Goa.* O narrador foi um medico francez que lá padeceu dois annos de carcere como hereje, e veio para Portugal condemnado a cinco annos de galés, d'onde o salvou um medico francez, que o era da rainha D. Maria Francisca de Saboya, mulher de D. Pedro II. Opportunamente darei mais ampla noticia do contexto do livro.

[2] Era assim denominado o tribunal da inquisição.

Digitized by Google

lagrimas com a mantilha. Entrou no tribunal, despiu o sambenito, os calções e a jaqueta parda listrada de raios brancos: entregou ao alcaide da inquisição a vestimenta, e esperou que o inquisidor, duas horas depois, lhe designasse em lista manuscripta os artigos da penitencia, e lhe cruzasse a ultima benção misericordiosa.

Ao anoitecer, o filho de João Mendes entrou na liteira do contador-mór, e foi conduzido a casa de seus paes. Lourença Coutinho, quando lhe viu os dedos macerados e as articulações das phalanges ainda chagadas da tortura, perdeu os sentidos nos braços do filho. O ancião, com as mãos erguidas, abafava de soluços, desviando os olhos das mal fechadas cicatrizes, que o moço mostrava. Francisco Xavier, a praguejar, blasphemava da Providencia, duvidando que ella existisse, e impassivelmente se revisse nas atrocidades d'este mundo.

Antonio José da Silva, nos primeiros dias de liberdade, fez suspeitar desconcerto de juizo, á conta de uns ares sombrios e semblante empedernido em que se deixava estar, longas horas, n'um terrivel quietismo. A primeira vez que sahiu de casa, foi ao convento de S. Domingos tratar cousas espirituaes com frades de boa nomeada em virtude e saber. Fugia aos seus antigos conhecidos, e nomeadamente a Francisco Xavier de Oliveira, que mais que todos se compadecia da estragada cabeça do pobre Antonio. Quando o amante de Joanna Victorina lhe queria contar os successos de Valladadolid, Antonio José cortava a narrativa, pedindo que lhe não desnorteassem o espirito. Oliveira ria-se á suca-

Digitized by Google

pa dos tregeitos pios do amigo, o qual, por vezes, era na verdade irrisorio, referindo seraphicamente as suas visões e sonhos beatificos.

Esta enfermidade cerebral, effeito das trevas, da insulação e tormentos da santa-casa, guareceu-a lentamente o correr do tempo. Este melhoramento, porém, não impedia que Antonio José, um dia por outro, fosse ao covento de S. Domingos conversar, instruir-se e roborar a sua piedade com os frades.

Entretanto, Lourença Coutinho e João Mendes, grandemente auxiliados pelo tio de Jorge de Barros, curavam incansaveis do livramento de Sára e Leonor. Ao principio, Antonio José ouvia falar d'ellas com uma quasi estranheza, e depois com piedade. Dizia elle que a desgraça era necessaria, quando nos sahia ao encontro fóra da estrada direita, porque, sem ella, nunca nos resgatariamos d'atalhos perigosos e conductores á perdição. Oxalá—ajuntava elle—que Sára e Leonor aprendam a verdadeira religião, como a mim me aconteceu!

Lourença chorava quando isto ouvia. Francisco Xavier olhava-o em rosto com sincera amargura, e de si para si dizia: «Endoideceram-n'o!»

D. Raphael Hernandes avisou o seu velho amigo José de Oliveira que as duas presas sahiriam infallivelmente no primeiro auto da fé; pelo que, estavam sendo superfluos os empenhos que iam de Portugal para o inquisidor e qualificadores do santo-officio. Asseveravalhes que o santo-officio em Hespanha era muito menos rigoroso que o tribunal portuguez; e, no caso das duas

Digitized by Google

mulheres, não havia nada que receiar senão a prisão de mais dois mezes, em um quarto bem alumiado e provido de tudo que ellas á sua custa mandavam procurar.

Ao aproximar-se o dia 26 de janeiro, Diogo de Barros, carregado d'annos e virtudes, quiz prestar ainda os bons officios de parente á filha de seu sobrinho Jorge, indo a Valladolid buscar as duas senhoras, para d'alli as conduzir para o seio da sua familia. Francisco Xavier de Oliveira, o moço romanesco, afigurando-se-lhe cavalheirosa bizarria apparecer n'uma hora feliz ás damas, que o viram em afflictissimos momentos, acompanhou o ancião, muito a beneplacito do pae, que se atormentava com medo das iras do filho contra os inquisidores.

E chegados estamos, pois, ao ponto em que Sára e Leonor sahiram absoltas e penitenciadas da inquisição de Valladolid, no auto da fé, de 26 de janeiro de 1727.

Digitized by Google

CAPITULO VI

Aposentou-se Sára em casa do tio de seu marido.

Lourença Coutinho e a sua amiga encararam-se e duvidaram uma da outra. Na desfiguração d'estas atormentadas mulheres só a continuada reminiscencia poderia entrever umas sombras da antiga formosura.

Sára quiz ver Antonio José, o homem formado d'aquella creancinha que andava na Covilhã com sua filha ao collo, e tanto chorara por ella na despedida. O moço encarou estupefacto em Leonor. A visagem não era bem de espanto: estava alli o quer que fosse do idiota, que procura no seu passado um raio de luz da apagada luz da sua razão, do seu amor, de suas esperanças.

Leonor contemplava-o triste da commum tristeza das piedosas almas. Não o tinha amado; mas affizera-se a pensar n'elle. Imaginava-o moço de muitos espiritos, d'airosa presença, sympathicamente melancolico; e via alli um homem como entanguido de frio d'alma em espasmos de santa introversão, olhando para ella com assombro, e para os outros com certo ar de quem pede

Digitized by Google

que lhe allumiem as escuridades da memoria do seu coração.

Leonor, avisada por Lourença, do estado lastimoso em que a tortura lhe transformara o filho, chamava-o ás recordações do passado, recitava-lhe os versos d'elle que recebera em Amsterdam, pedia-lhe que lhe dissesse poesias novas; e convidou-o, uma vez a glosar-lhe uma quadra. Antonio José da Silva accedeu com um sorriso, e disse:

—Uma quadra espiritual... Seja! Diga que eu vou escreve'-la...

Mas, ao curvar os dedos para segurar a penna, soltou um leve gemido, e murmurou:

—Esquecia-me que não posso escrever... Tenho os dedos quebrados! [1]

—Infames frades!—exclamou Leonor.

—Por quem é!...—acudiu Antonio José—por quem é!... não fale assim, Leonor! não fale... que eu posso ser seu accusador na tortura!... Eu tinha desejo de morrer, quando me deram os tratos; por isso não accusei meu pae e minha mãe, mas aquelles que não podem com a dôr nem com o terror da morte... esses accusam pae, mãe, esposa e filhos... denunciam-se a si, calumniam-se, deshonram-se, condemnam-se a inferno sem

---

[1] «... torturado tão cruelmente que os dedos lhe ficaram em tal estado que por muito tempo não pôde nem assignar o seu nome.» Costa e Silva — Ensaio biograph. T. 10, pag. 331.

Digitized by Google

fim, para não sentirem o repuxar e estalar de cada fibra do seu corpo, e o gotejar de cada gota do seu sangue, e o apagar-se compassado, lento, horrendissimo de cada faisca luminosa do seu espirito.

—E como eram as torturas... como foi que lhe pozeram as mãos n'este estado?—perguntou Leonor.

Antonio José da Silva fitou-a como espantado da pergunta, e disse:

—Nunca revele o que viu na inquisição de Valladolid, Leonor: olhe que não ha perdão para a boca imprudente que deixou passar uma palavra reveladora do que lá vae n'aquelles infernos!...

E, dito isto, com torva e mysteriosa solemnidade, o filho de Lourença Coutinho sahiu impetuosamente d'entre as familias hebraicas e christãs que o viam e ouviam com os olhos marejados de lagrimas.

—E aquelles nossos planos, Lourença!—disse Sára. —Vê tu como a desgraça no'-los desfez!... Teu filho, se assim vae... podemos perder a esperança de o trazer a uma regular vida em que possa realisar-se o casamento. Elle nada te diz?

—Se eu lhe falo n'isso, diz-me que está morto para a felicidade, e que lhe não resta esperança de restaurar nada do que perdeu. D'antes era triste; agora está continuamente chorando. Não póde escrever... é o maior infortunio... Não sei como hei-de distrahi'-lo. Anda de convento em convento. Por ahi, chamam-lhe hypocrita ao meu pobre filho... O que elle está é quasi demente, se a Divina Providencia o não soccorre... A minha

Digitized by Google

esperança és tu, Leonor!—exclamou Lourença, beijando a filha de Jorge de Barros.—Tu é que has-de salvar o meu Antonio, o teu esposo!... Dá-lhe calor ao coração que se congelou no frio dos calabouços. Acorda-o, filha; chama-o ás alegrias do mundo...

—Eu não as tenho...—balbuciou Leonor.—Não tenho mais calor no coração que elle...

—Então não o amas?!—replicou Lourença, como admirada da frieza de Leonor.

—Como podem amar-se pessoas que apenas se viram na infancia!?—tornou a filha de Sára.—Mas com isto, sr.ª Lourença, não quero eu dizer que me esquivo a ser esposa de seu filho, se tal é a vontade de minha mãe, e se já esse destino me havia dado meu querido pae. Sem ideia de casamento, minha amiga, hei-de fazer quanto puder por distrahir o Antonio das suas amarguras; creia-me...

Lourença levou a mão de Leonor aos labios, e reparando, disse:

—Cá está o annel de teu pae, menina!... Não o percas... Deixaram-t'o os da inquisição? Cá em Portugal não é costume restituir aos absolvidos as cousas, que lhe encontram, quando os prendem. A mim nunca me restituiram dois anneis de pedras e uma manilha que eu trouxe do Brazil...[1] Não vos cortaram os cabellos na inquisição de Valladolid?

---

[1] Quaesquer preciosidades encontradas aos réos, no acto de os raparem, e entrajarem com a libré da inquisição, nun-

Digitized by Google

—Não, nem nos mudaram os vestidos—disse Sára.

—Então, filhas, não digaes que soffrestes... A vossa prisão foi suave; o Deus compadecido dos infelizes sem culpa não vos desamparou... E o thesouro?—proseguiu Lourença—quando havereis á mão a vossa riqueza, filhas?

—Nem já pensamos em riquezas—disse Sára.—O tio do meu Jorge presume que o cofre já não existe.

—Ha um anno—tornou Lourença—que meu marido soube do capellão da Bemposta que tal cousa nunca apparecera.

—Isso me disseste para Amsterdam.

—E' verdade: bem me lembro... E o filho do capellão, que é almoxarife dos infantes, se souber que vós viestes de Hollanda, é capaz de vos procurar a ver se

---

ca se devolviam ao preso, propriamente livre como innocente ou reconciliado. O author e martyr da «Inquisição de Goa» livro que, pouco ha, citei, inventariando as ganancias dos inquisidores, diz: «Além da honra, auctoridade, e lucros annexos ao cargo d'inquisidores, de differentes maneiras lhes cresce a pitança; a primeira é, quando se faz leilão do espolio dos presos, em tudo que é bom mandam os inquisidores licitar por algum dos seus criados, lanço com que ninguem concorre, desde que o criado se fez conhecer; e os objectos são adjudicados pelo mais baixo preço; a segunda maneirn é que o producto dos bens confiscados, posto que seja levado ao erario, devolve-se logo ás mãos dos inquisidores, porque elles o requisitam, para custeamento das despezas secretas do santo officio, e ninguem lhes ousa pedir contas: de modo que o producto das confiscações reverte n'elles.»

Digitized by Google

descobre o segredo. Tende cautella com elle, que eu não tenho muita fé, apesar de se mostrar muito compadecido do meu Antonio, e me dizer que pedira por elle aos infantes. Chama-se Duarte Cottinel Franco, andou com os meus filhos e com o Francisquinho Xavier na escola, e Deus sabe que elle foi a causa de muitos desgostos da minha amiga D. Isabel, levando-lhe o filho para as noitadas da Bemposta, onde vão todos os perdularios e mulheres perdidas de Lisboa. Eu não gosto d'elle... Não sei o que me diz o coração d'aquelle homem, que me não faz mal nenhum! São scismas de quem anda sempre a tremer de falsos amigos... De mais a mais consta-me que elle é familiar do santo officio, e o pae é qualificador. Tudo isto vos conto, filhas, para que vos não cofieis do tal Duarte Cottinel; basta-lhe ser filho de cigana, segundo dizem. O pae, que hoje goza boa fama, foi um dos mais libertinos clerigos de Lisboa. Agora escolheram-n'o para qualificar e avaliar as culpas dos christãos novos, hereges e feiticeiros.

Digitized by Google

CAPITULO VII

Francisco Xavier de Oliveira, desde a hora em que foram presos Antonio José e o prior de S. Jorge, fez ao demonio da vingança um tão fervoroso voto como, annos antes, em perigo de naufragar, fizera á Senhora da Penha de França. A victima, que elle prometteu sacrificar na hecatombe do diabo, era aquelle Bartholomeu, filho do traductor da *Sentinella contra judeus*, e propugnador dos rabinhos dos mesmos.

Era incapaz de matar traiçoeiramente um homem Francisco Xavier. A sua robustez, muitas vezes provada com grandissimo dissabor dos seus adversarios deslombados, instigava-o a encarar de frente os inimigos, e esmaga'-los, se a victima ficava entre elle e uma parede. Um só homem, em Lisboa, lhe disputava primazias em força: era um D. Henrique Henriques d'Arroyos que sustentava durante quatro minutos na palma da mão a mó d'um moinho, e arremessando-a depois, a fazia rolar a distancia de dez a quinze passos.

Em corridas de touros, um outro homem lhe competia em destreza e força: era o marquez de Alegrete,

Digitized by Google

Manuel Telles da Silva ,que n'uma festa da Senhora da Piedade, no pateo do duque de Cadaval, estando presente o rei, cortara cerce a cabeça a um touro d'uma só cutilada.

De si diz o cavalheiro de Oliveira que, aos vinte annos, agarrava um boi e o subjugava em singular combate. Ajunta que ninguem o venceu do atirar ao alto uma bala de ferro, que recebia na queda, e tres vezes successivas arrojava á mesma altura. Ora, um homem que assim brincava com uma bala de ferro devia de conjecturar que a cabeça de Bartholomeu em suas mãos não pesaria mais que uma avellã.

O seu maximo cuidado era sahir-se limpamente da empreza para não desgostar sua familia nem incommodar amigos no livramento.

Bartholomeu tinha uma quinta em Oeiras, sobre o mar, onde costumava passar o estio, em saborosa companhia dos seus livros, relendo e commentando as obras ineditas do pae, no intento de as estampar, quando a illustração publica merecesse tamanho brinde.

Francisco Xavier farejava-lhe a pista, sem revelar a ninguem o proposito com que miudamente galopava na estrada de Pedroiços.

Uma tarde, quando se recolhia, já lusco-fusco, enxergou na praia do Dáfundo o pensativo Bartholomeu que se passeava philosophando á beira-mar. Francisco Xavier descavalgou, depois de ter relançado os olhos por sobre a praia deserta. Avizinhou-se de Bartholomeu, e perguntou-lhe se achara nas suas meditações a causa

Digitized by Google.

efficiente d'uns rabinhos que surdiam do fim do espinhaço de certos judeus.

Bartholomeu tremia e balbuciava. Francisco Xavier, sofrego da apportunidade, perguntou-lhe se o não abrazavam remorsos de fazer desterrar inquisitorialmente um velho de sessenta e cinco annos, e de fazer esmagar na tortura os dedos d'Antonio José da Silva. Bartholomeu preparava-se para arrancar alguns gritos do peito anciado, quando Francisco Xavier lhe disse, segurando-o pelo pescoço:

—Vossemecê precisamente arde de remorsos, e carece de refrigerio.

Dito isto, filou-o pelas roupas do costado, sacudiu-o para ganhar impulso com o balanço, e remessou-o ao Tejo. O homem escabujou alguns segundos á tona d'agua, sumiu-se, mostrou as pernas mais longe onde a resaca o levou, e não deu mais conta de si aos olhos attentos de Francisco Xavier, que invocava as estrellas e a lua como testemunhas d'aquella boa acção de sua vida. O moço cavalgou placidamente, e, como quem depois d'um feito brioso tira a limpo os corollarios excellentissimos do acto, ia dizendo comsigo: «Se os christãos depuram os hereges no fogo, porque não hão-de os homens racionaes depurar os fanaticos na agua? Façamos tambem aquaticamente nossos autos de fé.

Na madrugada do dia seguinte, a maré revessou o cadaver de Bartholomeu ao sopé da torre de S. Gião. A noticia chegou logo a Antonio José da Silva, que não sabia se devia folgar, se temer-se da possivel imputação

Digitized by Google

do homicidio. Francisco Xavier encontrou-o n'esta vacillação e disse:

—Não temas, parvo, que o infame denunciante morreu sem a mais leve contusão. Peguei-lhe geitosamente pelo estofo dos vestidos, e apertei-lhe o pescoço com tal cuidado, que o homem apenas passou pelo incommodo de beber agua á proporção das lagrimas que fez chorar. Estás vingado, é o grande caso. Se não te pude livrar da inquisição, livrei a humanidade d'uma fera.

—E estarei eu livre das outras?—perguntou Antonio José, com temeroso aspecto.

—Estás, se continuares n'essa tua hypocrisia salutar de te gastares por conventos de frades. Faz isso que é bom; mas a mim não me enganes.

—Cala-te—acudiu o judeu.—Cala-te que eu creio em Jesus Christo e na Virgem.

—Fazes muito bem, meu amigo; diz isso a toda a gente; diz-m'o tambem a mim...

—Se tu ouvisses o fr. Antonio Esteves de S. Domingos... Queria que o ouvisses!... Convenceu-me, reduziu-me ao puro christianismo com razões inexpugnaveis. Meu amigo, torna-te á tua fé antiga. Eu pedirei á Senhora da Penha que te illumine e converta áquelle fervor com que lhe pediste remedio quando as ondas te sossobravam...

—Pois sim,—atalhou Francisco Xavier, pede lá o que quizeres; mas conta-me alguma cousa d'aquella peregrina Leonor, formosa a mais não poder. Casas ou não ca-

Digitized by Google

sas? Olha que eu, se lhe não acodes depressa, vou galantea'-la! A' fé! não me leves isto em graça!

—Faz a tua vontade—disse triste e serenamente o Silva.—Eu perdi o gosto da vida. O sangne, que me tiraram, era do coração. Quebraram-me corpo e alma. A luz de esperança em cousas d'esta vida, apagaram-m'a. Não vês a minha tristeza sem intermitencia de satisfação? Tudo me enfastia, cobrei tedio de tudo! Como hei-de eu ir associar á minha desgraça aquella menina, tão de luto já no coração de quinze annos!... Para mim e para ella ha vulcões que nos refervem debaixo dos pés. D'um momento para outro, cahiriamos abraçados no abysmo de fogo. Um inimigo basta para nos perder; um inimigo que disponha d'algumas consciencias vendidas! Que se não casem homem e mulher em cuja fronte a sociedade abriu a ferro o estigma da maldição. Dois malditos que se reproduzem em filhinhos amaldiçoados do mundo! A mãe hade arrancar o peito da boca da creança para seguir o enviado do santo officio; a criança, agonisando de fome, não terá seio de christã que se lhe abra! Tu não vês uns meninos esfarrapados, que se aconchegam uns dos outros no convento de S. Domingos? São os filhos dos hebreus, que já morreram queimados, e d'outros, cujos gemidos elles poderiam ouvir, se collocassem os ouvidos ás paredes negras da casa santa, e se os guardas dos calabouços não cortassem com um tagante as carnes dos que gemem. Aquelles meninos não deviam ter nascido! Foram gerados na maldição. Foi perversidade dos paes darem a este mundo

Digitized by Google

aquelles padecentes, que vão alli estender as mãosinhas descarnadas...

—Aos verdugos de seus paes—atalhou Francisco Xavier.

Antonio José da Silva fitou com penetrantes olhos o amigo, deixou depois cahir o rosto sobre o seio, e murmurou:

—E' assim... é assim. Os paes e mães d'aquellas crianças mataram-n'os elles; esmagaram-n'os debaixo do madeiro do crucificado...

E, erguendo-se de vertiginoso salto, exclamou:

—Scelerados! scelerados! que mal fiz eu para martyrio tão longo! Se tu visses como estes ossos das mãos me rangiam entre duas laminas de ferro que se queriam ajuntar através das fibras... E o sangue a espirrar debaixo da pressão dos torniquetes... Olha!...

E mostrava-lhe as fendas da carne esphacelada, e por entre ellas o roxo dos ossos, com laivos de sangue e o amarellido dos tendões que pareciam cancerados.

—E pódes ainda levantar essas mãos ao Deus de Domingos de Gusmão!?—perguntou ironicamente Francisco Xavier, voltando o rosto do espectaculo nauseento das feridas ressumando pus sanguineo.

Antonio José pensou por momentos, e disse:

—Não me tentes!... deixa-me crer para ter vontade d'outra vida... Este mundo, sem fé, sem esperança, é um horror inconcebivel.

—Pois crê!—voltou Xavier—mas crê como homem que rejeita Moysés e o divino Christo. Crê em Moysés

Digitized by Google

como n'um legislador barbaro, e em Christo como n'um reformador dulcificado pelas doutrinas de Socrates e de Philon. Crê no destino do homem para além d'esta vida. Crê na virtude sã dos sectarios de todas as religiões: crê que o verdadeiro Deus está no coração do mahometano virtuoso, do hebreu honrado, do christão caritativo, do brahmane inoffensivo. Sê hypocrita, se te é precisa á vida essa vil qualidade; mas não pervertas a tua intelligencia, não aniquilles os teus dons d'altissimo engenho, não bestifiques as tuas luminosas faculdades.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO VIII

Francisco Xavier discorreu longo tempo.

Escutava-o silencioso Antonio José da Silva. Quando o filho do contador-mór se retirou, a razão abafada do moço conflagrou-se, com o rapido alar-se da chamma, que rompeu subita por entre as vigas da casa incendiada.

Resaltou-lhe a alma do quietismo lethargico em que passava os dias, no mais recondito e escuro de sua casa. Agitavam-n'o furias blasphemas que intimidavam a familia. Extenuado dos sacões que fazia com os braços ainda quebrados dos jejuns e dôres do carcere, cahia prostrado e febril.

Esta agitação d'alguns dias acabou em socegado repouso e lucido entendimento. Era já conversavel e judicioso em suas praticas. Ia com seu pae ao escriptorio, e applicava-se ao estudo de jurisprudencia com tenacidade. Descontinuou as visitas aos mosteiros; mas, tal qual vez, escrevia a dois frades, que se tinham figurado mais doutos que o commum, e estranhos aos processos inquisitoriaes, e talvez avessos e censores do procedimento

Digitized by Google

do santo officio em grande parte dos seus actos. Ao diante, os dois frades hão de dar de si tão boa conta que a posteridade haja de louvar como honrados amigos e defensores do talentoso hebreu.

A longos termos, Antonio José da Silva visitava Sára nos primeiros mezes. Depois, amiudaram-se as visitas. Por fim, ao cabo de um anno, o coração do moço não estava socegado na presença nem na ausencia de Leonor. Esperança inquieta ou inquieta saudade divirtiam-lhe a ideia do estudo, mormente do arido estudo do direito, posto que elle, vasta capacidade para tudo, despachava os feitos que seu pae considerava dignos de mas habil e engenhoso articulado.

Já o bacharel, quando Oliveira lhe pedia venia para galantear a judia adoravel, sorria ao requerimento jocoso do amigo, e aconselhava-o que dissesse de sua justiça no tribunal d'ella, por ser o competente.

Com as alvoradas do amor, dilucidou-se a escureza de suas cogitações, desnoitou-se-lhe o coração, repontaram ideias claras e alegres, e, a poucas voltas, fez-se dia esplendidisssimo, vida nova no intimo e no exterior do moço.

Renasceu o gosto e vocação da comedia. Rebuscou os seus papeis esquecidos; uns poucos existiam ainda, que o maior numero d'elles rasgara-os João Mendes, receiando que o santo officio fizesse busca e lhe espremesse a heretica peçonha que elles, apertados entre mãos dos inquisidores, gotejariam certamente.

A opera, ou comedia, que Antonio José predilecta-

Digitized by Google

mente polira e repolira em Coimbra, como peça com que tencionava estrear-se, era a *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança.* Esta, e mais outra com que, mais tarde o hebreu levantou a meio a quebrada columna de sua gloria, lia elle á numerosa assembléa de fidalgos que Diogo de Barros convidava em honra do engenhoso moço. Estas leituras, por onde o seu nome se divulgara até ás camadas inferiores da cidade, ser-lhe-hiam de muito desprazer, se Leonor as não agradecesse, como favor e brinde feito especialmente a ella. Decerto era; que a indole melancolica d'Antonio José da Silva desdizia das gargalhadas com que o auditorio victoriava as scenas ridentissimas do *D. Quichote,* da *Esopaida* e do *Amphitrião.* E todavia, Leonor, ceremoniosamente, e não do coração, lhe agradecia. Do D. Quichote, especialmente, uma scena das mais comicas, sem ser das menos urbanas em linguagem—esmero pouco usado dos dramaturgos francos e populares d'aquelle tempo—repetiam-n'a de memoria os admiradores d'Antonio José da Silva. E' a scena VII *D. Quichote* declama em soliloquio n'uma floresta, e diz:

—Ha dias que trago no pensamento uma cousa que me tem causado grande cuidado! Dar-se-ha caso que os meus inimigos encantadores tragam transformada a belleza de Dulcinea em a figura de Sancho Pança! E os motivos que tenho para isso é vér a paciencia com que este escudeiro me atura as minhas impertinencias sem salario nenhum; e vêr que jamais foi possivel ver eu Dulcinea no seu original e nativo esplendor. Tudo póde

Digitized by Google

ser que seja; pois se leem, nos antigos livros de cavallaria andante, outras transformações de nymphas, ainda em mais ruins figuras, qual de Sancho Pança, e porque este pensamento não é fóra de conta, bom será averigua'-lo, que a diligencia é mãe da boa vontade. *(Entra Sancho.)*

Sancho

Senhor, o rocinante está esperando que vossemecê o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pulos e...[1] que supponho nos prognostica alguma boa ventura.

D. Quichote

E, se bem reparo agora nas feições d'este Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinea; porque, sem duvida, Sancho, ás vezes, o vejo com o rosto mais afeminado, que quasi me persuado está Dulcinea transformada n'elle.

Sancho

Meu amo está no espaço imaginario! *(áparte.)* Ah! senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está sellado e o burro albardado. Senhor, vossemecê ouve?

---

[1] N'aquelle tempo, usavam-se pouquissimo as reticencias. Hoje, devo presumir que alguns termos populares das comedias do judeu, se os eu trasladasse, fariam que o livro cahisse da mão enluvada e melindrosa que o abriu.

Digitized by Google

D. Quichote

Sim, ouço. Que seja possivel—prodigioso enygma do amor!—galharda Dulcinea del Toboso, que os magicos antagonistas de meu valor te tranformassem em Sancho Pança!

Sancho

Ainda esta me faltava para ouvir e que aturar! *(áparte.)* Que diz, senhor? está louco? com quem falla vossemecê?

D. Quichote

Falo comtigo, Sancho fingido, e com Dulcinea transformada.

Sancho

Se vossemecê algum dia tivesse juizo, dissera o tinha perdido. Que Sancho fingido ou que Dulcinea tranformada é esta?

D. Quichote

Não sei como agora fale, se como a Sancho, se como a Dulcinea! Vá como quer que fôr. Saberás que os encantadores teem transformado em tua vil e sordida pessoa a sem igual Dulcinea. Vê tu, Sancho amigo, se ha maior desafôro, se ha maior insolencia d'estes feiticeiros, que em mascarar o semblante puro e rubicundo de Dulcinea com a mascara horrenda da tua torpe cara!

Digitized by Google

Sancho

Diga-me, senhor, por onde sabe vossemecê que a sr.ª Dulcinea está transformada em mim?

D. Quichote

Isso é o que tu não alcanças, simples Sancho; pois sabe que nós, os cavalleiros andantes, temos cá um tal instincto que nos é permittido conhecer onde está o engano e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela physionomia do rosto.

Sancho

...Que parentesco carnal tem a minha cara com a da sr.ª Dulcinea? Ora eu até aqui não cuidei que vossemecê era tão louco! Cuido que nem na vida de vossemecê se conta semelhante desventura!

D. Quichote

Quanto mais te desconjuras mais te inculcas que és Dulcinea: deixa-me beijar-te os atomos animados d'esses pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jasmim d'essa mão, dulcissima Dulcinea! *(Chega-se D. Quichote para abraçar Sancho).*

Digitized by Google

Sancho

Aqui d'el-rei que não sou Dulcinea! Tire-se lá! olhe que lhe dou uma canellada!

D. Quichote

Ora, meu Sancho, diz-me aqui em segredo se és Dulcinea, que eu te prometo um premio.

Saccho

Como, senhor, lh'o hei-de dizer? Sou tão macho como vossemecê.

D. Quichote

Sancho, n'esse mesmo dengue agora confirmo que és Dulcinea.

Sancho

Ora leve o diabo o dengue! Que queira vossemecê que á força seja eu Dulcinea ensanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer que eu seja Dulcinea, chegue-se para cá que lhe quero dar dois coices.

D. Quichote

Tu me queres dar dois coices? Agora vejo que não és a Dulcinea; pois Dulcinea tão formosa e tão discre-

Digitized by Google

ta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada para dar o que me offereces com a tua grosseria.

. . . . . [1]

---

[1] José Maria da Costa e Silva, na parte do seu diccionario bibliographico que dizia respeito a Antonio José, escreve o seguinte: «Bocage fazia grande apreço das comedias d'Antonio José, e a respeito do *D. Quichote* referirei uma anedocta sua, que mostra que elle lia estes dramas com reflexão, e sabia investigar suas bellezas. Indo eu uma vez visita'-lo, durante a sua ultima enfermidade, achei-o deitado de bruços sobre a cama, com um livro na mão, e rindo como um doido. «Que livro é esse, lhe perguntei, que te provoca tanta hilariedade? — São, respondeu, as operas do judeu, e achei aqui no *D. Quichote* uma ideia tão bufona, tão extravagante, que admira haver escapado a Cervantes.» E depois d'algumas gargalhadas fez o seguinte. (E' a scena VIII que trasladei).

«Acabada esta leitura — prosegue Costa e Silva — algumas vezes interrompida pelo riso, Bocage proseguiu: «Então? que que te parece? não é isto uma lembrança bem original, bem graciosa e bem propria? e o judeu não soube tirar d'ella um grande partido produzindo uma scena bem comica? Oh! esta ideia devia ter occorrido a Miguel de Cervantes!»

Até aqui o amigo de Bocage.

Que outra ordem de considerações mais litterarias e philosophicas não faria o Elmano, ponderando o ingente infortunio do engenhoso hebreu, mormente nos dias que passou no carcere da inquisição! Manoel Maria Barbosa du Bocage, se lá tivesse entrado cincoenta annos antes, não sahiria para mais longa vida que Antonio José da Silva. As feras de Domingos de Gusmão, na epocha de Bocage rugiam apenas, acorrentadas á jurisprudencia civil. O marquez de Pombal arrancara-lhe os dentes, emprestara-lh'os uma vez para despedaçarem o padre Malagrida.

Digitized by Google

CAPITULO IX

Lourença Coutinho, como visse restaurar-se o amor ao estudo, o gosto das comedias, e o contente viver do filho, entendeu activamente no consorcio almejado e prometido de tão longe. Contava ella com a vontade do seu Antonio, e tinha como segura a condescendencia de Leonor.

Engonou-se na mais importante parte dos seus calculos.

Leonor, assim que sua mãe formalmente lhe lembrou os antigos compromissos, respondeu que sempre considerara brincadeira de sua mãe com a mãe d'Antonio o contracto d'união eterna entre duas pessoas, uma das quaes nascera alguns annos depois. Ajuntou que acceitara a correspondencia de Antonio José, para não desagradar a sua mãe, e na esperança de, alguma hora, se aproximar a sentir por elle o interesse que a distancia não podia inspirar-lhe. Accrescentou e concluiu dizendo que o facto de se approximarem não era bastante a resolve'-la a casar-se, nem a sua idade era ainda propria

Digitized by Google

de tão grave decisão. Pedia, pois cinco annos d'espera; e, aos vinte e cinço, se decidiria.

Estas razões, litteralmente traduzidas, queriam dizer que o não amava. Isto não é censuravel nem extraordinario. O que a mim me quer parecer louvavel pouco menos de nada é que Leonor, farta de ouvir contar as travessuras, os escandalos e a libertinagem do amante de Joanna Victoria e d'outras do mesmo jaez, não obstante, sentisse e escondesse de todos profunda e devoradora paixão por Francisco Xavier de Oliveira, desde que, á sahida do tribunal de Valladolid, viu de novo o gentil moço que a tinha querido salvar, e a sua mãe, pela porta da sacristia! O caso não se recommenda aos louvores de quem lê, repito; mas não é estupendo nem culpavel. Leonor vira a anciedade inutil d'aquelle portuguez, soubera depois que a rogos d'elle sahira pelas desamparadas prezas o alcaide; via-se livre, e, apenas livre, dava d'olhos e de coração reconhecido nos olhos e talvez no coração do bello rapaz, que sahira de sua terra para, ao lado do velho Barros, lhe ser guia e companheiro. Raros amores e até poucas paixões nascem e flammejam tão desculpaveis e bonitas!

Francisco Xavier, posto que não por amor, antes por cavalheirismo e obsequio ao seu amigo encarcerado, fosse a Valladolid, durante a jornada teve uns vislumbres do sentimento que fizera nascer. Fechou os olhos da alma para não ve'-los; todavia o coração não se retrahia de todo em todo aos honestos commetimentos da lindissima judia. Francisco Xavier dizia entre si: «Se elle a

Digitized by Google

não amasse!...» e provavelmente iria dizendo: «Se elles se não estimassem...»

Ambos comprehenderam e como em silencio se communicaram o melindre de suas posições.

Ora é certo que Francisco Xavier estava maniatado áquelle baixo amor da cigana; estava, e com pejo de si pesava entre mãos o gravame de tão vergonhosos ferros: póde ser, porém, que os quebrasse d'impetuoso empuxão, se Leonor lhe dissesse: «Tenho liberdade para ser tua; pódes amar-me sem deshonra.»

Viam-se frequentes vezes na sala de Diogo de Barros. O rosto de Leonor allumiava-se, quando o jovial rapaz entrava, contando bruscamente aventuras da devassa camarilha do Salomão portuguez, ou rasgadamente verberava a hypocrita devassidão do clero, sem que os brados da mãe o cohibissem. Leonor antes queria este arrojo que o assustadiço acanhamento d'Antonio José; antes as risadas estridulas do amante das ciganas que as deplorativas lamentações, e concentrada amargura do flagello dos carceres; antes a descripção energica e fogosa d'uma péga de touro que a leitura d'uma comedia.

Uma vez, bem se lembram, perguntava Francisco Xavier ao seu amigo se amava Leonor. A resposta foi de feitio que o mancebo poderia, sem desdoiro, acceitar a alma que se lhe offerecia sem grandes rodeios. Não o fez assim. Viram que elle curou d'afastar as nuvens de sobre o coração do amigo, para que o amor da israelita podesse lá chegar com o calor da esperança e das ale-

Digitized by Google

grias. Depois, ao passo que Antonio José cobrava alento e se reanimava debaixo do olhar menos amoravel que piedoso de Leonor, Francisco Xavier afastava-se, pretextava jornadas, occupações, divertimentos, e,—Deus e elle sabiam a dôr do sacrificio!—contava na sala de Diogo de Barros, em presença da pallida menina, as suas paixões passadas, os seus amores presentes e as suas esperanças em designadas mulheres da melhor fidalguia umas para amantes, e outras para d'entre ellas eleger a esposa, a companheira da vida.

E, no entanto, Lourença Coutinho admirava-se e offendia-se das hesitações de Sára, toda vez que ella a interrogava não já sobre a vontade da filha, senão sobre o tempo de se casarem os prometidos noivos.

—Pois tu não sabes?... perguntava Lourença.—Não sabes quando será?!

—Não sei...—respondeu Sára emfim muito apertada pelas importunações da amiga.—Não sei, porque Leonor não declara quando, e eu, obedecendo á vontade do meu Jorge, não a obrigo a declarar-se; o mais que posso é aconselha'-la; e muitas vezes lhe tenho inculcado as vantagens d'este enlace; mas, se ella me diz que só dos vinte annos em diante se ha-de resolver, que queres que eu lhe faça? Esperemos, Lourença. Teu filho está novo; ella está uma criança, os haveres de parte a parte são por emquanto poucos... Esperemos, minha amiga, e gozemos com a felicidade de vêr que elles se amam tranquillamente, e não desconfiam da lealdade um do outro...

Digitized by Google

—Mas o meu Antonio não cessa de perguntar... atalhou Lourença.

—Responde-lhe isto mesmo. Diz-lhe que se goze da sua liberdade n'estes cinco ou seis annos que lhe não ha-de faltar tempo de viver captivo dos encargos de marido e pae. Quanto mais cedo se casarem, maior numero de filhos hão-de deixar para ahi provavelmente pobres.

Esta resposta espinhou vivamente o amor proprio e o coração tambem d'Antonio José. Deliberou-se a interrogar Leonor, suspeitoso de que, por acanhada modestia, e melindre talvez inconveniente, desmerecesse no conceito da energica filha de Jorge de Barros. Mais dolorosa suspeita o feria, e era temer-se de que a bisneta do contador-mór, e a descendente dos Telles por sua avó materna, se quizesse esquivar ao desdoiro d'alliar-se a um homem da classe meã, neto de fazendeiros e bisneto de pobres colonos judeus, que tinham ido de Portugal para a capitania do Rio de Janeiro.

Resolvido a desenganar-se por si, procurou o lanço d'estar a sós com Leonor. Foi mais lastimavel que eloquente. Almas aquecidas ao fogo mystico do ideal, são as menos idoneas para expressarem affectos grandes sem se apoucarem n'alguma baixeza, de que raras mulheres levantam o homem. Convinha-lhe um airoso orgulho; o amor abateu-o á humildade. A mulher que ama não conhece isto; a que é tão sómente amada chama-lhe impertinencia e semsaboria.

Não obstante, Leonor dava-lhe a compensação da de-

Digitized by Google

licadeza; e á poesia da paixão respondia-lhe com a poesia da esperança. Era cedo, dizia ella, cedo para si e cedo para elle.

—Eu tenho sido desgraçada, ajuntava Leonor. Fiquei triste, muito mais triste do que era, desde a prisão de Valladolid. Estou a convalescer das torturas d'alma, que principiaram com o fallecimento de meu bom pae. As lagrimas ainda hoje me afogam, quando me lembra, que é para sempre, a irremediavel perda que soffri. E' preciso muito coração para a gente passar d'estas tristezas ao contentamento de esposa; e aquelles que se casam, na esperança de despirem depois os lutos d'alma, vão enganados: é o que eu penso, e nem meu tio Diogo nem minha mãe sustentam o contrario.

—Sustento-o eu—disse Antonio da Silva.

—Com aquella decima jocosa que sua mãe mandou para Amsterdam?

—Não, Leonor. Não falemos gracejando. O homem, que escrevia aquellas trovas, acabou. D'ellas me recordo escassamente... Vejo-as como folhas seccas da minha primavera. O que eu hoje lhe deveria dizer em verso, não sei eu dize'-lo. Lagrimas não se escrevem: ou as decifra a mulher que ama, ou, senão, Deus. Porque me não amava, Leonor?...

—Quando lhe disse eu que o não amava, sr. Silva?...

—*Sr. Silva*... Que urbano tratamento!—acudiu o hebreu, com dilacerante sorriso.—Que desengano! que calumnia eu lhe assacava quando á minha consciencia dizia que a sr.ª D. Leonor de Barros me amava...

Digitized by Google

—Eu não sou D. Leonor de Barros—atalhou a filha de Sára.—Sou Leonor Maria de Carvalho. Meus avós maternos appellidavam-se Carvalhos. O nome de meu pae tenho-o no coração; mas não careço d'elle nem para venerar sua memoria, nem para me fazer respeitar do mundo. Meu pae tem illustres parentes em Lisboa. Não quero que elles o maldigam porque deu os seus fidalgos appellidos á filha de Sára, á neta d'uns judeus, que as chammas queimaram ha cincoenta annos em Lisboa... Chame-me, pois, Leonor Maria de Carvalho, que eu hei-de provavelmente assim morrer.

Antonio José da Silva tomou delicadamente a mão de Leonor, e disse-lhe com mavioso enternecimento:

—Abra-me com esta mão a porta do paraiso.

—Quando fôr tempo, se Deus assim o tiver destinado.

—Diga-me, ao menos... que não chore...

—Não chore, que os homens a chorar não parecem bem.

—Que fria alma!—murmurou Antonio José.

Entraram possoas á casa onde correu este dialogo. Vinha entre ellas Francisco Xavier de Oliveira, que relanceou olhos suspeitos ao semblante do seu amigo, e viu lagrimas. Ao mesmo tempo, encarou em Leonor, e traduziu a vehemente satisfação que a alvoroçara, no instante em que o vira.

Tomou o braço d'Antonio José da Silva, e passou com elle ao jardim do palacete. Pediu-lhe explicação das lagrimas. Silva carecia de respirar no seio do seu

Digitized by Google

melhor amigo. Abriu-se, expandiu-se, desatou novos prantos dos olhos injectados, e referiu summariamente a pratica dolorosa que tivera com Leonor.

Francisco Xavier escutou-o silencioso; fez com elle alguns giros no jardim, e voltou á sala.

—Que novidades conta, sr. Xavier de Oliveira?—perguntou uma das damas da casa.

—Não sei quasi nada, minha senhora.

—Teremos brevemente touros?—perguntou um neto de Diogo de Barros.

—Provavelmente teremos, porque chegou a noticia de se ter celebrado o casamento do principe D. José com a infanta d'Hespanha. Logo ouvirão o repicar dos sinos que pedem luminarias. No dia 13 vae o nosso amigo conde da Ericeira ao paço recitar um discurso panegyrico sobre os desposorios da princeza das Asturias, e o marquez de Valença recita o panegyrico do principe. Estes dois sujeitos, de quem aliás somos amicissimos, se lhes fecharem a valvula dos panegyricos morrem entouridos. Andam ha vinte annos a esmoucar as paredes do templo da memoria a ver se lá se enfiam por uma fenda. Parece-me que os vindouros não lhes hão-de dar mais importancia do que a mim!

—Cala-te, má lingua!—disse o ancião Diogo de Barros.—Deixa lá os nossos sabios trabalhar na redempção das letras patrias. Nem todos hão-de fazer versos... e travessuras, como tu.

—Versos, e travessuras, meu presado amigo, está tudo por um fio. As rapaziadas cedem o passo á cir-

Digitized by Google

comspecção, que vae abrir-me o seu placido abrigo.

—Ahi vem uma mentira das tuas, Francisco!—disse Diogo. — Temos o Roberto do Diabo casado! é o que nos queres encampar?

—E' o que vae succeder, sr. Diogo de Barros—redarguiu com gravidade Francisco Xavier.—Se eu citar o respeitavel nome da senhora que vae ser minha esposa, espero que me façam a justiça de crer que eu não viria aqui zombar, associando ás minhas brincadeiras o nome de uma menina que v. s.ª, e todos que a conhecem consideram.

—Se assim é—disse Diogo—pódes dizer que todos te acreditaremos; mas reflexiona, Francisco!... Não te responsabilises a dar explicações, se o casamento se não realisar; nem queiras que a sociedade as dê, se tu as não deres.

—Reflecti—disse Xavier de Oliveira.—A senhora com quem vou casar-me é D. Anna Ignez de Almeida.

—Nome respeitabilissimo, na verdade—acudiu Diogo de Barros—tanto por nascimento como por virtudes herdadas e proprias. Conheci muito de perto o pae d'essa menina, quando ambos eramos ouvidores na India. Elle dirá qual de nós volveu de lá mais abastado; mas o certo, a que elle não póde faltar, é que pobres fomos e pobres voltámos. Cada um de nós casou com sua prima, e então tivemos casa. Eu desisti da carreira para cuidar dos bens; elle seguiu os logares, e pela escala da probidade subiu a desembargador do paço. Parabens te damos, Francisco, e a teus paes. Ligas a virtude de teus

Digitized by Google

avós ás virtudes d'uma estrema da familia, tão antiga como a tua. Sê digno do favor da Providencia Divina!

Durante o dizer de Diogo de Barros, Leonor sahiu da sala, pretextando qualquer cousa. Francisco Xavier viu sem reparar; Antonio José da Silva viu e reparou. As restantes pessoas olharam-se reciprocamente. Uma das senhoras disse:

—Eu dou-lhe os emboras, sr. Xavier; mas...

—Mas que, minha senhora?—perguntou Oliveira.

—Consta que D. Anna d'Almeida é muito doente do peito, e promette pouca vida.

—Assim dizem—tornou o moço;—mas quem tem tanta vida no coração dará d'ella a remanescente para alimentar o corpo, que é o mais facil de sustentar. E, se a vida do coração não bastar, dar-lhe-hei da minha, que é muita e fará o milagre de resuscita'-la.

Annunciou-se na sala que Leonor estava em ancias afflictivas. Sára sahiu logo accelerada, e as damas seguiram-n'a.

Antonio José da Silva acercou-se de Francisco Xavier, e disse-lhe á puridade:

—Leonor amava-te.

—E eu estimava-a muito a ella, e por igual a ti. Faz de conta que não comprehendemos este incidente. E' necessario que ella me odeie, se por ventura as tuas suspeitas são fundadas.

Os cavalheiros conversaram sobre cousas do estado. Volvidos vinte minutos, Leonor entrou na sala com ri-

Digitized by Google

sonho e composto semblante. Os homens rodearam-n'a com perguntas sobre e seu estado.

—Não foi nada—respondeu ella.—Foi uma pequena dôr que a amizade de minhas primas exagerou. Sinto-me boa.

A conversação continuou.

Leonor nunca estivera tão animada. Falou dos portuguezes poetas com quem travara conhecimento em casa de seu pae. Recitou algumas poesias d'um judeu de Leiria chamado Manuel do Leão, que lá viveu, cantando as festas de Portugal, e lá morreu para que a patria o não levasse ao capitolio d'algum auto da fé. Citou muitas poesias do judeu; disse porém, que para si a mais dilecta era uma que principiava:

Recolheram-se os soes, fechou-se o dia,
mas não se abriu a noite, pois se via
outra manhã...[1]

Muitos comprehenderam a allusão.

Pobre menina! cuidou que eram todos tolos, exceptuando Francisco Xavier de Oliveira.

---

[1] Vem a poesia no *Triumpho lusitano* — impresso em Bruxellas em 1688. Manuel do Leão morreu em Amsterdam de prevecta idade.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO X

Annuciou-se no portão dos Barros o almoxarife do palacio da Bemposta, para haver de falar á viuva do sr. Jorge, neto do contador-mór Luiz Pereira de Barros.

Sára, assim que recebeu o aviso, lembrou-se logo do Duarte Cottinel Franco, e da mysteriosa aversão de Lourença Coutinho ao amigo de seu filho.

Duarte, entrado á presença de Sára, expoz diffusamente o proposito da sua visita, fundada nos boatos correntes a respeito d'um thesouro enterrado na quinta da Bemposta, d'um annel transmittido com o segredo do thesouro a Jorge de Barros, e da clausula da escriptura de venda da dita propriedade, mostrando o traslado que elle Duarte fizera tirar da nota do tabellião. Dito isto, declarou ser desde menino particular amigo d'Antonio José da Silva, o qual, segundo a voz publica, brevemente esposaria a filha do sr. Jorge de Barros. Ajuntou, com muitos recamos de palavriado, que elle desde muito pensava em ser o restaurador d'aquella riqueza soterrada; e lamentava que a viuva e filha de Jorge de Barros vivessem pobremente podendo gozar-se de rica inde-

Digitized by Google

pendencia. E, por tanto, concluindo ao fim d'estirada parlenda, ia elle solicitar de Sára que consentisse em ser rica, dignando-se confiar da probidade inteira e da amizade extremosa do amigo do seu futuro genro, ou o annel, ou a declaração do local onde Luiz Pereira de Barros enterrara o thesouro.

Sára, sem tergiversar, como quem já trazia de muito urdida a resposta, disse que poderia ser que o thesouro existisse na Bemposta, ao tempo do fallecimento do avô de seu marido; sabia, porém, que o revolvimento dos alicerces e jardins da casa, feito por ordem de sua sogra, provavelmente descobriu o cofre, se elle existia. Em quanto ao annel, disse que nunca vira a seu marido annel com tal significação, nem lhe constava que elle o tivesse.

Redarguiu Duarte Cottinel, lastimando-se de não merecer a confiança da senhora, e fazendo votos por que ella se não fiasse d'outrem, e arriscasse o completo perdimento da riqueza; dando assim a entender que julgava mentirosa a negativa de Sára, e verdadeiro o boato do annel.

A viuva de Jorge, ao outro dia, perguntou a Antonio José se tinha em boa conta a probidade do almoxarife da Bemposta. Respondeu Antonio que, desde menino, o tratava, e sempre o encontrara leal amigo, homem de bem, e dotado das excellentes qualidades que em tão verde mocidade o fizeram digno do almoxarifado da Bemposta. Sára referiu o que passára com elle. Antonio José disse que a não aconselhava em cousa de tanto melin-

Digitized by Google

dre; bem que, se elle fosse o senhor d'aquelle thesouro insuspeitosamente communicaria o segredo a Duarte Cottinel Franco.

A viuva ouviu o parecer de Diogo de Barros que foi contrario ao d'Antonio José. A razão com que o velho desabonava o almoxarife não era judiciosa. «De tal arvore, dizia elle, não póde sahir bom fructo. Eu conheci o tal capellão da Bemposta, cujo filho é Duarte; conheci-o espião de Castella em Portugal e espião de Portugal em Castella. Foi frade, e secularisou-se depois. Vivia em mancebia escandalosa, e prégava sermões ás rainhas, mulheres de D. João II. Fez-se confessor dos infantes, capellão-mór, e qualificador do santo officio, tendo começado sua vida na forja do pae, que trabalhava de ferreiro á porta do marquez de Ferreira, á custa do qual fez frades dois rapazes e freiras tres raparigas, que em pequenitas vendiam arfeloa na praça do Terreiro do Paço e na feira do Rocio. [1] No entanto—proseguiu Diogo de

---

[1] O mercado das substancias alimenticias fazia-se diariamente no Terreiro do Paço, convizinho do palacio dos reis. No Rocio havia tambem feira todo o anno. O auctor da *Inquisição de Goa* que esteve em Lisboa, por 1677, mencionando a magnifica praça do Rocio, accrescenta: *Il y a toute l'année une espece de foire dans cette place, et l'on y voit en tout temps des marchands étalés dans ces boutiques portatives, à peu pres comme sont celles qu'on dresse sur le Pont-neuf à Paris.*

Eu ainda vi reliquias d'esta feira ha trinta annos, em tempo que a *feira da Ladra* principiava na extrema do Rocio, e abraçava *o passeio publico* pelas duas ruas lateraes. Que sau-

Digitized by Google

Barros—póde ser que elle seja boa pessoa. Será; mas a occasião, diz o proverbio, faz o ladrão. Esperemos, minha sobrinha. Por emquanto, não se vos faz mister aquelle thesouro.

Duarte Cottinel, descoroçoado dos maus effeitos da tentativa, procurou Antonio José, para instiga'-lo a mover Sára. O hebreu desculpou-se dizendo, como sempre dissera, que não tinha certeza d'existir thesouro nem o annel em poder de Sára.

—Mas, se casares com a filha—observou o almoxarife—e o annel te fôr na mão da esposa, já sabes que aqui estou para te desenterrar o cofre, e entregar-t'o sem um ceitil de menos.

—Sei que o farás, Duarte, e de ti só confiarei o segredo, se algum segredo existe. Mas o mais certo é eu nunca possuir a mão nem o annel de Leonor...

---

dades eu tenho d'uma nora que alli gemia no pateo do Duque, e d'aquelles pucarinhos dos alcatruzes! Lastimo o leitor menor de quarenta annos, que não ouviu gemer a nora, nem viu aquelles alcatruzes do pateo do Duque, e nem sequer apalpou, como eu, as paredes da *santa casa* que pareciam exsudar sangue d'hebreus. Hoje, no logar dos alcatruzes, está um barbeiro, que é nora de parvoices politicas; no melhor da *feira da Ladra* param as seges de praça para darem ideia de que alli foi feira de farrapagem e correias revelhas; o restante da feira foi invadido por aquelle pragal do passeio, onde a gente goza sombra... de noite.

No local onde gemiam judeus, herejes e feiticeiros, uma vez por outra, geme a arte; e eu, desgraçadamente, d'este *officio* tão *santo* como o outro, tambem tenho sido inquisidor.

Digitized by Google

CAPITULO XI

Dias depois d'aquelle inesperado annuncio de casamento, Francisco Xavier de Oliveira, desquitado da influencia magica da cigana, dava a mão d'esposo a D. Anna Ignez de Almeida, e logo na proxima semana era agraciado com a mercê de cavalleiro-fidalgo da casa real, e cingia a espada de cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Leonor, até então, para sustentar o fingimento, digamo'-lo assim, segurou a mascara na fronte com penetrantes agulhas. Custava-lhe tormentos indiziveis aquella affectação d'indifferença. Devia d'estar-lhe muito enraizado na alma aquelle amor, tanto mais violento no desengano, quanto abafado estivera no recondito do peito.

Sára adivinhou-a; abriu-lhe com a chave da ternura o mysterio; achou uma fonte de lagrimas reprezadas. Ajudou-a a chorar, e diligenciava sempre alliviar-lhe o coração, chamando-lh'as á face. Leonor pediu encarecidamente á mãe que sahissem de Portugal para Amsterdam. Lembrava-lhe as prophecias que fizera, ao separar-se dos ossos de seu pae e do affecto extremoso da

Digitized by Google

sua querida gente, dos Sás que tantos infortunios, com suas lagrimas, lhe agouraram.

Não ousava Sára contradizer a filha; senão antes lhe pedia que, por piedade, a não accusasse, que o seu arrependimento lhe bastava para castigo e flagello. Instava, porém, Leonor na volta para Hollanda, como meio d'esconjurarem maiores infortunios, que maiores lh'os presagiava o coração.

Queria Sára condescender; mas não tinha força para romper os laços com que a boa parentella de seu marido a soubera prender, não tendo em vista mais que honrar a memoria de Jorge, nas pessoas mais queridas, por quem elle tanto soffrera, e, ao fim de breve e desgostosa existencia, deixara pobres. Depois, não saberia Sára dizer que delicias lhe era aquelle ar e viver em Lisboa, querida de fidalgos, ameigada de damas, que se não dedignavam de a chamarem sua prima. De mais d'isto, a amizade de Lourença Coutinho, que não cessava de a querer disputar á posse dos parentes. Sobrevinha ainda a compaixão d'Antonio José da Silva, o qual, a juizo d'ella, era dotado d'excellencias raras, e proprias da felicidade d'uma esposa. Como se tudo isto não fosse empeço aos rogos de Leonor, accrescia ainda a esperança ambiciosa, mas razoavel, de possuir as riquezas da Bemposta, com as quaes sua filha poderia aspirar a moços de nascimento e bens de fortuna iguaes aos tão encarecidos e invejados dotes de Francisco Xavier de Oliveira.

Assim foi protrahindo Sára a decisão, até que o tempo deliu a pouco e pouco o maior da dôr, de modo que

Digitized by Google

Leonor condoída de sua mãe, e gravemente reprehendida pelo tio Diogo, deixou de falar na ida para Amsterdam, e apparentemente vivia conformada, sahindo raras vezes ás salas, e quasi nunca, se lhe diziam que lá estava Antonio José da Silva.

Entrou tambem o desesperar e o desenganar-se na clara razão do hebreu, depois que elle, com os pés sobre a dignidade propria, lhe escreveu lamentosas cartas ás quaes Leonor respondia com o silencio ou com uma sequidão ainda peior.

N'aquelle tempo, o poeta apaixonado não desdenhava o soccorro da musa para expressar a sua angustia. Nos tempos d'agora, seria ridiculo o malfadado amante que, em vez de prosa a rever lagrimas, enviasse á ingrata quadrinhas de syllabas accentuadas, segundo a arte.

Nas operas d'Antonio José da Silva, representadas annos depois, appareceram algumas trovas das que elle enviara a Leonor n'aquelle periodo d'excruciante desesperação. Nenhum poeta de tomo queria hoje assignar, em carta escripta á sua vizinha rebelde, as sequintes quadrinhas que o hebreu mandava supplicar misericordia aos pés da desamoravel menina:

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada instante
Morrendo está.
Mais que os minutos
São meus ardores;
Nos teus rigores
Conta não ha.

Digitized by Google

Mas, ai! tyranna,
Se a quem te adora
Fosse esta hora
Hora d'amar! [1]

Se ao leitor se figura que este versejar em redondilha menor era improprio d'alma apaixonada e queixosa; se entende que o verso hendecasylabo, o soneto, o magestoso soneto foi sempre o respiradouro dos grandes poetas, crucificados no amor, como o amante de Laura, e como o suspiroso cantor de Natercia, aqui tem um dos sonetos que a impassivel Leonor recebeu e leu enfastiada:

Não intento favores merecer-te,
LEONOR, *quando chego a idolatrar-te;*
Que excedendo os limites só de amar-te
Nunca os principios toco de querer-te.

Com razão poderias offender-te,
Se ambicioso chegara a desejar-te,
Que, para ser mais fino no adorar-te,
Sem premio, sacrificio hei-de incender-te.

Amar não é querer; que impura ardera
A chamma de Cupido, se esperara
Fructos, aonde tudo é primavera;

F, se acaso, ó LEONOR, *imaginara*
Que na tua belleza premio houvera,
Pelo premio a belleza desprezara. [2]

---

[1] *As variedades de Proteo.* — Parte 2.ª Scena II.

[2] Na mesma opera — Scena I da parte 2.ª *Leonor*, na comedia, é substituida por *Cyrenne.*

Digitized by Google

Parece mais engenhoso que apaixonado o poema. Cumpre, porém, saber, por honra do amante desditoso, que n'aquelles dias de decadencia litteraria e seculo de chumbo da nossa poesia, os poetas, não só amorosos, mas ainda pendurados no triangulo, expiravam proferindo trocadilhos, gongorices, marinismos, uma cousa triste de ler-se, na qual Antonio José ainda foi o menos peccador.

Hão-de dizer os bardos modernos que esta poesia do hebreu é secca, desflorida, sem auras, sem borboletas. Não, senhores. Antonio José da Silva tambem fez á sua esquiva poesia com borboletas. Por exemplo:

Borboleta namorada
Que nas luzes abrazada,
Quando expira nos incendios
Solicita o mesmo ardor...
Tal ó Chlori, me imagino,
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor!

Se com tudo isto, o poeta não lograva commover Leonor, o defeito não era da poesia, digamo'-lo em pró das camenas de nossos avós: defeituoso era o coração da filha de Sára, se é que podemos arguir maculas em objectos que sahiram das mãos de Deus, tão primorosos quanto nos cumpre presumir que elle se esmerasse na compostura interna do peito da mulher. Argumentos fundamentados na perfeição exterior, feitas as excepções, que as ha de deploraveis, por dentro e por fóra.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO XII

Francisco Xavier forcejou por avassalar o espirito do hebreu a outra mulher. Nem Antonio José da Silva se deixava alcançar d'olhos que poderiam atar-lhe as azas da phantasia, nem as senhoras, parentas e conhecidas de D. Anna d'Almeida, se prestavam a ser amadas d'um judeu, que, dous annos antes, figurara no auto da fé. Francisco Xavier encomiava a levantada intelligencia do seu amigo; recitava com enthusiasmo os versos d'elle; abancava-o, nos seus jantares, á direita de sua senhora. Não era tudo bastante para que uma dama da sociedade alta se deixasse olhar duas vezes equivocamente pelo filho da judia Lourença.

Antonio José olhou em si e comprehendeu a sua posição aviltada nos salões de Lisboa. Refugiou-se na soledade do seu quarto, restabeleceu o intimidade que tivera com alguns frades, e comsigo e com elles passava as horas, umas de cogitar doloroso, outras de recreada palestra litteraria.

De longe em longe, visitava Leonor. Perante ella não proferia expressão amoravel nem queixosa. Escutava as

Digitized by Google

conversações enfadonhas de sua mãe com a viuva; e, se Lourença, alguma vez, d'industria ou eventualmente, falava nos antigos projectos de casamento, em presença de Leonor, Antonio José desafiava a menina a sorrir dos designios exquisitos das duas mães.

Leonor invejava a sorte das monjas christãs. Aquelle quieto viver á beira da sepultura parecia-lhe o balsamo divino que a humanidade inventara para remedio dos seus desgraçados. Disse-o á mãe, que lhe respondeu sòluçante. Communicou as suas esperanças e desejos ao tio de seu pae. Diogo de Barros achou louvavel o intento, menos a profissão, conjecturando de si comsigo que a raça materna lhe seria impedimento, que só os reis e os parentes costumavam vencer para darem habito a comicas e ciganas, umas que não podiam ser enterradas em sagrado, e outras que nem baptisadas eram. Margarida do Monte e a Gamarro eram exemplos recentes, e mais recente ainda o da freira de Santa Joanna, amante que havia sido d'um dos infantes, mulher de mais encantos que vira Lisboa [1].

Acceitou Leonor qualquer convento, e de qualquer modo. Pediu licença á mãe, coadjuvando-se dos rogos do tio. Depois de muito chorarem, mãe e filha, venceu Leonor, com promessa de passar alguns mezes de cada anno com a sua familia. Diogo de Barros preparou a en-

---

[1] Esta religiosa, d'appellido Silva, morreu esmagada entre as quatro paredes da sua cella no terramoto de 1755. A belleza já devia ter morrido.

Digitized by Google

trada da sobrinha no convento da Encarnação, de religiosas commendadeiras d'Aviz. Não lhe foi difficil provar que D. Leonor Maria tinha sangue da primeira nobreza, prova condicional para poder entrar como pensionaria. Entrou alegremente para lá se engolfar nas suas tristezas. Má casa lhe escolheram para quem queria viver triste. As commendadeiras da Encarnação eram senhoras joviaes, festeiras e dadas ao amor. As suas grades eram fontes de Vaucluse, onde mais felizes Petrarchas iam poetar. A liberdade, que estas professas benedictinas gozavam de sahir, sob a responsabilidade da visita amiga ou parenta, que as ia buscar de manhã e levar á noite, era uma liberdade geradora d'outras muitas, que de si e por si geravam variados phenomenos de geração, com os quaes andam grandemente povoadas as genealogias dos grandes senhores e grandes senhoras d'estes reinos. Ainda assim, o vicio n'aquella casa tinha fidalguia libré. S. Bento não se honrava de taes filhas; é isso verdade; mas a organisação da sociedade de D. João V não as contava somenos elemento de seu luxo e policiamento.

Leonor competia com as mais bellas, e primava entre as mais discretas. Mostrou-se, deixou-se ouvir, deixou-se admirar, deixou-se amar; e, depois sumiu-se no seu cubiculo. Chamaram-lhe exquisita, louca, ingrata ás dadivas da opulenta mão da natureza. Não importou. Leonor não voltou aos palratorios, nem faltou aos seus deveres de pensionaria. Costurava muito, lia pouco, e não resava nada. A filha de Jorge, em cousas de reli-

Digitized by Google

gião, cria em Deus, Criador, todavia imperfeito, porque ella, á imitação d'abalisados philosophos, errava como elles, não querendo vêr o perfeito no regirar evolusivo das harmoniosas imperfeições. Qual foi o author que disse: «homem solitario, das duas uma; ou santo ou demonio»? Da mulher sósinha, e de Leonor especialmente, direi que se ha santidade, sem beneplacito de Roma, sem camandulas e sem agua-benta, santa era a filha da judia Sára.

Magoavam-n'a ainda as mordeduras da serpente do primeiro amor; soavam-lhe no seio uns rebates de saudades, que, por instantes, lhe ennoitavam a mais clara luz do sol da sua cella: assim era; mas ninguem lhe ouvia queixumes, a ninguem consultara sobre os linimentos das suas feridas. Soffria calada e risonha.

Alegremente recebia as visitas de sua mãe e parentes. Lourença Coutinho ia á Encarnação com o filho, e alguma vez o filho sem mãe. Leonor recordava-se das brincadeiras d'ambos, na Covilhã, por que a mãe lh'as entalhara na memoria, contando-lh'as frequentemente. N'isto passavam alguns minutos, e chamavam-se irmãos.

A visita de Lourença e do filho eram-lhe causa de dissabor, porque as fidalgas benedictinas conheciam de nome Lourença, mulher do letrado judeu João Mendes, e mãe do poeta Silva já penitenciado pela inquisição.

Leonor soffria calada os remoques, não se queixava ao tio Diogo, por temer que a tirasse de lá. Aquelle soffrimento parecia-lhe menor que o viver e tratar com

Digitized by Google

muita gente, e o não ter um cubiculo seu e defeso ás importunações.

E assim passou um anno, e cinco depós o primeiro, triste sempre, sempre inflexivel ás maviosas supplicas que lhe fazia a mãe no sentido d'acceitar o nobre e leal coração d'Antonio José.

Corria o anno de 1733. Leonor tinha vinte e um annos. Consoante ella tinha prometido, era chegado o tempo de decidir-se sobre o seu futuro. Perguntou-lhe a mãe qual era.

—Acabar aqui—disse ella.—Quando a mãe não poder dar-me a pensão, irei ser serva d'alguma senhora n'outro mosteiro. E Deus sabe que sacrificios a mãe não terá feito para me sustentar aqui!...

—Nenhuns, filha. Ainida tenho algum do dinheiro que Simão de Sá nos deu, como liquidado da herança de teu pae. Decides não casar com Antonio?

—Nenhum de nós seria feliz. Não devo engana'-lo. Falta-me o amor que elle merece. Desperdicei-o... mas que remedio tem? Eu expio a minha cegueira, e elle abrirá os olhos quando Deus lhe mostrar mulher mais digna.

—E por quem te apaixonaste, filha!...—tornou Sára.

—Digno moço era Francisco Xavier; não t'o posso negar, nem sei desfazer n'aquelle brioso caracter; mas logo que te elle deu como certa a sua indifferença, devias esquece'-lo, filha...

—Não pude; fiz tudo que podia, minha mãe. Tive o pensamento de me matar!...

Digitized by Google

—Deus d'Israel! —exclamou Sára.

—Pensava em matar-me, quando todos me viam rir, e falar como toda a gente fala das cousas interessantes da vida. Eu sabia que, se o visse, depois, não podia aviltar-me; mas podia acabar comigo. Fugi-lhe para aqui. Poderia agora ve'-lo sem alterar-me... Poderia... mas não quero experimentar. Ouvi dizer que Francisco Xavier enviuvou ha dias, e que tem o pae a morrer...

—E' certo, filha.

—Pois tenho pena immensa d'elle, se amava a esposa, quanto eu creio que ella o amasse... Começa a ser infeliz; desanda-lhe a roda. Emquanto foi máo, tudo lhe sahia á medida do desejo; agora que vivia honradamente, morre-lhe a mulher e o pae...

—E já me disse que sahirá de Portugal assim que lhe faltar o pae, porque não póde viver entre estes desaforados hypocritas.

—Faz bem. Quem podera tambem fugir d'aqui!.. Se a mãe soubesse que sonhos... que presentimentos!... Porque hei-de eu presagiar para mim um desastrado morrer!...

—Como, filha?

—Lembro-me da inquisição! Tenho dias que me não sae do pensamento o espectaculo horrrendo!...

—Oh! filha!... por misericordia, não me assustes!... —exclamava Sára.

E, poucas mais palavras ditas, a viuva sahiu da grade, entrou em casa quebrantada, queixosa, e doente. Poucos dias depois, Diogo de Barros foi buscar Leonor ao

Digitized by Google

convento da Encarnação para assistir á perigosa enfermidade de sua mãe. Ao principio, quando Sára se queixava de dôres da alma e de ligeiros achaques do corpo, não se inquietaram extraordinariamente as pessoas, que se esmeravam em dar-lhe allivio n'outras iguaes doenças d'espirito; mas, assim que a febre a prostrou, já a medicina a viu com desconfiança. A viuva de Jorge de Barros tinha cincoenta e quatro annos; alvejavam-lhe, porém, os cabellos como aos setenta. Desde a morte do marido, o envelhecer foi tão rapido que, ainda sem as angustias e terrores do carcere de Valladolid, faria espanto em acabar-se e desfigurar-se assim a mulher, que aos quarenta annos dava invejas ás formosuras em flôr de juventude.

Leonor, abeirando-se do leito de sua mãe, compenetrou-se da certesa de a perder. Ajoelhou-se a pedir-lhe perdão dos terrores que lhe incutira com as suas visões.

—Não foi isso, filha—disse Sára.—A minha morte explicam-n'a os annos e as desgraças do passado. Vou d'este mundo afflicta... porque Deus te não levou diante de mim.

—Oxalá...—murmurou Leonor.

—Do mais, que é morrer? que sou eu n'este mundo?... que faço eu aqui se nem já me é concedido ver-te feliz, pobre mulher?

A presença de Leonor parecia angustia'-la mais. A menina retrahiu-se a um canto sombrio da alcova para chorar escondida de sua mãe.

Digitized by Google

O progresso rapido da doença ao seu termo fatal não dava intermittentes á esperança.

Ao quinto dia já a febre maligna se manifestara com os peiores symptomas. Os intervallos de razão lucida eram curtos.

Em um d'estes, Sára declarou que queria morrer na religião christã, porque sabia que seu padrinho Luiz Pereira de Barros morrera como um justo e seu marido se confiara á Divina Providencia, em vida, e pedira no dia final os recursos d'um padre catholico. Recebeu Sára os sacramentos com fervor de catecumena. Lourença Coutinho, israelita de consciencia, assistiu com desgosto á fraqueza intelectual da sua velha amiga, como ella dizia ao marido. João Mendes da Silva, que então contava setenta e nove annos, qundo sua mulher escondia o rosto amargurado para não ver as ceremonias da extrema-uncção, disse-lhe:

—Deus sabe onde está a verdade, Lourença!... N'esta religião de Jesus de Nazareth vejo que ha exemplos de vidas e mortes exemplares. Os christãos morrem com uma certeza de castigo e recompensa... e nós...

—Tambem—concluiu Lourença.

Um aceno de Sára, que parecia tranquilla depois de sacramentada, fez aproximar Lourença e Antonio José.

A moribunda pegou da mão de Leonor, e disse-lhe:

—Filha, attende á supplica de tua mãe. Pelas agonias d'esta hora te peço que sejas esposa d'este infeliz moço.

Leonor beijou-lhe a mão, e murmurou:

Digitized by Google

— Sim, minha mãe... serei...

— Bem hajas do divino recompensador, filha do meu coração... Eu vos abençôo; sede bons; amae-vos... Antonio, deixo-te a filha de Jorge de Barros...

Antonio José da Silva ajoelhou ao lado de Leonor. Começou o arrancar da vida. Poucas mais palavras proferio; foram curtos e quasi serenos os paroxismos. Quando cuidavam que Sára abria os olhos e labios para ver e consolar quem a chorava, então foi ella que inclinou a cabeça para o hombro da filha, e expirou.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO XIII

Leonor manteve a promessa feita á mãe expirante. Pediu que a deixassem despir o luto d'orphã para vestir depois as galas de noiva. Era um anno de impaciente esperar; mas deliciosa impaciencia para o hebreu. Já elle se não temia da quebra do juramento. E para cumulo de felicidade, Leonor dissera-lhe que seria sua, tanto porque promettera, quanto, ou mais ainda, porque o desejava ser.

Morrera, como se esperava, José de Oliveira, pae de Francisco Xavier. O conde de Tarouca, ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria, elegeu Francisco Xavier de Oliveira para seu sectretario. Era esta a mais inquieta ambição do inimigo dos frades: sahir de Portugal, ir para onde podesse desabafar contra os hypocritas, escolher uma religião ou menosprezal-as todas, sem receio de ser incommodado.

Despediu-se d'Antonio José da Silva vaticinando-lhe que nunca mais se veriam, salvo se o judeu procurasse terra onde sua phantasia podesse florir ao sol de Deus, aquecer-se ao calor das ideias novas, e não estar sem-

Digitized by Google

pre a receiar-se do calor das fogueiras da fé christã.

Antonio José da Silva, cego d'amor, não teve olhos que vissem lagrimosos a ida do seu primeiro amigo. Sem temor d'offender-lhe a memoria, abalanço-me a conjecturar que o judeu folgou de ver sahir de Lisboa o homem, cujo nome ainda alvoroçava o peito de Leonor.

Sahiu de Portugal Francisco Xavier de Oliveira em 19 d'abril de 1734. Mais tarde, iremos no encalço d'este homem que vae indo sob o influxo de funesta estrella.

O contentamento apertou as glorias adormecidas de Antonio José da Silva, as glorias do theatro. A opera, que elle tinha concluida para ser posta em scena, era a *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*. A companhia que então representava no theatro do Bairro-Alto, era bóa e amestrada pelas lições e exemplo do famoso comico hespanhol Antonio Radrigues, que em Lisboa vivia lauta vida em galardão de sua eminente habilidade.[1]

---

[1] No *Amusement périodique*, pag. 41 do 1.º vol., Francisco Xavier de Oliveira, a respeito d'aquelle actor, escreve: «Antonio Rodrigues, hespanhol, sustentou-se com facilidade muitos annos no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador, e palaciano. Era tão homem de bem quanto actor de merecimento. Do seu proceder honrado resultou-lhe uma pensão annual de cento e vinte moedas d'ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza, e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar...

Digitized by Google

Foi *D. Quichote* para ensaios, que o author dirigiu por espaço de dois mezes com incalculaveis afflicções! O leitor entendido mais ou menos em arte dramatica, digne-se imaginar que mortificações alancearam o pobre author, para metter em ordem os seguintes personagens da peça:

D. Quichote.
Sancho Pança.
A sobrinha de D. Quichote.
A ama do mesmo.
Thereza Pança, mulher de Sancho.
Uma filha do mesmo.
Um tabellião vestido d'almocreve.
Uma saloia em um burro.
Sansão Carrasco.
Seu criado.
Um diabo que vem no carro.
Outro diabo com muitos cascaveis.
Um homem que vem com o leão.
Belerma.
Montesinos.
Um que está na cova.
Calliope que vem na nuvem.
Apollo e as musas.
Dois homens que são do moinho.
Dois homens do barco.
Um fidalgo.
Uma fidalga.
Um meirinho.
Um escrivão.
Dois homens que tocam rebecas.
Um homem que toca rabecão.

Digitized by Google

Um medico.
Um cirurgião.
Um taberneiro.
Uma mulher moça com manto.
Uma mulher velha em corpo.
Um escudeiro.
A condessa das barbas.
Dois rebuçados.
Dois homens para a audiencia.

Ora, todos estes personagens deviam obedecer mais ou menos ao ensino do poeta, incluindo o burro da saloia, e o leão do homem; porém, as zangas e desalentos d'Antonio José da Silva eram incomparavelmente maiores no modo de fazer funccionar a tempo o chamado «apparato do theatro» peças de magnifico espectaculo, de que acintemente dou noticia para encovar o orgulho dos machinistas modernos. Vejam:

Um carro com varias figuras dentro.

Uma capoeira sobre um carro, em que irá um leão, que sahe fóra a seu tempo.

Um carro em que vem Dulcinea e varias figuras.

Dois cavallos, um de D. Quichote, e outro de Sansão Carrasco.

Dois burros, um para Sancho Pança, e outro para uma saloia.

O monte Parnaso com as musas, Apollo e o cavallo Pegaso.

Um barco.

Um cavallo que vem pelo ar, e se lhe põe fogo.

Uma nuvem.

Um porco.

Digitized by Google

Este ultimo personagem não voltou á scena—digamo'-lo de passagem — desde Antonio José da Silva. Suppunha-se que o sr. Mendes Leal rehabilitasse o porco, aqui ha annos, quando povoou de camellos o theatro normal. A occasião era aquella. Como passou, é de presumir que o porco se não logre de pisar outra vez o palco.

Vontade de ferro e coadjuvação dos primeiros talentos de Lisboa em tramoias theatraes, vingaram que a opera se mostrasse ao publico ancioso na noite de 16 d'outubro de 1733.

A ordem dos camarotes nobres estava adornada com as senhoras de primeira plana, que mal se viam por causa das gelosias. *O camarote dos frades,* assim denominado por excellencia, estava recheiado de bons e devotissimos theologos, cujos narizes rubidos a custo podiam entrever-se através das rotulas [1]. Na platéa, a pressão era suffocante. Pagavam-se as entradas a moeda d'ouro; e, quando se annunciou que entrava em scena um porco e um cavallo que voava, os bilhetes subiriam se apparecessem vendedores.

---

[1] . . *Cette loge s'appelle en portugais le* camarote dos frades. *Elle est placée au dessous de celles qui ne sont jamais occupées que par les dames de la prémière qualité. Celle là de même que les autres est fermée par des jalousies, c'est à dire, par une espéce de grélles de bois, qu'on appelle* Rotas, Rotulas, *ou* Zelozias *en portugais. Amusement périodique,* pag. 31, 2.° vol.

Digitized by Google

As gargalhadas atroavam compactas desde a primeira scena. Riam os frades em contursões de jubilo, espirravam as damas sympathicos frouxos de riso, ria toda a gente, menos os poetas de Lisboa, que se tinham enfileirado, d'antemão comprometidos a não acharem graça á comedia do hebreu. Parece que presagiavam a trovoada imminente, e o raio fulminante da irrisão geral!

Chegou a scena VIII do 1.º acto. Ouvem-se musicas melodiosas.

—Não ouves, Sancho, uma suave harmonia?—pergunta D. Quichote.

Sancho

E' verdade! espere vossemecê, que lá vem voando o quer que é! *(Desce a musa Calliope em uma nuvem, e D. Quichote e Sancho ajoelham.)*

O cavalleiro da triste figura e o gordo pagem reverenceiam a musa, que se abre n'estes rogos ao donoso soccorredor dos afflictos:

—Valente D. Quichote de la Mancha, cavalleiro dos leões, eu sou a musa Calliope, a primeira e principal das nove, que assistem no monte Parnaso. Aqui venho a teus pés enviada por meu amo, o sr. Apollo, o qual, como sabe que tens professado a estreita religião da cavallaria andante, e tens d'obrigação o desfazer aggravos, soccorrer afflictos e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado d'uns poetas melodicos, que o querem despojar do throno; e junta-

Digitized by Google

mente para reformares a poesia, que se acha quasi arruinada; para o que eu, da minha parte, como tão interessada n'este desempenho, te supplico com o suave de minhas vozes, pois é certo que a musica tem virtude para attrahir os corações mais duros.

Sancho (á parte)

Aqui nos encaixa uma aria á queima roupa!

Calliope, de feito, cantou, em quanto o bravo cogita no modo de galgar ao Parnaso. Põe suas duvidas á deusa, que lh'as corta, arrebatando-o e mais o escudeiro n'uma nuvem.

Aqui estamos já no Parnaso. Principiam a contorcer-se os poetas da plateia. Já muita gente os tem d'olho, e engatilhada a risada para lh'a desfechar na cara.

Apollo (aos poetas)

Esperai, bastardos filhos, que cedo virá quem me vingue de vossas injurias!

Poetas

Já não te reconhecemos, oh! Apollo, por deus da poesia; pois qualquer de nós é Apollo, e cada ideia nossa uma musa.

Apollo

Assim vos atreveis a profanar o decoro que se deve

Digitized by Google

aos meus apollineos raios?! *(Apparecem D. Quichote Sancho, e Calliope.)*

Poetas

Toca a investir ao Parnaso!

Apollo

Em boa hora venhas, valente D. Quichote, que só a tua espada me póde segurar o throno e o laurel! Vem, vem a vingar-me d'estes poetasinhos, que sem mais armas que a sua presumpção, querem não só competir com o meu plectro, mas ainda intentam despojar-me do Parnáso; e, como as armas e as letras são tão fieis companheiras, quero-me valer das tuas armas para a restauração de minha sciencia; e, como esta violencia, que se me faz, não desmerece os empregos da tua cavallaria, peço-te que me soccorras.

D. Quichote

Sr. Apollo, eu tomo sobre mim o seu desaggravo; e já, desde agora, se póde assentar bem n'esse throno que d'elle ninguem o ha-de arrancar.

Sancho

Sr. meu amo, eu cuido que estou sonhando! Que vossemecê entre no Parnaso, não é muito, porque é

Digitized by Google

louco; porém, eu, que, sendo um ignorante, tambem cá esteja, é o que mais me admira! E d'aqui venho agora a concluir que não ha tolo que não entre hoje no Parnaso!

D. Quichote

Diga-me, sr. Apollo, e como se chamam os poetas que tanto o perseguem?

Apollo

Essa é a desgraça, D. Quichote; que os poetas que me perseguem não são de nome; e, comtudo, cada um cuida que é mais do que eu mesmo.

D. Quichote

Dizei-me, poetas d'agua doce!... [1] Dizei-me, rãs que grasnaes no charco da caballina! Dizei-me cysnes contrafeitos, que vos banhaes no lodo da Hypocrene: com que motivo quereis competir com o deus da poesia?

Poetas

Porque esse Apollo, como não inspira, não merece

---

[1] O auctor, que proferia a apostrophe, fitou os olhos na turba dos vates. A hilaridade mal deixava ouvir os brados retumbantes do esgrouviado cavalleiro.

Digitized by Google

o nome d'Apollo; e assim queremos tomar-lhe o Parnaso e reparti'-lo entre nós.

Sancho

Senhor! não se metta a brigar com os poetas que são peiores que gigantes. Veja vossemecê que elles trazem um exercito de dez mil romances, quatro mil sonetos, duzentas decimas, oitenta madrigaes, e um esquadrão de satyras volantes em silva que arranha. Veja bem no que se mette!

D. Quichote

Nada me assombra; porque eu só com esta espada hei-de vencer quantos poetas ha no mundo. Serra Hespanha! Viva Appollo! e morram os traidores! *(Grande algazarra.)*

Apollo

A elles, meu D. Quichote, que a victoria é nossa!

Sancho

Aqui d'el-rei, que estou passado de parte a parte com um soneto em agudos!

D. Quichote

Já fugiram como mosquitos!

Digitized by Google

Sancho

Avança! que com esta gente sou eu gente!...

.....

Felizmente para os poetas, com pouco mais, baixou a cortina do primeiro acto. Alguns sahiram e não voltaram a expôr-se ás brutaes risadas d'aquelle selvagem publico, de todo desapparelhado dos menores rudimentos d'educação. Os mais briosos propunham-se chibatar o actor, e os mais covardes ameaçavam o judeu, em tom comedido que não podia chegar aos ouvídos d'Antonio José da Silva.

Correu a comedia sempre victoriada, tirante os lances em que appareciam diabos em scena, porque então os frades do camarote resmuneavam entre si, dizendo-se:

—Como é que a censura deixou passar estas galhofas, que insultam a religião catholica?

—Bem se deixa ver a cauda do judeu por entre as farçadas da sua tramoia!... Queira Deus que o author não tenha d'ir ainda purgar-se d'estas fezes que lhe sujam o talento!...—observava um leitor de theologia do convento de S. Domingos.

Sem embargo, a reputação d'Antonio José da Silva estava confirmada pelo delirio da multidão.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO XIV

Os bens de fortuna do advogado João Mendes da Silva permittiam largas ao prazer com que o velho preparava casa com excellentes commodos para receber a esposa de seu filho.

Alugou um espaçoso predio no largo do Soccorro, trastejou-o com a mobilia doirada, que ainda hoje relembra a epoca de D. João V, alcatifou os pavimentos, pendurou lustres, vestiu d'azulejos o pateo e paredes das escadas, limpou e areiou os passeios do jardim, murou de vasos os alegretes, plantou trepadeiras para afestoar abobadas de folhagem; em tudo com menineira alegria, cuidou afanosamente o ancião, pedindo conselhos a Lourença, no tocante aos objectos dos aposentos de Leonor.

A noiva visitou a sua futura casa, com suas primas, alguns dias antes do casamento; e, como visse o jubilo do veneravel João Mendes, de Lourença e do filho, mais feliz e menos expansivo que elles, disse entre si: «Razão tinha minha mãe!... Esta familia sente e goza as alegrias das virtudes antigas do povo escolhido.»

O dia da suprema felicidade da familia Silva foi o

Digitized by Google

vinte d'abril de 1734. As festas do noivado foram muito gozar na casa de João Mendes, onde apenas se viam os Barros, unicos parentes de Jorge, que cruzavam o limiar d'um hebreu. Muitos outros tinham ido supplicantes ao escriptorio de João Mendes pedir-lhe a sua sciencia; e esses mesmos encostavam-se despejadamente ao telonio de qualquer judeu, quando a bolsa lhes pesava menos que a fidalga soberba e os christianissimos escrupulos. E' verdade que estes, depois, lançavam lenha á fogueira dos credores, e assim saldavam contas convictos de que Jesus-Christo, no juizo final, sahiria em defesa d'elles, contra as abjurgatorias do diabo, e depoimento dos judeus roubados. Santa gente, que não tem menos razão de ser canonisada que Pedro Arbuès, do qual dizem que vae rezar o calendario.

Leonor estimava profundamente seu marido: a consciencia não a deixava doer-se da falta d'aquelle sentimento. A profunda estima d'ella valia mais que a superficial paixão de muitas. Antonio José da Silva não sentia necessidade de ser mais amado. Se elle tivesse conhecido caricias d'outras, denguices usuaes e convencionaes, delirios de poesia, que desfecham em insulto prosaismo ao terceiro mez de vida marital, póde ser que Leonor lhe parecesse fria, fleumatica e desamoravel; porém, como ella tinha sido a mulher unica da sua esperança, e perdida de sua alma a considerara, tudo que a outrem parecera tibieza d'affecto, se lhe afigurava a elle amor, juizo reflexão, e póde ser que um quebranto das amarguras da vida passada.

Digitized by Google

O hebreu, aporfiando em contribuir com metade das despezas necessarias á decencia de sua casa, trabalhava muito e de ferverosa vontade nos negocios forenses, sem, comtudo, levar mão das suas composições theatraes.

Poucos dias depois de casado, assistiu elle com Leonor á primeira representação da sua segunda comedia, intitulada: *Esopaida ou vida de Esopo.* Nos dias d'este nosso seculo bem criado qualquer marido que escrevesse a *Esopaida* não levaria sua mulher a ve'-la em scena, e menos lh'a recitaria em familia. E, n'aquelle tempo de tantos frades e virtudes, as cousas e phrases que se figuravam e diziam no palco eram taes que hoje a policia prende a gente desbocada que as diz na rua. Aquellas senhoras não tinham nem deviam ter mais melindroso ouvido que a virtuosa e pia côrte de D. João III, á qual medianamente incommodavam as facecias obscenas de Gil Vicente, e o recitativo lubrico e sordido do *Pranto de Maria Parda.*

A segunda comedia corroborou o triumpho que o judeu alcançara na primeira. Andava-lhe o emprezario de mãos postas rogando que lhe não desamparasse o theatro e o publico para quem já nenhum outro auctor portuguez ousaria escrever, sem plausivel susto de ser assobiado.

Em maio de 1735, novo drama d'Antonio José acudiu á anciedade das turbas, que haviam desamparado o theatro. Chamava-se a opera; *Os encantos de Medéa.* Esqueceram as victorias das anteriores comedias, deslumbradas pela ultima. O auctor sahiu nos braços da

Digitized by Google

melhor gente, que frequentava o theatro da Mouraria. O conde da Ericeira dignou-se visita'-lo no camarote, e chamar-lhe o Aristophanes portuguez.

Em junho d'este anno, morreu João Mendes da Silva com oitenta e um annos d'idade, abençoando esposa e filho, e a carinhosa Leonor que lhe colheu a ultima luz dos olhos embaciados, e se viu espelhada n'elles através das lagrimas do trespasso. Lourença Coutinho exorou muito a Deus que a levasse então; o juiz incomprehensivel indeferiu o requerimento.

Em maio do anno seguinte, apesar do augmento do trabalho d'escriptorio que a clientela levava ao filho, tão famigerado como o pae, representou-se a quarta opera d'Antonio José, denominada: *O Amphitrião.*

O hebreu tinha inimigos, não poderosos para o affrontarem barba por barba, mas de sobra infames para o indisporem no conceito dos piedosos. Azou-se-lhes ensejo na recita do *Amphitrião:* aqui se fala em carceres, em barbaros juizes, em patibulos, em polés. Antonio José não estudara a philosophia do anexim: «não falar de corda em casa do carrasco.» A palavra polé ia vibrada ao *camarote dos frades,* que—digamo'-lo em honra da arte—estava sempre empilhado d'elles. No drama, um personagem entre ferros recitava os seguintes versos:

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influes, com luz opaca,
Rigor tão fero contra um innocente!
Que delicto fiz eu para que sinta
O peso d'esta asperrima cadeia,

Digitized by Google

Nos horrores d'um carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusão e o susto mora!

.....

Mas ó deuses, se sois deuses
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegaes hoje a castigar? [1]

Os poetrastos, açoutados no *D. Quichote*, farejaram impiedade no quarteto; os frades viram clara allusão á injustiça do encarceramento no santo officio.

Estas interpretações chegaram ao conhecimento de Silva. Indignaram-n'o, e logo protestou não mais escrever para interpretes estupidos e malvados.

Protestos de dramaturgo! A paixão era despotica, e tanto que venceu luctando com os rogos de Leonor no sentido de manter inquebrantavel o protesto de mais se não expor ás insidias d'inimigos invejosos.

Tanto assim, que já no mez de novembro de 1736 appareceu no theatro com o *Labyrintho de Creta*. Estava cheio o theatro e os inimigos a postos para notarem a lapis as phrases suspeitas. O auctor esmerava-se em não dar brecha á maledicencia. Não se vos depara phrase ambigua nem expressão bifronte no longo drama; os scelerados, porém, escavaram; escavaram até poderem mostrar intenção offensiva e attentoria da religião

---

[1] *Amphitrião* — Part. 2.ª Sc. VI.

Digitized by Google

christã. Sem embargo, porém, da parcialidade odienta, os applausos excederam as ovações passadas.

Já se não irritou Antonio José contra os biltres diffamadores. Prometteu vingar-se com a fecundidade do seu talento, e preparou duas operas para o anno seguinte. Apresentou a primeira no carnaval de 1737, conhecida pelo titulo de *Guerras do alecrim e mangerona;* e, depós esta, deu para ensaios as *Variedades de Proteu.*

—Não quero outra vingança!—dizia elle á esposa—hei-de afastar estes cães dos calcanhares com a nobilissima arma que elles não merecem. Provar-lhes-hei que fundo o theatro nacional, em quanto elles escavam com as garras a sepultura da sua inutilidade. O conde da Ericeira encarregou-se de dissuadir algum inimigo dos temiveis que tenho. Os outros, os invejosos, hei de esmaga'-los debaixo do peso da sua ignominiosa paixão.

Digitized by Google

CAPITULO XV

Deviamos ter feito uma solemne e festiva paragem no anno de 1735. N'este anno, aos cinco d'outubro, Leonor foi mãe. Era uma menina que, na pia baptismal, recebeu nome de Lourença, por chamar-se assim sua avó e madrinha. Diogo de Barros, que já o tinha sido do casamento, foi padrinho da neta do seu sempre chorado Jorge de Barros.

Então se consummou a felicidade de Leonor. Sentiu ella, ao estreitar ao seio a filha, que lá do intimo se desentranhavam affectos novos, alegrias doidas, consolações inenarraveis. Parece que d'aquella superabundancia d'amor, grande parte vertia ella no coração do marido. Agora, sim: amava-o, ternamente o amava, descobria o sacratissimo mysterio do amor d'esposa nas delicias da maternidade.

O primeiro anniversario de Lourencinha foi festejado com pompa. Antonio José da Silva abriu as suas salas aos amigos que a sua reputação lhe criara. A sociedade dos dignos homens de letras, que frequentavam o palacio dos Ericeiras, gratamente se curvou a beijar no berço a filhinha do mais festejado e popular talento do paiz.

Digitized by Google

Agora, atemos o fio no ponto em que deixámos este ditoso pae planejando intrumentos para affronta e completa vingança dos baixos detrahidores.

N'este tempo, recebeu Antonio José da Silva, como em todos os paquetes, carta do seu amigo Francisco Xavier de Oliveira, respondendo na maxima parte ás queixas enviadas pelo hebreu das interpretações calumniosas que a gentalha litteraria dava ás suas operas, no intento d'irritarem contra elle o santo officio.

Francisco Xavier dizia-lhe que sahisse de Portugal quanto antes; porque se o rastilho da polvora chegava á santa casa, não havia forças de contramina, e a conflagração sería inevitavel. Lembrava-lhe Hollanda, Italia, Inglaterra como paizes liberrimos, e alentadores d'altos corações e espiritos. Promettia-lhe, se elle quizesse, posição honrosa na embaixada do ministro conde de Tarouca, homem de boa alma que o havia d'estimar grandemente.

Depois, contava-lhe a realisação do seu casamento em Vienna com *mademoiselle* Eufrosina de Puecbberg e Enzing, menina de virtudes condignas de seu distincto nascimento, bem que desprovida de dote. Relatava mui d'espaço e desenfadadamente um episodio que lhe succedera, quando foi ao consistorio prestar juramento de que sua primeira mulher tinha morrido. Traslada'-lo-hei como elle o reconta no seu *Amusement périodique* do mez de julho de 1751. Antes, porém, do extracto, releve-me o author que por pouco tempo o detenha para me ajudar n'uma averiguação importante, quando se trata da bio-

Digitized by Google

graphia, mas rapida que seja, de tão celebrado sujeito.

Dizem unanimemente os biographos de Francisco Xavier de Oliveira que elle sahira de Lisboa, na qualidade de secretario do conde de Tarouca, para Austria, em 1734. Uniformes asseveram que elle ia já viuvo de sua primeira mulher D. Anna Ignez d'Almeida. O sr. Innocencio Francisco da Silva, eminente esquadrinhador dos traços principaes da vida dos escriptores que biographa no seu valioso e prestantissimo diccionario, diz com referencia a Francisco Xavier de Oliveira, firmado no parecer unanime de seus antecessores, o seguinte:... «achava-se no estado de viuvo, quando por obito de seu pae foi nomeado para o substituir na qualidade de secretario do conde de Tarouca, então ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria. Aos 19 d'abril de 1734 sahiu a barra de Lisboa, deixando a patria, para mais não torna'-la a vêr.»

Ora, se Francisco Xavier sahiu viuvo de Lisboa em 1734, e passou a segundas nupcias em Austria, seria absurdeza irrisoria dizer-se que elle casou segunda vez em 1733, isto é, passou a segundas nupcias antes de viuvo da primeira mulher. E, entretanto, o leitor tem de julgar entre o cavalheiro de Oliveira e os seus biographos, depois de ler as textuaes palavras que vou copiar da narrativa propriamente d'elle: *L'an* 1733, *aiant résolu de contracter de secondes nôces à Vienne* [1], *je fus obligé de prêter en personne serment devant le consis-*

---

[1] Avec *mademoiselle Eufrosine de Puecbberg et Enzing.*

Digitized by Google

toire de cette ville, que ma prémière femme etait morte, etc. E' elle, pois, quem assevera que deliberou matrimoniar-se segunda vez em 1733, um anno antes da sua sahida de Portugal, consoante a data assignada pelos biographos melhormente informados. Poderá conjecturar-se que a realisação do casamento foi posterior alguns annos á deliberação de casar? Não: a hypothese é prejudicada pela affirmativa de que elle sahiu de Portugal para Vienna em 1734: fôra preciso que elle fixasse, ao menos, este anno, para poder vingar a hypothese da distancia temporaria entre o intento e a realisação. N'este caso, por qual das datas se decide o leitor? Inclina-se a crer que todos os biographos se enganaram, por ser Francisco Xavier de Oliveira a auctoridade mais verdadeira em cousas que lhe principalmente a elle tocam? Não concordamos. Eu abundo no que está dito e confirmado por biographos que deviam examinar competentemente o anno em que Francisco Xavier enviuvou, e o anno em que sahiu de Portugal. A meu juizo, a incongruencia d'estas datas procede d'um erro typographico na ultima letra numerica do anno designado no periodico do cavalheiro de Oliveira. A publicação era feita em Londres, e eu suspeito que o escriptor, n'aquelle anno de 1751, tivesse a vista muito debilitada pelo chorar, senão pela fome. Viu mal as provas, falta que muitas vezes nos offerecem estes dois volumes. Se tal suspeita se figura argumento pouquissimo ou nada solido, a favor dos errados biographos do cavalheiro de Oliveira, então vejamos se o cavalheiro de Oliveira se desmente.

Digitized by Google

A pag. 349 do 2.º vol., no periodico d'agosto de 1751, elogia Francisco Xavier de Oliveira encomiasticamente a felicidade da vida matrimonial, e diz o seguinte, que vae traduzido para esclarecimento d'alguns poucos: «No 2.º volume das minhas *Cartas familiares, historicas,* etc. impresso na Haya em 1742, dei ao publico parte do que vou aqui referir-lhe. Mas, acerca d'isto, convém que eu faça duas observações: 1.ª que eu era solidamente ligado á igreja romana, no tempo em que discutia com o conde de Claravino em 1735, e ainda em 1736...»

Que discussões eram estas do cavalheiro com o conde? Declaram-se adiante pag. 354.

Escreve Francisco Xavier:—«A suprema loucura, me dizia o conde de Claravino, é o casamento, e eu não sei qual seja a estação da vida apropriada a semelhante tolice! O casamento é o peior dos males: é uma escravidão, um inferno!—Estaes em erro, senhor, lhe repliquei. O casamento, no meu modo de ver, é o mais bello, mais commodo, feliz e util estado da vida. Errado andaria eu tambem se dissesse que em todo o casamento se associavam aquellas excellencias; mas que ha ahi casamentos em que ellas se conjunctam, isso acreditei-o sempre e acredito ainda. Devo pugnar por tal estado. Aquelle em que eu me vejo [1] é tão desgraçado que só a selvagens convém...»

---

[1] Eu estava então viuvo por fallecimento de minha primeira mulher D. Anna Ignez d'Almeida. *(Nota do cavalheiro de Oliveira.)*

Digitized by Google

Esta pratica ou discussão com o conde de Claravino deu-se em 1735 e ainda em 1736. Não ha ahi, pois, mais evidente cousa que a impossibilidade de ter o cavalheiro casado segunda vez em 1733. Ahi está, por tanto, justificada a affirmativa dos biographos emquanto ao anno da ida do cavalheiro para a Austria. Parece-me agora de todo acceitavel a hypothese do erro typographico, porque é inadmissivel a leveza da contradicção em escriptor tão reflectido.

Está o leitor enfastiado já d'estas academicas esgaravatações. Indulte-as áquelle rancído achaque dos muitos annos que inclinam os velhos a esta cousa de peneirar a poeira dos seculos; d'onde resulta sahir-se a gente com os olhos cegos de pó, sem achar pedra que valha na joeira. De mais d'isso, a mim custava-me que, se alguem visse a errada data d'estes livros do cavalheiro, me aiguisse d'inventor d'anachronismos inculcadamente historicos.

Vamos agora todos melhorar de sorte, assistindo a um lance, com o qual se hão-de ensoberbar os actuaes cavalleiros da ordem de Christo, pelo que já d'aqui dou os parabens ao meu barbeiro.

Narrava, pois, Francisco Xavier então a sua ida ao consistorio allemão para dar juramento de sua viuvez, e continúa agora:

«A' entrada do tribunal o porteiro pediu-me a espada. Recusei-me. Deu-se parte ao bispo-presidente da minha recusação. O prelado, que me conhecia, mandou-me dizer por um dos conselheiros, que eu devia submissão

Digitized by Google

ás leis do paiz, e antigos usos do consistorio que não permitiam entrar alguem d'espada. Redargui que o principal adorno da minha ordem consistia no uso da espada; e que um dos seus maiores privilegios era poder, e até dever traze'-la em todo tempo, sem excepção do acto religioso da communhão, a qual me era permitido receber d'espada á cinta. Fez-me o bispo saber que o conde de Sinzendorf, poucos dias antes, indo ao consistorio, não duvidara deixar a espada em poder do porteiro; que eu bem sabía que elle era cavalleiro do Tosão, e podia contentar-me com tal exemplo, e segui'-lo. Retorqui ao conselheiro que a ordem do Tosão, com quanto illustre, não fruia os privilegios que os papas e outros principes haviam conferido ás ordens militares. E, que tendo eu a honra de professar uma d'estas, não cabia em meu arbitrio despojar-me d'ella, entregando a espada, da qual nem o rei propriamente podia privar-me, salvo sendo eu culpado de crime de lesa-magestade. Emfim, disse eu gracejando, mais facilmente prescindo passar sem a mulher que sem a espada: uma posso renuncia'-la, a outra não.

«O conselheiro irritado pelo gracejo, ou cansado de mensagens me disse de má sombra: «Espanta-me que o senhor pretenda ser preferido ao conde de Sinzendorf, e não distinga entre pessoas!» Respondi: «As distincções não está o senhor conselheiro no caso de as fazer: não é o cavalheiro de Oliveira que contende com o conde: é a ordem de Christo com a do Tosão. Faz-me muito favor se se dignar participar isto ao sr. bispo.»

Digitized by Google

«O bispo, depois, mandou-me entrar n'um quarto, onde estive sosinho uma boa hora. Em seguida, mandou-me ir ao consistorio, e prestar juramento, com a espada á cinta. Desculpou-se do acontecido dizendo que ignorava ou se tinha esquecido de que a ordem de Christo era militar...»

D'esta enfatuada narrativa, passava Francisco Xavier a contar os escandalosos amores de D. Luiz da Cunha, ancião d'oitenta annos, ministro de Portugal, em Paris, o qual se apaixonara na Haya por uma sr.ª Salvador, judia, pertencente a uma familia hebraica estabelecida em Hollanda, e a trazia comsigo pelo mundo. Conta que estivera ceando com elle e ella, e pasmara do temperamento amoroso do decrepito ministro, quando lhe elle disse: «Sem amor não ha vida feliz; a paixão do amor é o mais agradavel negocio da vida, e todos os prazeres são enjoativos, se o amor os não aduba.» E, dito isto, tomara a mão da bella, e exclamara:

Est-il rien de plus beau que l'innocente flamme,
Qu'un mérite éclatant allume dans une ame?
Et serait-ce un bonheur de respirer le jour,
Si d'entre les mortels on bannissait l'amour?
Non, non, tous les plaisirs se goûtent à le suivre,
Et vivre sans aimer n'est pas proprement vivre.

E, depois, a Salvador, por sua vez, tomou a mão do velhinho, e declamou:

Digitized by Google

Avoir un amant d'un mérite achevé,
Et s'en voir chèrement aimée;
C'est un bonheur si haut, si relevé,
Que sa grandeur ne peut être exprimée.

Francisco Xavier mostrava-se vivamente compadecido da senil miseria de D. Luiz da Cunha, aliás habilissimo ministro; porém, o que elle não podia perdoar-lhe era o escandalo de conferir a ordem de Christo á Salvador, lançando-lhe ao pescoço o cordão e a cruz que ella usava publicamente, denominando-se *cavalleira da ordem real de Portugal!*

«Como quer que seja, terminava Francisco Xavier escrevendo a Antonio José da Silva—sahe d'ahi, vem para este grande mundo, onde ha ridiculezas d'este tamanho; vem gozar a vida, repartindo-a entre a seriedade do estudo, e as brilhantes futilidades, de que a gente se póde rir impunemente. Enfardela a trouxa, e parte o mais breve que possas...»

—Que te parece?—perguntou Antonio José a Leonor.

—Vamos!—exclamou ella—mas o thesouro da Bemposta?!...

Digitized by Google

Digitized by Google

PARTE QUARTA

CAPITULO I

O expediente de vingança, que mais nobre se offerecia ao honrado animo d'Antonio José da Silva, não dava os esperados effeitos. A guerra, primeiro surda, já rumorejava nas praças, nos conclaves pios, e peior que tudo, nas cavernas do santo officio.

Duarte Cottinel Franco procurou com magoado aspeito, o seu amigo d'infancia para lhe recommendar precauções vigilantissimas, assegurando-lhe que de seu pae, qualificador do santo-officio, soubera que uma pavorosa tempestade se estava formando sobre a cabeça do innocente author das operas; e, com immenso desgosto, era elle inefficaz a conjura'-la com o raciocinio.

Disse Antonio José a Duarte Cottinel que se dispunha a sahir de Portugal, tão depressa liquidasse o valor dos poucos bens que herdara.

— E o thesouro da Bemposta fica? — perguntou Duarte.

Digitized by Google

—Se fica?... Sei eu, por ventura, se tal thesouro existe?!

—E o annel não chegaste a vê'-lo?

—Não ha annel nenhum, homem!...—tornou Antonio.—Em horrivel annel de ferro me querem cingir e afogar o pescoço estes cafres tonsurados a quem eu não fiz mal nenhum!

E, com palavras desviadas do assumpto do annel, o hebreu foi declinando a conversação para esquivar-se a perguntas, e respostas falsas com que se lhe mortificava a consciencia.

Duarte deixou-o a scismar no thesouro.

—Sería uma doudice, dizia Antonio José a Leonor, sahirmos de Portugal, sem ao menos levarmos a certeza de que já foi roubado o cofre de teu pae. A riqueza, se é tanta como diz o rol, dar-nos-hia em toda a parte do mundo uma folgada vida. Por que não tinha tua mãe confiança n'este Duarte?

—Porque eu lhe disse que a não tivesse—respondeu Lourença Coutinho.—E a ti, filho, conjuro-te que a não tenhas. Vae perguntar a Diogo de Barros que casta de gente é esta dos Cottineis.

—Mas—tornou Antonio—se eu fizesse as cousas de modo que não podesse ser logrado por Duarte? Se eu fosse pessoalmente desenterrar o thesouro, e o trouxesse comigo?

—Acho que elle sería capaz de te matar lá mesmo!

—Elle quem? Duarte?!

—Sim, Duarte.

Digitized by Google

—Ora, minha mãe! está formando um injusto e ultrajante conceito do homem! Que é dos crimes d'elle que a authorisam a conceituar assim um rapaz que nunca nos fez mal, e de toda a gente recebe provas d'estima, e foi elevado por sua honra ao grande emprego que tem no paço dos infantes!

—Antonio, não te fies n'elle! Que interesse póde elle ter—replicou Lourença Coutinho—em que tu aches e possuas o thesouro! Se tantas vezes lhe temos dito que o thesouro é uma fabula, ou, se não é fabula, é cousa perdida, para quê anda elle sempre a falar-te no annel do contador-mór?

—E porque se mortifica, pensando que desconfiamos de sua lealdade... E então, Leonor, como entendes tu que procuremos desenganar-nos?

—Eu sei!... A dizer verdade, o tal Duarte não me merece confiança; mas póde ser que todos desacertem, menos, tu, Antonio. Dizes que irias tu mesmo buscar o cofre, e trazê-lo para tua casa. Se assim fôr, não sei realmente como Duarte possa rouba-t'o. Póde ser que a ideia d'elle seja receber uma porção dos objectos. Se fôr isso, dá-se-lhe alguma cousa, que nos ha-de ainda ficar muito. Pois que outro intento ha-de ser o d'elle? Fugir com o thesouro? Isso não o fazia elle, porque era perder a honra e o bom officio que tem com esperanças d'outro melhor. O que elle quer é que o remuneres, e tu lhe darás o que fôr da tua vontade, meu amigo. Comtudo, não te anímo nem desanímo. Faz o que entenderes, sem desfazer nas apprehensões da nossa mãe.

Digitized by Google

Antonio José da Silva andou cogitativo muitos dias. Atormentava-o o thesouro! aquelle foco de peçonha que distillara lagrimas, desgraças e odios, no espaço de quasi cincoenta annos, desde o dia em que Luiz Pereira de Barros preferira Jorge entre seus irmãos com afagos prometedores da herança do segredo, até áquella hora, para além da qual Lourença agourava novos desastres.

E, ao mesmo tempo, o conde da Ericeira e outros amigos de igual tomo diziam-lhe que sahisse de Portugal por alguns annos e voltasse em melhor epoca. O conde lembrava-lhe que fosse a Paris estudar os grandes mestres da arte scenica, aquecer-se aos atomos luminosos d'aquelle ar todo sciencia, todo inspirações, e voltasse depois a continuar a sua primazia no theatro, de teor que podesse lustrosamente reformar, senão criar, a arte dramatica em Portugal.

Abraçava o hebreu alegremente estes conselhos, e retocava a sua opera chamada o *Precipicio de Phaetonte* para a fazer representar como triumphal adeus que elle dava a ingratos, a estupidos e a scelerados malsinadores de sua consciencia!

Precipicio de Phaetonte! que titulo tão presago!... que funestos agouros Leonor aventava d'aquelle titulo significativo de desastre!

Duarte Cottinel, depois da representação victoriada das *Variedades de Proteu*, em maio d'aquelle anno de 1737, procurou-o para lhe mostrar os relanços e phrases da comedia, que, por ordem de censura, a requeri-

Digitized by Google

mento do inquisidor-geral tinham sido riscadas. Algumas phrases eram estas:

Amor nos homens é o mesmo que querer bem; nas bestas muares é o mormo, e nos outros animaes appetite.

—Então isto em que offende a religião ou os bons costumes?—perguntou o hebreu.

—Não sei.

—Provavelmente os censores não querem que o seu amor seja mormo!

—Ha-de ser isso...—obtemperou o risonho Duarte.

—Que mais riscaram?

—Isto: *isso é gloria do céo da bocca:* dizem que mettes a riso a gloria do céo.

—Menos a d'elles, que é a bemaventurança dos parvos. Que mais?

—Dizem que fazes galhofa do inferno, quando escreves isto: *na gloria do amor ha sombras do inferno.*

—Ora! não os mando para lá por não injuriar o diabo com taes hospedes. Tu dirás onde os hei-de mandar.

—Dizem mais que ultrajas as leis divinas do casamento.

—Aonde? em minha casa, ou na d'elles?

—Na comedia. Aqui está o escandalo: *E quem seria o magano que tal lei inventou?* (a lei do matrimonio). *Foi Apollo em despique do rigor de Daphne.*

—Basta!—exclamou Antonio José.—Plenissima liberdade a esses burros d'escoucearem a minha comedia! Sujem e risquem á vontade os sevandijas. Não quero

Digitized by Google

ver mais nada. Cafraria hedionda, terra empapada em sangue e lagrimas, não comerás meus ossos!

—Olha mais, Antonio.

—Não quero: faz-me nojo tudo isso, nojo e vergonha de ser portuguez! Vou mandar buscar ao theatro o *Precipicio de Phaetonte*... Vou queima'-lo...

—Mas não digas nada, meu amigo... Lembra-te que em Portugal não se queimam só operas. Prudencia, prudencia, Antonio! Qualquer denuncia póde hoje perder-te.

Antonio José reflectiu, abraçou Duarte, e murmurou circumvagando os olhos, como se receiasse ter sido escutado:

—Tens razão. Não direi nada... Cuidarei em fugir, já que me não querem... Meu amigo, ámanhã vou procurar-te, preciso falar comtigo a sós. Ao meio-dia.

Lourença Coutinho ouvira as ultimas palavras do filho, porque o espiava sempre que Duarte Cottinel estivesse com elle. Assim que o almoxarife sahiu, entrou ella, perguntando:

—Que vaes fazer ámanhã a casa de Duarte?

—Vou lá... preciso lá ir—respondeu de má catadura Antonio.

—Vaes descobrir-lhe o segredo?

—Não sei. Que assedio! que importunação!... Minha mãe quer voltar ás masmorras do santo-officio? Quer ver como os meus ossos estalam no *Campo da Lã?*

—Oh! filho! que desatinos estás dizendo!—exclamou a attribulada mãe.

Digitized by Google

—Preciso sahir de Portugal, entendeu, minha mãe? Quero salva'-la, salvar-me, e minha mulher, e a minha querida filhinha... comprehende bem esta resolução feita, depois de cabalmente informado da sorte que me preparam os algozes, cujos apparelhos de tormento já experimentei n'estas mãos e n'estes braços.

—Pois, sim, meu filho, fujamos.

—Fujamos sim; mas sabe vossemecê a quem eu devo o aviso da minha futura sorte, se me aqui demorar? E' a este excellente rapaz que minha mãe detesta! E' a Duarte Cottinel que me fala com as lagrimas nos olhos e o coração nos labios! Sou-lhe grato, estimo-o, prezo-o como a meu irmão. Os outros lisongeiam-me, e perdem-me; elle, notando as minhas imprudencias, manda-me fugir.

—Pois sim... mas vaes dizer-lhe onde está o thesouro?

—E que vá? isso que monta?

—Nada... — balbuciou Lourença Coutinho, como assustada da exasperação do filho.

Leonor aproximou-se da sogra, e disse-lhe affavelmente:

—Deixe-o lá, minha mãe, deixe-o que elle já tem experiencia da vida, e deve conhecer Duarte melhor do que nós...

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO II

Duarte Cottinel esperava em alegre sobresalto o hebreu. Falava em soliloquio, como quem precisa expandir-se, communicar o seu rejubilo aos seres inanimados. «Afinal—dizia elle á sua sombra, ao demonio exultante de sua consciencia—afinal o meu presentimento não era um sonho. Posso ser rico!»

A's onze horas entrou Antonio José da Silva na casa do almoxarifado da Bemposta. Sahiu Duarte a recebe'-lo, e disse-lhe com melancolicos esgares:

—Virás tu despedir-te, meu querido amigo?

—Ainda não. Porque m'o perguntas? Queres dizer-me que devo sahir já? Sabes alguma cousa?

—Nada mais sei, Antonio—respondeu com indecisão Duarte. O santo officio anda em cata de provas, que até hoje lhe não deste satisfatorias. Bem sabes que esta gente, quando se resolve a victimar alguem assignalado pelo odio d'elles, sepulta-o nas masmorras, e depois inquire das provas. E estas tambem tu sabes que saltam da boca dos torturados, quando ha mingua de testemunhas para levar o processo á Relação. Por

Digitized by Google

isso, meu amigo, não descancemos sobre a tua innocencia. Fugir em quanto é tempo; todavia, persuado-me que não é apertada a urgencia de fugir já. Arranja os negocios, vende clandestinamente, se poder ser, os teus bens, que poucos e faceis de vender, creio que são. Pobre, sahes de Portugal; mas em Amsterdam acharás hebreus que te soccorram; e, se te valeres de teus irmãos do Rio de Janeiro, que estão ricos, poderás obter casco e fundos para negociar e auferir o que as letras não podem dar a ninguem. Vaes pobre, meu caro Antonio! Teu pae, no trastejar a casa em que moras, gastou alguns punhados d'ouro, segundo corre; e tu consomes mais do que lucras para manter tua senhora em fidalgas regalias. Não te culpo d'isso, que ella, além da nobreza de seu pae, tem a nobreza propria que a torna digna d'estar em cadeiras d'ouro, e servir-se com princezas. A Providencia, dando-te aquella menina, indemnisou-te das amarguras que os homens te causam com tanta crueza, que é vergonhoso falar a lingua d'estes barbaros, que dizem falar a linguagem dos apostolos... Meu amigo, sabes que eu espreito a borrasca inevitavel que te ameaça; por ora os ventos sopram de bom lado; assim que eu vir escurecer-se o céo com as sombras do inferno, aviso-te. Isto já frequentes vezes t'o disse, Antonio. Agora, se tens algumas ordens a dar-me, aqui estou. Queres talvez que eu me encarregue disfarçadamente da venda das tuas cousas? E' isso?

—Não é... Vou abrir-te a minha alma!—disse expansivamente Antonio José.

Digitized by Google

—Ainda agora? Oh! ingrato! pois ainda agora me abres a tua alma?

—Foi forçoso; violentei-me... era necessario. Não queiras que eu te explique a razão d'uma reserva indigna de ti e de mim.

—Vaes falar-me...

—No thesouro escondido n'esta quinta.

Duarte compôz a custo o semblanle que parecia abrazar-se e intumecer-se d'alegria. Passados instantes, disse:

—Eu sabia que o thesouro não era fabula. Respeitei a tua reserva, confessando-te que me doía, porque era mais que affrontosa para mim... e tambem para ti, que me conhecias desde os onze annos.

—Não m'o recordes, Duarte. Perdoa-me, e escuta. Presumo que existe o cofre do antigo contador-mór, bisavô de minha mulher. Esta casa e quinta foram revolvidas desde alicerces e raizes; mas o local do thesouro não foi bulido...

—Então era certo existir o annel?—atalhou Duarte.

—E' certo existir o annel; Leonor é d'elle depositaria, porque eu nunca mostrei leve desejo de ver as letras reveladoras do segredo, em quanto se não facilitasse o ensejo d'exhumar o cofre. Dizem as letras...

—Eu não te fiz a pergunta—interrompeu Duarte com vehemencia—para que me traduzas o que dizem as letras. Não quero saber. Basta que o saiba no momento em que me tu disseres: «E' aqui.»

—E porque não has-de sabê-lo já?!

Digitized by Google

—Porque não quero; são melindres que tu me has-de respeitar.

—Queres que eu assim me corra de não ter sido franco e sincero, quando me interrogavas sobre o thesouro?

—Não é isso, nem te sei ao certo explicar o que é. Vamos ao importante: queres tomar conta do thesouro, não é assim?

—E'.

—Quando?... não póde deixar de ser de noite...

—Seja de noite á hora que determinares.

—Convem-te hoje?

—E a ti?

—A mim convinha-me mais ámanhã, porque hoje até noite alta não posso deixar de fechar as contas do trimestre que hei-de ámanhã apresentar aos infantes. Póde ser ámanhã ás onze horas da noite?

—Sim, meu amigo, quando menos incommodo te seja.

—Ora diz-me lá, calculas que os valores escondidos te bastem para viveres independente em Paris ou Londres?

—Presumo que sim.

—A quanto monta segundo o teu calculo?

—Cento e cincoenta mil cruzados, a julgar aproximadamente das verbas designadas n'uma pagina escripta pelo punho de Luiz Pereira de Barros.

—E' muito dinheiro! exclamou Duarte.—Podes viver vida de principe onde quer que te sintas bem. Vae

Digitized by Google

para Roma, que eu aposto que os cardeaes vão cear comtigo todas as noites, sem te perguntarem por Moysés nem por Christo!

—Não ambiciono apparatos ostentosos,—disse Antonio José.—O que eu queria era socego e alegria. Tenho aquella filhinha que me está sendo um anjo recompensador, esmola e riqueza do céo. Desejo ser rico para ella, Leonor e eu, e a minha pobre mãe, com pouco viveriamos, e talvez felizes, se o terror da perseguição religiosa nos não tivesse sempre sobresaltados.

—Fazes bem, fazes bem—tornou Duarte.—Foge, assim que te eu disser que fujas. Debaixo de juramento te digo, e juramento te peço para que nunca reveles o que vou dizer-te...

E baixando muito a voz, e espreitando o corredor contiguo á sala, disse:

—Tens um optimo espião por ti no santo officio... E' meu pae! Vê tu a que extremo chegou a amizade que te tenho. Meu pae, quinze dias antes de se decretar a tua prisão, ha-de ser avisado, sem que ninguem o avise. Elle entende e lê nos reconditos designios d'aquella gente, que lhe é detestavel, porque meu pae, se finge tanta ortodoxia religiosa como elles, é porque os temeu e ainda teme. Comprehendes, Antonio, o segredo d'esta revelação?

—Comprehendo, meu querido Duarte!—exclamou Antonio José da Silva abraçando-o com enthusiastico reconhecimento.

—E então já vês—insistiu o almoxorife—que escu-

Digitized by Google

sas de fugir antes do meu aviso. Póde até ser que a tempestade se desfaça... Tem tu juizo, Antonio. Manda as comedias ao diabo. Não escrevas senão nos autos; e, se te parecer, manda os autos tambem de presente á alma do Papianno e do Bartholo e do João das Regras que devem d'estar no inferno. A'manhã és rico, riquissimo. Não careces de trabalhar... Sabes lá tu o que é ser rico! O que é ter um côche e mulas lustrosas! lacaios e mordomos! poetas a cantarem-te os espirros como agouros d'algum grande successo que vae felicitar a patria! Nunca pensaste nas delicias de ser rico! Os homens, os frades, os grandes, a natureza, tudo ás tuas ordens. E as mulheres? Não quero fallar-te das mulheres; porque tens uma que vale por todas as que abrilhantam este mundo com a sua formosura: mas se tu precisares d'um serralho d'anjos, cuidas que não ias busca'-lo ao empyreo? Oh! Antonio! quando estiveres sesenhor dos teus cento e cincoenta mil cruzados, verás o que é te'-los, ve'-los, conta'-los, palpa'-los, vigia'-los, converte'-los em primaveras infinitas, em deleites interminaveis!... Oh!...

Duarte, no febril afogo do seu enthusiasmo, ora torpe, ora lyrico, poderia denunciar a voraz cubiça que lhe accendia entranhas e olhos, se ao lado de Antonio José estivesse um terceiro, observador d'animo frio. O infame temeu-se da incontinencia da apologia da riqueza, e desandou n'uma risada, exclamando:

—Maganão! estavas a estudar em mim algum Cresso

Digitized by Google

avarento de gozos que tencionas pôr no tablado para alegrar o povo com as suas exclamações!

—Não, meu amigo, estava a imaginar que tu se fosses rico, em vez de cobrires d'ouro os caminhos da tua vida, farias com o teu ouro melhorada a sorte de muitos pobres, que se haviam d'alegrar mais com a esmola, que tu com a posse das riquezas da casa de Bragança.

—Póde ser que te não enganasses—volveu gravemente Duarte.—O goso de ser rico deixa de o ser, quando o ouro não compra as alegrias puras da alma. Tu has de saber repartir o que até aqui te foi desnecessario. Felizes aquelles que se approximarem de ti!

Abraçaram-se. Antonio José da Silva despediu-se com os olhos vidrados de lagrimas, murmurando:

—Eu queria não mais separar-me da terra onde tu vivesses, Duarte! Igual a ti só tenho um amigo n'este mundo: é Francisco Xavier de Oliveira. Quando eu lá fóra o vir, dir-lhe-hei que Duarte Cottinel Franco tem uma alma irmã da sua... São duas almas que Deus formou no mesmo molde.

Dito isto sahiu commovido.

Duarte Cottinel sentou-se, como se a carga da infamia lhe dobrasse os joelhos; pôz as mãos na cabeça, e ouviu este grito da consciencia:

—Que atrocidade!...

Instantes depois, ergueu-se, estirou os braços, estalejou os dedos das mãos enclavinhadas, e resmuneou surdamente:

—Cento e cincoenta mil cruzados!

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO III

—Sempre resolveste procurar o cofre, Antonio?—perguntou Leonor.

—Sim, minha querida, resolvi; mas não o digas á mãe. Custa-me a crer que ella seja capaz de julgar tão aviltantemente o nosso amigo Duarte!... Os elogios respeitosos, que elle te faz, Leonor, provam a excellente indole do homem...

—Mas—objectou Leonor—não te ouvi eu dizer que elle era bastante estragado de costumes?... Então sonhei...

—Disse-t'o; mas a desordem dos seus costumes não faz repugnancia ao que se chama probidade. Era a libertinagem propria dos vinte annos a que me eu referia. Desde, porém, que se occupou em mordomisar os rendimentos dos infantes, não sei que ninguem o exceda em morigerada regularidade de vida. Que nos faz a nós, para o nosso intento, que elle extravagancias-se lá na sua mocidade? Não goza creditos d'honrado Francisco Xavier de Oliveira? E quem foi mais libertino que elle?! Ora queres tu saber? E' tão escrupuloso

Digitized by Google

Duarte em pontos d'honra, que não quiz saber onde está o thesouro, e disse que bastava sabe'-lo no acto em que eu lhe mostrasse o sitio, e dissesse: «E' aqui.» Ha, por ventura, sombra de suspeita que nos absolva de desconfiarmos d'elle?

—Creio que não—respondeu Leonor com indeciso ar meditativo.—Mas...

—Mas quê?!

—Olha, Antonio... As suspeitas de tua mãe póde ser que procedam d'antipathia particular que tem com o homem... Será isso, será... Entretanto o meu coração tem presentimentos fataes... Eu, quando sahi de Amsterdam, adivinhava quantas desgraças sobrevieram; ainda antes de as esperar, a meio caminho de Portugal, estava na inquisição. Minha mãe olhava para mim, e exclamava: «Porque não escutei os teus presagios, minha filha!» Isto vem ao caso d'eu, com bem pezar meu, te asseverar que a minha alma está inquieta, e vaticina algum passo horrivel por causa d'aquelle thesouro. Tem desgraça aquelle dinheiro! Dizia-o meu pae, quando eu era menina, olhando para o annel; dizia-o minha mãe, e Simão de Sá. Meu tio Diogo, sempre que se fala no cofre da Bemposta, recorda-me as afflicções dos ultimos dias de meu bisavô; a crueldade ferina de minha avó; a perseguição que duas vezes minha mãe soffreu; o risco em que esteve a vida de meu pae. Mil infortunios!...

—E mil superstições, Leonor. Essa cadeia de desgraças tem a sua logica e natural explicação. Não é fado

Digitized by Google

nem influição diabolica ligada ao thesouro. Foram odios motivados pela ambição; mas não se segue d'ahi que tu, legitima senhora d'elle, hajas de soffrer a continuação dos dissabores que soffreram teus paes.

—Será assim!... tornou ella—vae... faz o que quizeres... Praza a Deus que a nossa filhinha não participe d'alguma calamidade, se nós a temos sobre as nossas cabeças. Deus preserve a innocentinha!—continuou ella, soluçando com a filha estreitada ao coração.

Antonio José da Silva, bem que forte d'espirito e isento de preconceitos, estremeceu quando viu as lagrimas da esposa a derivarem á face de Lourencinha.

—Pelo amor de Deus!—clamou elle—não me aterres! Tu que tens, Leonor? que te diz o coração? tu fazes-me fraco e crendeiro em agouros!... Diz... não queres que fale mais no dinheiro? não falarei!... não...

Leonor atalhou-o:

—Isto não importa nada... Sou mãe. Não faças caso de lagrimas nem d'agouros, Antonio. Faz o que quizeres; mas não me consultes.

Depois, fugiu com a filha para o seu quarto, e fechou-se para que o marido a não ouvisse desabafar em altos soluços.

A' meia-noite d'este dia, 15 d'agosto de 1737, Antonio José da Silva sahiu com Duarte Cottinel da casa do almoxarifado, por uma porta d'armazem que abria para a quinta. Chegados á cancella d'um pomar, disse Duarte com mui recatado som de voz:

Digitized by Google

—Agora dirás para onde vamos. Dá-me alguma indicação.

—Leva-me a um tanque onde está uma estatua de Neptuno.

—E' lá em baixo, no interior do bosque. O sitio é bom, que ninguem nos ouvirá cavar; mas sabes tu se já fariam obras no local?

—Creio... quasi tenho a certeza que o local do cofre está intacto.

Caminharam de manso desviando-se das aleas onde o tapete da folhagem accusava os passos.

—E' aqui—disse Duarte—alli tens o tanque e o Neptuno.

—Está secco?—perguntou Antonio José.

—Está, ha muitissimos annos. Ouvi dizer que a rainha d'Inglaterra, quando fez estas obras, mandou levar d'aqui a agua para fontes publicas.

—Bem. Entremos ao tanque.

—Espera... vou accender a lanterna de furta-fogo, que as copas das arvores não deixam entrar raio de lua.

—Não accendas.

—Temos que levantar alguma pedra? Então vou ao jardim buscar um ferro de monte que lá puz ao anoitecer.

—Não é necessario—disse Antonio José—ajuda-me a descer o Neptuno do pedestal.

—Pois é aqui?!

—E'.

—Então foi milagre o conservar-se! Quantas vezes os

Digitized by Google

senhores infantes me teem dito que é melhor tirar esta cousa inutil d'aqui para fóra!... Ainda no anno passado!...

Duarte dizia isto com profunda magoa. O thesouro podia te'-lo encontrado elle, e possui'-lo, sem inquietação de consciencia.

Deram um sacão á estatua, que estremeceu; deram-lhe outro, e deslocaram-n'a. Desceram-n'a vagarosamente, e pousaram-n'a sobre o rebordo do tanque.

Ambos a um tempo introduziram as mãos no recipiente da agua, e tactearam um corpo liso cingido de braçadeiras de metal.

Ambos unisonamente exclamaram:

—Está!

Da vehemencia da exclamação dos dois, não poderia inferir-se qual fosse o dono do thesouro.

Havia espaço entre as paredes da caixa de pedra e as argolas do cofre. Introduziram as mãos, e tiraram fóra o pesado caixote.

Antonio José sentou-se. Carecia d'ar. Duarte Cottinel não estava menos abafado e arquejante. Não era o cansaço; era n'um alegria legitima, n'outro uma infernal exultação.

—Vamos, Duarte?—disse Antonio e ajuntou:—estou a tremer, como se fizesse um roubo.

—Tambem eu; mas é de contentamento de te ver rico. Vamos. Pódes com o cofre?

—Posso.

Digitized by Google

—Então carrega com elle, que é obrigação tua—disse o almoxarife gracejando.

Sahiram do bosque; esperaram que se fechassem as janellas da recamara d'um dos infantes, e acolheram-se a casa estugando o passo.

Era uma hora.

—Vou acompanhar-te a casa—disse Duarte.

—Estava para te pedir esse favor.

—Não era preciso. Deixa-me ir armar, que ha ladrões nas ruas de Lisboa como no pinhal da Azambuja.

Duarte voltou logo, entregou a Antonio José uma pistola de dois canos, e disse-lhe:

—Leva isto.

—Não preciso—disse o hebreu—vim armado.

Foram da Bemposta, sem encontro suspeito, até ao largo do Soccorro.

O almoxarife, á porta d'Antonio José, quiz despedir-se.

—Não: has de entrar: quero que assistas á abertura do cofre; quero que vejas se me enganei.

—A'manhã m'o dirás, adeus.

—Não consinto: has-de sabe'-lo agora.

Lourença Coutinho e Leonor estavam ainda a pé. Lourença orava ao Deus de Jacob; Leonor orava ao Deus dos afflictos. Oravam ao mesmo Deus, segundo minha fé em divindades.

Quando ouviram bater, desceram ambas ao pateo. Viram Antonio com o caixão sobraçado. Lourença exclamou:

Digitized by Google

—São e salvo o meu filho!

—E porque não?—disse Duarte, que ella não tinha visto.

Antonio José corou até ás orelhas, e quasi odiou sua mãe. Voltou-se a Duarte, e disse:

—Minha mãe receiava que os ladrões me sahissem n'alguma esquina, por isso fui armado.

Leonor aproximou-se do caixão, que o marido pousara sobre um escabello do pateo, para limpar o suor. Dobrou-se ella sobre o cofre, beijou-o, e disse:

—N'este caixão pôz as mãos o meu virtuoso bisavô!...

—Vamos—disse Antonio, retomando o cofre.

E subiram á primeira sala.

Duarte quiz ainda despedir-se, allegando que n'aquelles prazeres de familia um estranho era cousa impertinente.

—Não consinto!—repetiu Antonio com dissabor.

—Porque não ha-de tomar um quinhão do nosso contentamento, sr. Duarte?—perguntou Leonor, impedindo a sahida.—Os amigos são sempre familia.

Pousaram o cofre sobre um bufete. Eram duas as fechaduras d'espelhos dourados.

—E' preciso arrombar—disse Antonio José—Dá-me um ferro qualquer, minha mãe?

Lourença Coutinho trouxe o ferro de frisar com que seu marido costumava encalamistrar a cabelleira nos dias do anniversario natalicio das pessoas reaes. Quebraram

Digitized by Google

a presilha das fechaduras que prendiam na lingueta, e... levantaram a tampa!

Havia alli coração que se regorgitava como em caso de mortal congestão. A circulação parára no peito de Duarte, ao rangerem as perras e oxydadas dobradiças da tampa.

O primeiro objecto era uma caixa de prata de lavores primorosos, baixa, d'altura d'uma pollegada, e larga á medida do ambito do cofre. Abriram a caixa: eram os pentes d'ouro, cravejados de brilhantes, e quinze anneis, enfiados n'um agulheiro d'ouro. D'estas joias dizia o apontamento de Luiz Pereira de Barros: *que foram de minha avó D. Leonor de Barreiros.*

—Que admiravel peça!—exclamou Duarte—e que digna possuidora aqui está!—continuou olhando delicadamente em D. Leonor.

—Agradecida, sr. Duarte. Os meus adornos mais queridos da cabeça são flôres.

A um canto d'aquella caixa estava inclusa outra de velludo carmezim, oblonga e convexa. Abriram-n'a: continha os vinte e quatro brilhantes dos quaes dizia a nota: *que foram do meu avô Pedro de Barros e Almeida.*

Levantaram a caixa, e descobriram a segunda camada. D'uma saca de pellica tirou Antonio José os copos d'uma espada, recamados de pedras de diversas côres. D'esta riquissima preciosidade dizia o contador-mór: *copos da espada que meu avô materno D. Jorge de Barreiros trouxe do governo da Bahia.*

N'outra caixa d'ouro encontraram uma miniatura, re-

Digitized by Google

trato formosissimo em marfim, com cercadura de diamantes. Era o retrato de D. Ignacia Telles de Menezes, mãe de Luiz Pereira de Barros. Leonor lançou mão d'elle, e não se cansava de o contemplar.

A outra camada e ultima era dinheiro em rolos: *vin e quatro contos de réis em variadas moedas de ouro*, conforme o dizer do apontamento.

—Que te parece, Duarte?—perguntou Antonio José—erraria eu muito o calculo? Isso valerá os cento e cincoenta mil cruzados?

—Vejamos—disse o almoxarife—vinte e quatro contos, sessenta mil cruzados, ou mais, porque as moedas antigas são pagas como de mais valor. Os brilhantes, se não valem mais, valerão outro tanto, porque estão ahi duas duzias d'elles, como eu ainda não vi muitos; e se quizeres vende'-los, acharás em Londres ou Amsterdam quem te dê vinte e quatro mil cruzados. Os pentes podem valer... que sei eu!... e os copos da espada!... e a cercadura do retrato!... Finalmente, não te enganarias muito no calculo! O que se segue é que estás riquissimo, e eu tambem participo da tua riqueza por poder dar a estas duas damas os mais cordiaes e jubilosos emboras, que podem alegrar o coração d'um amigo. Agora deixo-os que está a romper o dia, e já hoje me não deito, porque ámanhã tenho jornada do Riba-Tejo por causa d'aforamentos. Minhas senhoras, adeus.

—Espera!—disse Antonio José, tomando seis dos brilhantes de maior quilate e lume. Acceita esta memoria da noite de 15 de agosto de 1737.

Digitized by Google

—Memoria!...—disse Duarte de Cottinel rejeitando delicadamente—a melhor memoria é a lembrança de que contribui um pouquinho para a felicidade de uma familia. Não instes comigo, que perdes o tempo e me desgostas.

Sahiu.

—E então?—perguntou Antonio José á mãe com gesto de censura—que lhe parece o homem? Arrepende-se dos seus preconceitos, minha mãe?

—Arrependo, filho; Duarte parece-me homem de bem.

—E os teus agouros, Leonor?—tornou Antonio.

—Ainda não se calaram...—respondeu ella.

Digitized by Google

DAPITULO IV

Antonio e sua mãe passaram o dia em analyse contemplativa das pedras e das moedas antigas; Leonor, no entanto, como estranha ao contentamento dos seus, não se despegava d'uma joia formosissima, santa, e de divinos quilates, que era a filhinha, aquelles vinte e dois mezes lindos de celestial meiguice.

Chamada a dar seu parecer sobre o destino que deviam tomar, respondia que estava por tudo que seu marido e sogra quizessem. O hebreu, a fallar verdade, já mal acertava com os seus projectos da vespera: aquelle resplandecer das pedras offuscava-lhe a memoria dos planos: era um embebecimento de criança, para não dizer a absorpção voracissima d'olhos d'avarento cravejados no iman do ouro.

Ao outro dia, Duarte Cottinel, de volta da sua jornada, procurou o hebreu, para lhe dizer que não havia nada no santo-officio, para que elle devesse temer e apressar a sahida. Lamentou que o seu Antonio não podesse gozar em Portugal as riquezas, e viver perto do seu mais dedicado amigo, que vinha a ser elle. Acon-

Digitized by Google

selhou-o a que não vendesse pedra alguma em Fortugal, nem revelasse os seus haveres, porque a inquisição não perdoava aos judeus opulentos; e, se alguma vez tinha sido piedosa, era com os indigentes, cuja alimentação corria por conta da santa casa.

Voltou no dia seguinte, muito rogado por Antonio José, e chegou em occasião d'estar o judeu castigando uma escrava de sua mãe, porque fôra sorprendida a roubar das gavetas d'um contador algum dinheiro. O castigo era com disciplinas, segundo o direito dos senhores sobre os escravos, que sómente vinte annos depois foram libertos por lei do marquez de Pombal.

Duarte pediu o perdão da negra, e conseguiu-o; a escrava, porém, assim que uma entre-aberta se lhe ageitou, fugiu, receiosa de que uma busca á sua arca lhe redobrasse o castigo.

Lourença Coutinho teve pena da preta, que comprara criança no Brazil, e trouxera comsigo, quando veiu presa. Diligenciou encontra'-la; mas não houve novas d'ella.

Duarte Cottinel sahiu a averiguar, e descobriu que a preta passara o Tejo, e se assoldadara em Almada. Calou-se com o descobrimento, dando a suppôr que a negra se lançaria ao Tejo, desesperada como outras muitas, que preferiam a morte á servidão [1].

---

[1] N'aquelle tempo, o viver dos escravos em Lisboa era afflictivo, e os castigos crueis. A limpeza diaria das sentinas domesticas era feita por escravas, que levavam os grandes vasos ao Tejo, desembocando de cada rua em longas caravanas. Que deliciosa e perfumada Lisboa era aquella, á qual

Digitized by Google

—Mas a minha escrava não era tratada com rigor, para se matar!—dizia Lourença—Tenho immensa pena d'ella!... Alli está ainda a arca fechada como ella a deixou.

—Era bom ver-se!... disse o almoxarife com ares familiares de muito amigo.

—Dizes bem!—approvou Antonio José da Silva.—Vejamos o que ella tem na caixa.

—Farrapos... que ha-de ella ter?—observou Leonor.

—Sempre é bom ver, sr.ª D. Leonor—insistiu Duarte.

—Pois vejam...—condescendeu a contrariada senhora.

Arrombada a caixa da escrava, encontraram-se algumas miudezas, por cuja falta as senhoras não tinham dado, cousas d'insignificante valor. Concluiu o hebreu que a negra furtava para as vender cousas de que ella não podia usar.

—Tal escrava não lhe convinha, sr.ª D. Lourença—disse Duarte.—Deixe-a ir, que não se foi boa peça. O valor que ella tinha perdeu-se, é isso verdade; mas esta casa não fica hoje prejudicada com a fuga d'uma preta.

Jacome Ratton, com desenfeitado estylo, denomina por excellencia a *fedorenta cidade de Lisboa*! Como D. José declarou livres todos os escravos que entrassem no reino, as pretas eximiram-se do seu escravo viver de escoadouros. Depois é que Lisboa se tornou limpa... Então, diz o citado coevo d'aquelles olorosos dias, então os moradores de Lisboa se viram obrigados a fazer os despejos das immundicies nas ruas.» *Recordações*, pag. 297.

Digitized by Google

Antonio José da Silva póde comprar hoje toda a Africa e os sertões do Brazil.

Festejaram o dito, e divertiram a conversação para outro assumpto. Leonor lembrou que a sua Lourencinha fazia annos em 5 d'outubro.

—Faltam cincoenta dias—ajuntou ella—onde estaremos nós então?

—Talvez em Paris—disse Antonio.

—Se não poderem estar socegados em Lisboa—observou Duarte.

—Pois de certo. Se eu podesse aqui viver socegado, não trocava paiz nenhum por este, onde tu vives, meu bom Duarte.

—Eu, não sei porque,—tornou Leonor—desejava festejar o segundo anniversario de minha filha fóra de Portugal.

—Oh! Duarte—exclamou de golpe o hebreu—queres tu vir passar comnosco um anno a Paris? E's homem para nos dar esse grande prazer?

—Era homem para o sentir com mil vontades, se fosse livre. Sabes que não posso renunciar á posição que occupo, nem incumbir ninguem do trabalhoso encargo que promete a minha futura e descansada estabilidade. Depois, meu pae está velho, está rico, segundo penso, e tem mais filhos. Se eu arredar um passo contra vontade d'elle, vinga-se excluindo-me da herança. Que mais razões queres?

—Mas—tornou o generoso coração do hebreu—faz de conta que és meu irmão; gasta irmãmente co-

Digitized by Google

migo, e nunca sentirás precisão da herança de teu pae.

—E's ainda muito criança, homem!—redarguiu o almoxarife.—Estes poetas, minhas senhoras, teem absurdos que seriam lamentaveis, se não fossem engraçados! Como este louco imagina que um homem, applicado a ganhar a sua independencia com a fadiga e sacrificio dos melhores annos da mocidade, possa acceitar uma offerta que o inutilisaria aos seus proprios olhos!... Antoninho, não sejas sempre rapaz; não vás tu lá por fóra arranjar alguns irmãos que fraternalmente te devorem as peças, os brilhantes, e os copos da espada do trisavô de tua senhora e minha ama. Cuidado com os parasitas, ouviste? Olha que os portuguezes, lá por essas nações, gozam fama de valentes; mas tambem a gozam d'estupidos que se deixam gozar. Sê caritativo; mas não sejas prodigo...

—Pareces um velho a aconselhar!—interrompeu Antonio.—Nem que tu não tivesses trinta e dois annos como eu!

—E' verdade; mas, ha muito, que vivo cá em baixo terra a terra; e tu, desde que te conheço, encontro-te sempre nas regiões mythologicas com os Amphitriões e Alcmenas, e Proteus, e Apollos. As tuas comedias fazem crer que tu tens muita imaginação; mas juizo não no inculcam; aliás, em vez de comedias, escreverias versos laudatorios aos reis, aos bispos, aos frades, a quantos magnates por ahi ha incapazes de t'os perceberem. Já fizeste versos a algum d'estes estafermos?

—Não. Versos a reis, ou a filhos de reis, apenas te-

Digitized by Google

nho aquelle epicedio que fiz o anno passado á infanta D. Francisca.

—Depois de morta. Isso de que presta?... Bem me recordo: glosavas os versos do soneto de Camões:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida... [1]

—E' verdade,—acudiu Antonio José com desvanecimento.—Glorio-me de ter levado a primazia entre todos os poemas que sahiram a chorar a princeza.

—A chorar! chorava lá ninguem, homem. Quem é que chora pela sr.ª D. Francisca, que Deus haja muitos annos lá sem mim? Os meus patrões, e muito sentimentaes infantes, ao outro dia da morte d'ella, andaram na tapada da Bemposta a matar melros. Choraste-a apenas tu! Elle chorou, sr.ª D. Leonor?

—Não me recordo bem... mas parece-me que sim, quando m'a recitou.

—Poetas!... Ficaram no logar das carpideiras que meu avô ainda na morte de meu bisavô mandou alugar para chorarem vinte e quatro horas...

—Olha que a mim não me deram nada!—interrompeu Antonio.

---

[1] E' a mais regular e maviosa composição metrica d'Antonio José da Silva. Merece o conceito em que a tem o auctor do *Ensaio Biographico*: «E' uma das melhores composições n'este genero.» Por extensa a não traslado. Está no 10.º vol. do citado *Ensaio*.

Digitized by Google

—Por isso estou eu. São capazes de te dar tanto, como áquelle Manuel Fernandes Villa Real [1] que defendeu com a penna e com a espada, estando em Paris, os direitos de D. João IV á corôa contra Filippe e contra os portuguezes acastelhanados; e, depois, como viesse a Portugal, os frades agarraram-n'o, deram-lhe garrote, e D. João IV não lhe acudiu. O Antonio Henriques Gomos [2] e o Manuel do Leão [3] que tambem escreveram mirificas cousas em favor de D. João IV e de D. Pedro II, se cahissem nas aboíses que a inquisição lhes tinha cá armado, eram irremediavelmente assados. Não faças versos a principes mortos nem vivos, Antonio. Gasta o teu dinheiro como quem não tem espirito de que dispôr em divertimento dos outros. Queima os livros. Auto da fé aos livros, e eu faço de barbeiro do novo D. Quixote de tramoias. Esquece-te de que tens lá nos escaninhos da cabeça um formigueiro de versos. Deixa ser o mundo bestial á sua vontade, e adeus até depois de ámanhã.

---

[1] Manuel Fernandes Villa Real escreveu um importante livro dos direitos da casa de Bragança, chamado *Anti-Caramuel*, respondendo a Caramuel, que escrevia em pró de Castella. Foi enforcado e queimado como judaisante no auto da fé de 10 d'outubro de 1652.

[2] Antonio Henriques Gomes escreveu sobre a *feliz acclamação de D. João IV*. Foi particular amigo do desgraçado Villa Real, e conselheiro e mordomo ordinario de Luiz XIII.

[3] De Manuel do Leão já se disse n'outra parte d'este livro.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO V

Ao outro dia, Duarte Cottinel passou a Almada, e procurou em casa d'um fazendeiro a negra fugitiva. Foi-lhe apresentada a escrava, que tremia emquanto não reconheceu o homem caridoso a quem devia o escaparse ás mãos d'Antonio José.

Chamou-a Duarte a um lado, onde os não ouvissem, e deteve-se largo tempo. Começou por lhe incutir medo á perseguição que seus senhores iam fazer-lhe, persuadidos de que ella os tinha roubado, e vendido os furtos. Fez-lhe sentir que a compaixão o movera a vir alli avisa'-la para que mudasse de terra e de nome. E, quando a negra, tremente de susto, se debulhava em lagrimas, por não saber para onde fugisse, Duarte, resalvando habilmente qualquer intenção dupla, disse-lhe em tom de piedade que passasse a Lisboa ao fim da tarde, e fosse ter a casa d'elle á Bemposta, onde ficaria até se lhe arranjar amos e segurança longe de Lisboa.

Assim o fez alegremente a escrava. O almoxarife recebeu-a com boa sombra, mandou-lhe dar optima ceia e excellente cama. No outro dia, como a negra carecesse

Digitized by Google

de mudar a roupa com que fugira, Duarte proveu-a do necessario, comprando-lhe umas roupinhas e mantéo escarlates, encantadores objectos que tinham sido o sonho d'ella, nunca realisado. Feliciana, comquanto orçasse por quarenta annos, começava a imaginar, á vista de tantas venturas, que o almoxarife não desgostava d'ella, e nutria intentos a seu respeito. Admirava-se, porém, a preta, ao fim de tres dias, das delongas não usadas, entre o desejo e a execução, com pessoas da sua laia.

Ao quinto dia d'hospedagem, a escrava parecia a filha primogenita d'um sova! A carapinha brunida e oleosa encaracolava-se-lhe phantasticamente. O rubi dos beiços incendidos parecia a porta do amoroso inferno que lhe ia nas entranhas do peito. As fórmas, alliás redondas e anchas, como que, debaixo dos trajos escarlates, entremostravam graças que a natureza, desacompanhada da côr e feitio do jaqué, nunca tivera n'ella.

Quando Duarte a chamou, em occasião d'estar sósinho, Feliciana entendeu que era chegada a hora d'ouvir uma revelação d'amor feita com a delicadeza de que o seu amo e senhor a considerava dignissima.

Principiou o almoxarife perguntando-lhe se estava contente, se era bem tratada, se queria viver em companhia d'elle, ou sahir de Lisboa. A preta não tinha expressões com que bosquejar uns longes da sua felicidade, e confessava, no auge da sua modestia, que não merecia o bem que estava gozando.

—Visto que estás satisfeita, disse Duarte, ficarás comigo mais algum tempo; e depois, se eu desconfiar que

Digitized by Google

te perseguem, passarás para uma quinta de meu pae em Torres-Novas; mas é necessario que te escondas, se alguma vez aqui vier o sr. Silva, ou criado d'elle, porque eu não quero indispôr-me com esta familia. Ora — continuou elle — diz-me cá, Feliciana... Promettes debaixo de juramento responder ás perguntas que eu te fizer?

— Prometo, senhor, assim Deus me salve.

— Teus amos Silvas fazem lá algumas rezas que não sejam á moda e costume dos christãos?

— Algumas rezas!...

— Sim: eu vou perguntar-te de modo que tu possas responder a verdade a uma pessoa que te estima e promete fazer-te mais feliz ainda do que és. Ora diz-me: lá em casa era costume a accender-se na sexta-feira á tarde, uma hora antes de pôr o sol, uma lampada com quatro torcidas?

— A senhora Lourença fazia isso todas as sextas-feiras.

— E a lampada ficava acceza todo o sabbado, não é verdade?

— E', sim, meu senhor.

— E que fazia a senhora Lourença no sabbado?

— Estava lá dentro no seu quarto a ler, nem se penteava nem lavava, nem pegava em agulha, nem cortava ou raspava as unhas, nem bebia vinho, nem comia cousa gordurenta, nem escrevia [1].

---

[1] Estas e outras condições religiosas da observancia do sabbado judaico, veem referidas no 5.º vol, da *Histoire des juifs, depuis J. Chtist. jusqu'à present*—paginas 279 e seguintes.

Digitized by Google

—E sabes se a senhora Lourença rezava de manhã assim que se levantava?

—Não, meu senhor; sem se lavar muito lavada e mais cousas, não pegava no livro [1].

—Lembras-te d'algumas palavras que ella dissesse?

—Uma cousa que ella dizia todos os dias era isto; *Bemdito sejas tu que déste ao gallo instincto para distinguir entre o dia e noite* [2].

Havia algum mez no anno em que tua ama não jejuava?

—Era no mez de março [3].

—Mudava de cama ou de roupa na vespera dos dias em que jejuava?

---

[1] Explicam-se assim *as mais cousas* de que a escrava urbanamente não dava um preciso entendimento: «*Un des premiers soins est de satisfaire aux besoins de la nature, parce que David a dit: Tout ce qui est au dedans de moi, louez le seigneur. (Ps. 103.) Ce serait un crime que de prier Dieu, ou de parler de lui avant que l'interieur eût été nettoié...*» Hist. des juifs. Tomo V pag. 376.

[2] *Orden de las oraciones. Orden de Cotidiano* para uso dos judeus da synagoga d'Amsterdam, pag. 11. Os hebreus portuguezes seguiam principalmente o ritual de Amsterdam d'onde lhes eram fornecidos os devocionarios para em suas casas poderem exercitar-se espiritualmente, pois que não tinham synagogas.

[3] Decidiram os rabbinos que se não jejuasse no mez de março, porque este tempo, como anniversario da sahida do povo hebreu do Egypto deve ser consagrado ao reconhecimento e ao jubilo.

Digitized by Google

—Sim, meu senhor; deitava-se n'um colchão duro com lençoes de estopa, e só comia ao outro dia á noite; e desde desesete de junho até dez de julho não comia senão hortaliças, e punha cinza na cabeça [1].

—Outra cousa; teu amo doutor tambem fazia essas cousas?

—O senhor Antoninho?

—Sim.

—Nada; esse não resava cousa nenhuma, nem jejuava.

—E a senhora D. Leonor?

—Tambem não.

—Então ella e o marido não praticavam acto nenhum de christãos?

—Que eu visse, não, meu senhor.

Depois de mais algumas perguntas, Duarte Cottinel tirou d'uma gaveta um fio de contas de vidro amarellas, e deu-o a Feliciana, dizendo:

—Ahi tens para enfeitares o pescoço. Gósto de ti e quero que estejas contente.

—Ora, se estou, senhor Duarte!... balbuciou ella sinceramente commovida.—Muito feliz sou na sua casa!

—E serás uma ingrata se me deixares!...

—Isso só por morte!—clamou ella com enthusiasmo.

E, como visse que o senhor não tinha mais que lhe dizer, retirou-se.

---

[1] Buxtorf. Synagoga judaica.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO VI

Volvidos poucos dias, Duarte, apenas entrado em sua casa, vestiu de colera o semblante, e disse á negra:

—Teu amo doutor lá te mandou procurar a Almada por dois esbirros. Se lá estivesses, a esta hora estavas em lençoes de vinagre! São crueis os taes judeus! Venho agora de lá, disse-lhes que eram duros comtigo, que te deixassem, porque sahiras quasi nua e sem real de casa d'elles. Provavelmente não torno lá. Gente com tão ruins entranhas não a quero para amiga. Ora vê tu, pobre mulher, a vontade que elles teem de te esfolar!... Queira Deus que elles se não lembrem de suspeitar que estás aqui!

—O meu senhor não me deixa prender...—exclamou ella, pondo as mãos.

—Não deixo, ainda que tenha de defender a casa com todos os criados dos senhores infantes. O judeu não se atreve o cá vir; podes estar socegada, Feliciana, tens em mim um verdadeiro amigo e defensor.

—Nossa Senhora lh'o pague! Muito meu amigo é, sr. Duarte! Eu não sei porque é tão meu amigo!...

Digitized by Google

—E' porque tive muita pena de ti, e estou convencido de que tu eras incapaz de ser a ladra que elles dizem. Olha; eu confio tanto da tua limpeza de mãos, que te deixo abertas as gavetas, como se te conhecesse ha muitos annos. Quando quizeres comprar alguma cousa, compra que eu gósto muito de te ver aceada e satisfeita. Aquelles malvados!... E' assim que te pagam trinta annos de serviços; e não se lembram que tu, se fosses vingativa, os podias perder e desgraçar. Pois não podias, Feliciana?

—Como era?—perguntou a escrava, como admirada da sua desconhecida generosidade.

—Pois se tu fosses denunciar ao santo-officio que teus amos judaisavam, cuidas que elles não eram logo sepultados nas masmorras do Rocio?

—Ah! sim?... Pois então que me deixem... senão...

—Quem sabe?—tornou Duarte—póde ser que a final se te quizeres ver livre da perseguição, não tenhas remedio senão... Nada... denuncial-'los, não. Ha-de haver muito quem os accuse. Veremos como elles se portam d'aqui em diante... Eu queria que tu sahisses, Feliciana. Custa-me ver-te aqui fechada; mas tenho medo que te prendam lá por fóra, e que te castiguem ou entreguem á tua senhora, antes d'eu poder valer-te! Já me lembrou de te resgatar, comprando-te. Esperemos alguns dias mais; e se elles não estiverem quietos, pensaremos no que se ha-de fazer. Estas barbaridades irritam-me. Os escravos são nossos irmãos e filhos do mes-

Digitized by Google

mo Deus. Tomei á minha conta defender-te, e hei-de salvar-te das furias d'aquella maldita casta de gente que está sempre a ver como ha-de abrir as veias do proximo! Que admira se elles mataram Nosso Senhor Jesus Christo!

—E' verdade!—murmurou compungidamente a negra.—Eu já tenho ouvido dizer isso; e lá no Brazil, quando prenderam minha senhora, uns homens que a viram passar, ficaram dizendo: «Esta é das que mataram Nosso Senhor!» Eu depois contei isto á sr.ª Lourença, e ella...

—Que respondeu ella?—acudiu pressurosamente Duarte.

—Disse que os taes homens eram umas bestas.

—E mais nada?

—Mais nada que me lembre.

—Pois olha: vae recordando todas essas cousas que viste e ouviste, porque póde ser que ainda precises de as dizer, para te livrares de cahir nas unhas dos taes matadores de Jesus-Christo.

A sessão terminou, para se continuar no dia seguinte, e nos outros. O almoxarife trazia sempre de fór aalguma historia urdida para aterrar e enfurecer a negra. A tanto lhe apurou a raiva que já afinal era ella quem pedia licença para ir denunciar os amos ao santo-officio.

N'um d'aquelles dias, Antonio José da Silva bateu ao portão da casa de Duarte Cottinel. A negra precavida, assim que o viu por uma gelosia, correu alvoroçada a prevenir o novo amo. Duarte foi esconde'-la muito lon-

Digitized by Google

ge da sala em que devia receber a visita do amigo.

Antonio José vinha triste, a dar-lhe parte da sua definitiva resolução de retirar-se, porque o conde da Ericeira muito á puridade o avisara da necessidade de sahir de Portugal, porque no santo-officio se lhe estavam forjando desgraças.

—O conde da Ericeira—atalhou Duarte—não póde saber mais do que meu pae. Os rumores que lá se passam, muito ha te disse eu que se passavam; todavia, por emquanto, não teem symptomas assustadores. Não obstante, se queres ir, vae; se tens lá fóra mais tranquilidade, não te demores, que o meu maior prazer é ver-te em segurança. Quando tencionas ir?

– Não é já, porque o conde tambem me disse que eu poderia sem receio estar uns dias em Lisboa. No dia cinco d'outubro, faz minha filha dois annos, e eu tinha muita vontade de os festejar em companhia de ti e dos Barros.

—Estamos hoje a vinte e quatro de setembro... Faltam onze dias... Posso asseverar-te que não corre o minimo sobresalto a tua liberdade n'estes onze dias. E a mobilia da tua casa que lhe fazes?

—Vinha offerecer-t'a.

—Não acceito, Antonio, porque não sei que lhe faça. Como vês, esta casa está decentemente mobilada por conta dos infantes, e eu não tenho outra residencia. Vende a mobilia a quem ella seja necessaria; e se não queres figurar n'isso eu me encarrego.

—Não posso dar trabalho a quem me não recebe o

Digitized by Google

mais leve favor,—disse Antonio José.—Encarregarei a venda a algum parente de minha mulher. Diz-me cá: nunca podeste descobrir que fim levou a desgraçada escrava?

—Não.

—Tenho feito diligencias incansaveis! Ninguem me dá noticia alguma. Minha pobre mãe chora por ella, e queixa-se de mim, como causa da sua Feliciana fugir. Se se matou, fica-me este remorso a trespassar-me o coração!

—Ora adeus!... remorsos de castigar escravos! Fizeste menos do que fazem os outros senhores d'elles que lhes despem o coiro. Deixa lá a negra, que está por ahi a servir, e não pensa em se matar. Assim que sahires de Lisboa, apparece ella.

—Oxalá que assim seja. Hei-de deixar-te uma boa esmola para lhe entregares, se a vires.

Sahiu Antonio José da Silva.

Duarte foi buscar a negra ao escondrijo, e disse-lhe:

—Teu amo asseverou-me que tinha a certeza de te haver ás mãos antes d'oito dias.

—Então fujo de Lisboa?—perguntou ella anciada.

—Não. Socega. Eu vou sahir, e volto d'aqui a duas horas.

—Não me deixe prender, sr. Duarte!—exclamou a escrava de mãos postas.

—Estás prompta a fazer tudo que seja necessario para te salvar?

—Estou, meu senhor!

Digitized by Google

—Bem. Logo falaremos.

Duarte Cottinel sahiu; entrou em casa do promotor da inquisição, e deteve-se meia-hora. D'alli foi em direitura ao convento de S. Domingos, e demorou-se com dois conselheiros do santo officio. Era de prompto recebido como familiar. A' sahida do convento, viu Antonio José da Silva que desembocava das portas de Santo Antão. Escondeu-se. Não lhe sobejou infamia para se defrontar com o homem que elle andava apunhalando. Era um remorso inutil, um remorso dos scelerados aquelle. Lampejava-lhe uma luz nas trevas d'alma; porém, luz do inferno, chamma da consciencia infernada.

Antonio José da Silva não o vira. Ia abstrahido, pensando no modo de brindar o amigo Duarte com um gracioso e ao mesmo tempo rico presente no dia dos annos da Lourencinha.

Chegou o almoxarife a casa, esteve-se momentos em recolhimento acerbo, e chegou a pedir sacrilegamente ao diabo que lhe afastasse o calix da tentação. O diabo conduziu-lhe a negra, que lhe vinha perguntar o que ella devia fazer.

—Eu te chamarei...—disse elle mal encarado.

Feliciana fez pé atraz, espantada da mudança. E o diabo, assim que a preta voltou costas, foi buscar o cofre d'Antonio José, e mostrou-lhe peça por peça a caixa dos pentes d'ouro cravejados de brilhantes, e o retrato cercado de diamantes, e as vinte e quatro pedras d'extraordinario lume e quilate, e os copos da espada recamados de joias, e os vinte e quatro contos

Digitized by Google

em moedas d'ouro. Repôz tudo no cofre o expositor infernal, e disse, batendo-lhe com a mão de ferro calcinado no coração:

—Cento e cincoenta mil cruzados!

Levantou-se de salto Duarte, e foi dentro chamar a negra. Compôz o gesto, abemolou o tom da voz afogada da rapida respiração, e disse:

—E' necessario, se te queres salvar, que vás á inquisição denunciar teus amos; se não, estás perdida, que eu não posso combater a perseguição que te fazem.

—Pois eu vou... e que hei-de dizer?...—perguntou ella, tremendo.

—Tudo que sabes, tudo que viste. Não queres?

—Vou onde vossa mercê me mandar. Pois não hei de ir?

—Porque se não vaes, és presa, e além d'isso estás excommungada.

—Excommungada?

—Sim. E's obrigada a denunciar dentro de trinta dias teus amos, sob pena d'excommunhão [1]. Amanhã, ás dez horas, irás á mesa do santo officio á casa santa. Diz ao alcaide [2] que queres falar ao sr. inquisidor; lá

---

[1] Era doutrina escripta nos cathecismos christãos, e corrente nas christandades portuguezas d'aquem e d'além mar. Veja *Inquisição de Goa.*

[2] O sr. A. Herculano, traduzindo do latim, da Memoria dos christãos-novos as palavras indicativas d'um official d'inquisição *profecta carceris,* diz *alcaide* e observa: *traduzimos por conjectura.* De feito, o director dos carcereires, segundo infe-

Digitized by Google

te farão as perguntas, e tu responderás; mas olha, Feliciana, se te perguntarem o que fazia teu amo doutor, responde que fazia o mesmo que sua mãe; senão, fazes prender a mãe, e elle fica livre para te acabar a vida nos ferros do Limoeiro ou nas galés.

A negra foi fazer exame de consciencia como quem se prepara para salvar-se das galés.

A furto, lhe cahia ás vezes n'alma uma gota dolorosa como de chumbo candente. A negra dava upas no catre, onde não provou cinco minutos de repouso. Um raio de penetrantissima angustia lhe atravessava, a espaços, a cabeça, e ao fogo, que lhe accendia, mostrava-lhe os beneficios, afagos e cuidados com que Lourença Coutinho a tratava nas suas molestias. Quando as lagrimas, ferventes d'aquelle queimar, lhe ressumavam aos olhos cravados nas trevas, chamava ella em seu auxilio a lembrança das vergastadas que soffrera, d'outras que a esperavam, e, depois, as gramalheiras da galé.

Luctou assim até ao dia.

E, ao mesmo tempo, a noite de Duarte não foi mais repousada. Calculava elle as consequencias d'aquelle acto, que elle já, ainda que quizesse, não podia aniquillar. Se a negra, golpeada de remorsos, revelaria nos interrogatorios futuros que fôra elle o motor da denuncia?

---

rimos da relação d'um preso, no citado livro *Inquisição de Goa,* frequentemente é empregado o termo *alcaide,* no sentido que o eminente historiador do estabelecimento da inquisição lhe deu a pag. 132 do 3.º vol.

Digitized by Google

Que pensaria o mundo da riqueza inesperada? que julgaria da perfidia do homem que perdera uma familia? Occorreu-lhe a ideia valedora de todos os que não receberam ainda nome condigno e significante na perversão moral, que entesta com as raias do inverosimil. Lembrou-se de matar a veneno a escrava á hora em que fosse necessario sepulta'-la com o segredo.

A negra não podia ser pallida diante do inquisidor que a interrogava, e do secretario que escrevia o depoimento; mas o tremor da voz dizia o que a escuridão da pelle, oleosa d'afflicto suor, não podia delatar. A desgraçada estava já sentindo em corpo e alma as labaredas que se iam accendendendo, a cada palavra d'ella, em volta da familia com quem se criara desde criancinha.

Juramentada, confessada, e intimada para apparecer quando novamente a chamassem, sahiu. Apertou o pé caminho da Bemposta, e limpou muitas vezes as lagrimas para ver o caminho.

Anciosamente a esperava Duarte.

Feliciana lançou-se-lhe de joelhos, exclamando:

—Eu fiz que vão matar a minha senhora, e a sr.ª D. Leonor nunca me fez mal nenhum! Não os deixe morrer, senão eu vou atirar-me á cisterna!

—Não morre nenhum, tola! disse Duarte. No primeiro auto da fé sahem todos livres; e entretanto eu tratarei de te arranjar fóra de Lisboa um modo de vida em que tu enriqueças. Hei-de dar-te um bom dote para casares com um official d'officio. Ergue-te, Feliciana. Então respondeste?

Digitized by Google

—Sim, meu senhor; mas elles ás vezes, faziam-me dizer o mesmo de muitas maneiras, e eu estava a tremer de medo d'aquelle senhor da capa e barrete de borla, que tinha cara de metter medo...

—Está bom. Vae jantar, e come bem, que os teus amos não soffrem senão a prisão d'algum tempo. Já não te lembram aquellas vergastadas?...

Digitized by Google

CAPITULO VII

As pessoas não lidas nas mais repulsivas paginas que temos da historia da humanidade; as que não viram ainda nem coraram de ver os irrefutaveis e immorredouros livros d'Alexandre Herculano ácerca da inquisição em Portugal, desculpavelmente malsinam d'inverosimil o caracter de Duarte Cottinel. Faz-lhes honrosa repugnancia tão extremada infamia, quando o intento e fito d'ella é aferrar d'um cofre recheado de riquezas por cima da torrente de lagrimas e sangue d'uma familia, por cima d'uma fogueira que derrete as carnes e pulverisa os ossos do possuidor do thesouro. Espantam-se, e refutam de boa fé, como desnaturaes e insondaveis os abysmos de infamia d'onde lhes sahe o homem que não póde allegar como causa da morte horrendissima d'uma familia, senão a necessidade de a roubar, e a descoragem para mata'-la a ferro quando ella o recebe em seu gremio confiadamente.

Espantam-se; mas não era mais para assombros Duarte da Paz aquelle hebreu, que recebia dos da sua raça, ouro a torrentes para os salvar em Roma, e os vendia

Digitized by Google

aos algozes sagrados de D. João III? Não era mais incrivel a denuncia do parente, que esperava sonegar ao confisco do santo-officio os thesouros do irmão, e ás vezes do pae, que expirava amaldiçoando a cega Providencia, por não saber quem o chumbara ás lages que o sol não aqueceu nunca?

O melhor e mais alto louvor que póde entoar-se a este seculo é não haver ahi quem já acceite como praticaveis os atrozes lances d'um passado, que dista de nós apenas seculo e meio. Que dias aquelles e que dias os nessos! Como a vida e alma humana eram então desgraçadas! Que deploraveis gerações d'infelizes e de scelerados rolaram á voragem em correntes de lama ensanguentada! Como o sol de Deus passaria triste no céo, e o que iria no grande Espirito Criador, lá em cima, cortinas a dentro d'estes milhões d'estrellas!

E' preciso levar o pensamento ao amago, ao turbilhão d'aquelles dois seculos nefastos que marcam o nosso opprobrio desde D. João II! até ao marquez de Pombal, aurora do melhor dia, aurora manchada ainda de laivos de sangue, mas em fim o alvorecer, o redimir-se o homem, esquecido dc Christo, principiou então, n'este recanto d'heroes piratas, e de apostolos sanguinarios! E a Providencia não contava como seus, como obra sua, como filhos da sua eternidade aquelles dois seculos?

A Providencia deixava escabujar o hebreu nas correntes da sua masmorra, e deixava aquecer-se o frade ás chammas crepitantes dos seus cruentos holocaustos a Jesus.

Digitized by Google

Mas um dia, a ultima fogueira devia apagar-se devorando o mais fanatico dos tonsurados, o padre que em si compendiava o ascetismo fraudulento, as illustrações ficticias do alto, os dons falazes d'inspirado, as raivas theocraticas, quantos herpes tinham roído e empeçonhado os liames que suavemente enlaçavam a humanidade com a cruz do seu mais divino redemptor. Um dia accendeu-se uma fogueira; e essa fogueira que foi a ultima em Portugal, ao apagar-se deixara um sedimento lodoso em que a Providencia mandou procurar as carnes, os ossos, e me quer parecer que a alma do padre Gabriel Malagrida.

Aqui está a Providencia.

Mas quem deu conta dos milhares de familias, cujas cinzas levaram os quatro ventos do céo?

A Providencia não as pediu—accrescenta uma blasphema philosophia.

Pediu. D'estes atascadeiros do mundo não podemos desferir o vôo lá para onde essas contas se pedem; cremos, porém, com a mais pia racionalidade que os filhos de S. Domingos e filhos dos santos pontifices foram chamados a contas, e as deram como criminosos d'um periodo do mundo em que a legislação civil não era mais misericordiosa que a ecclesiastica.

Eu creio que ninguem tirou uma vida que não respondesse por ella quando o nome do assassinado fosse lido na lista do seu Criador.

E por isso pergunto aos oraculos dos nossos dias se os caprichos dos reis não teem que dizer de sua justi-

Digitized by Google

ça; quando lhes perguntarem porque alvejam ainda as ossadas nos descampados em que passaram os reis, á frente das suas rezas.

Não sei qual razão haja ahi que legitime o morrer dos que pelejam, contra uma bandeira; e se deplore sobre a pagina tarjada dos que cahiram nas luctas religiosas, mais ou menos covardemente assassinados.

De cadaver a cadaver não ha distincção.

E' tudo o mesmo açougue.

Digitized by Google

CAPITULO VIII

Chegou o dia 5 d'outubro, segundo anniversario de Lourencinha.

Diogo de Barros, com todos seus filhos e netos, e alguns poucos mais parentes de Jorge, á hora do meio-dia estavam em casa do advogado Antonio José da Silva, depois de previamente remeterem os seus presentes em bandejas de prata cobertas com alvissimas toalhas á cabeça d'escravas, as quaes iam acompanhadas por lacaios das casas respectivas.

A' uma hora estava o jantar na meza. Abancaram todos alegremente, exceptuado o pae da festejada criancinha, porque meia-hora antes recebera um bilhete de Duarte Cottinel Franco, lastimando-se por não poder comparecer na festa, e mais ainda por motivo de não poder desamparar um posto, d'onde estava observando a tecedura d'uma intriga inquisitorial contra o seu amigo, intriga que requereria urgentissimo remedio.

Antonio José da Silva, terrivelmente sorprendido, escondeu de todos, e até da esposa, o conteudo do bilhete,

Digitized by Google

para não perturbar a satisfação dos convidados. Julgou elle que a intriga ou seria logo desfiada por esforços do amigo, ou viria a vingar mais tarde: como quer que fosse, absteve-se de sobresaltar a familia e os hospedes, simplemente annunciando que Duarte Cottinel faltava ao jantar por desculpaveis motivos.

Lourencinha, durante o jantar, andou pelos braços de todos, e o mais do tempo esteve nos do padrinho, Diogo de Barros. O ancião, já sabedor da breve sahida de Leonor, fitava olhos humidos na afilhada, e dizia-lhe:

—Não chegas a conhecer o teu decrepito amigo. Quando tiveres sete annos, tua mãe te falará de mim e te dirá quanto quiz a teus avós, a teus paes e a ti, anjinho do céo.

—Essas lagrimas, meu tio, veem amargurar a festa da nossa Lourença—disse Leonor—quem sabe ainda se nós iremos para fóra? Parece-me que vamos já esquecendo...

—Não esquecemos, não...—acudia Antonio José, reconcentrado e triste.

—Pois que ha, Antonio?—perguntou Lourença.

—Nada, minha mãe!

E, tomando da mesa uma alva caneca italiana, exclamou;

—Bebamos á saude de Duarte Cottinel Franco, amigo honrado, amigo dos que a divina Providencia dá aos infelizes que a não denegam nem offendem! Bebamos á saude do generoso defensor que faltou n'esta festa de familia, porque não podia ao mesmo tempo estar aqui e

Digitized by Google

defende'-la das armadilhas dos nossos inimigos! Bebamos á saude de Duarte!

Bradaram todos, tirante Leonor e Lourença:

—A' saude de Duarte!

—Tu não bebes?—perguntou Antonio á esposa.

—Estava distrahida...—respondeu ella; e, pegando da sua taça, disse ella:

—A' saude dos sinceros amigos!

Lourença Coutinho bebeu tambem.

Antonio José olhou-as com severidade, e murmarou:

—Sois ingratas!...

—Então, sr. Silva?—exclamou Diogo de Barros—são isso palavras que se digam?

—Pois que quer v. ex.ª?—redarguiu o hebreu—ainda não pude provar a estas creaturas que Duarte é um homem de bem!...

—Nem a mim—atalhou Diogo.

—Pois que?!...—volveu Antonio José com muito espanto—nem a v. s.ª!

—Não; mas não debatamos hoje essa questão, sr. doutor. Falemos linguagem amorosa, que a nossa criancinha entenda. Chegae-me cá essa bandeja de confeitos para a beira da minha afilhada...

Fez-se um forte estrondo na porta da escada e calaram-se todos. Antes que entrasse o criado a dar aviso, appareceu Duarte Cottinel, com a vista esgazeada e descomposto semblante.

—Que é?—perguntaram muitas vozes.

—Vem cá, Antonio!... depressa... depressa...

Digitized by Google

Todos se levantaram, e só o judeu passou com elle á proxima sala.

—Vaes ser preso—disse offegante o almoxarife.

—Preso? já?...

—Já os familiares e meirinhos estavam á boca da rua. Sei que a ordem tambem se entende com tua mãe e mulher. Meu pae já não póde salvar-te; mas arrancar-te-ha brevemente da prisão... Não percas agora a cabeça, Antonio! Vem cá!...

O judeu corria d'um lado a outro apertando vertiginosamente as fontes.

—Vem cá... escuta-me...

—Que é?—disse Antonio com espasmo d'idiota.

—E' preciso salvar o teu thesouro das garras da inquisição. Bem sabes que os hebreus ricos, se podem salvar-se do fogo, sahem mendigando do carcere.

—Sei... e então!

—De quem confias as tuas riquezas?

—De quem?... de ti, de ti... Duarte!...

—E já! então deve ser já, antes que os familiares arrestem o que estiver de portas a dentro. Leva-me onde está o thesouro, que eu desço com elle para os baixos do pateo, e fujo depois que os familiares entrarem.

Antonio correu á sua camara: abriu o gavetão d'um contador, e entregou-lhe o cofre, e mal articulou estas vozes:

—Não nos desampares, não nos desampares...

Duarte desceu pressurosamente ao pateo, e escondeu-se no quarto dos criados.

Digitized by Google

Instantes depois, entraram dois familiares do santo officio e dois meirinhos.

Quando chegaram ao topo da escada, ouviram grande alarido de gritos. Bateram.

Sahiu-lhes Diogo de Barros, que devia conhecer os familiares: eram duas pessoas nobilissimas, nascidas em duas das mais distinctas casas da monarchia [1].

Diogo de Barros, com as faces cobertas de lagrimas, proferiu palavras supplicantes, compungentes e todavia inuteis.

Um dos familiares disse:

—V. s.ª sabe quaes são as minhas obrigações, porque, na qualidade de familiar do santo-officio, sabe cabalmente quaes são as suas.

—Uma das presas tem uma filhinha de dois annos... —disse Diogo—como ha-de ser isto?

—Como é costume—respondeu o enviado da inquisição—as crianças ficam no poder de quem os quer acceitar.

Os brados redobravam interiormente, porque Leonor tinha ouvido dizer ao familiar: *As crianças ficam.*

Foi dentro Diogo, e os quadrilheiros seguiram-n'o.

Leonor girava em volta dos hospedes, como para fu-

---

[1] Os primeiros fidalgos de Portugal honravam se grandemente com apresentarem no hombro a insignia de quadrilheiros da inquisição. Era uma medalha de ouro com as armas do santo-officio gravadas.

Digitized by Google

gir-lhes, temerosa de que lhe arrancassem a filha. Antonio José, a um canto da sala, encarava, n'um lethargo de brutificação dolorosa, os movimentos freneticos da mulher. Ninguem sabia nem podia alli consolar: choravam todos.

Os familiares, com os braços cruzados, esperavam o quebrar d'aquella tormenta, e mediam d'alto abaixo dois filhos de Diogo de Barros que, n'um instante de indiscreta ira, tinham posto as mãos nas guardas dos fains.

Antonio José da Silva sahiu do seu estupor, e caminhou com presença d'alma a encontrar a mulher n'uma das suas irrequietas arremetidas.

—Leonor!—disse elle—isto é irremediavel. Entrega a nossa filha ao sr. Diogo de Barros.

As damas rodearam Leonor, e ampararam-n'a. A criança expedia altos gritos. A mãe largou-a, ou por cuidar que a estava estrangulando no apertar dos braços, ou porque os sentidos lhe faltaram. Uma das senhoras passou a outra sala com a menina.

Diogo de Barros pediu aos seus collegas do santo-officio a graça de concederem que Leonor e sua mãe fossem transportadas de liteira á santa-casa.

Responderam:

—Não temos alçada.

Pediu-lhes que o esperassem emquanto elle ia falar ao cardeal-inquisidor. Responderam que não podiam esperar mais tempo.

Leonor e Lourença cobriram-se das mantilhas, e desceram encostadas ás espadoas d'Antonio José.

Digitized by Google

Um dos meirinhos fechou as portas, depois d'ordenar da parte do santo-officio que sahissem todos os ercravos e criados.

Assim terminou o dia 5 d'outubro de 1737, segundo anniversario natalicio da filhinha d'Antonio José da Silva.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO IX

A inquisição tinha diariamente dois conselhos, chamados ordinarios. Um das oito ás onze horas; outro do meio-dia ás quatro.

Quando os presos chegaram á santa casa, já os inquisidores e secretario tinham sahido da mesa do santo-officio.

O alcaide conduziu-os a um vasto salão, já alumiado com lampadarios pendentes do tecto esfumado, e mandou-os esperar, recommendando a Leonor, que soluçava, completo silencio.

Um guarda, ou chaveiro ficou encostado ao batente da alterosa porta.

Antonio José sentou-se n'um tamborete de páo estre sua esposa e mãe. Apertou nas suas as mãos de ambas, e murmurou:

—Não desanimem, que Duarte asseverou-me a nossa proxima sahida.

Lourença soltou um gemido, e apenas balbuciou:

—Duarte!... Creio que estamos perdidas!...

—Não estão... não estão... Tens coragem, Leonor?

Digitized by Google

—Tenho... que sou mãe...—exclamou ella, levantando a voz.

O guarda pronunciou um longo *sio*.

A's cinco horas voltou o alcaide, e disse ás presas que o seguissem.

—Adeus!—disse Leonor ao marido, inclinando-lhe ao peito a face.

Lourença Coutinho beijou o rosto do filho, e disse-lhe ao ouvido:

—Até Deus, meu amado filho!

Antonio José abraçou-as a um tempo, e cahiu sobre os joelhos com ellas.

—Venham, mulheres!—disse o alcaide carregando o aspeito.

Levantaram-se: Deus vi-os levantar-se, e separarem-se. Viu-os, porque Deus está em tudo e vê tudo.

Emquanto o alcaide não voltou, o hebreu esteve de joelhos, com o rosto sobre o tamborete. Ouviu os sonoros passos do chefe dos carcereiros; levantou-se, e perguntou-lhe:

—Póde, por piedade, dizer-me se minha mulher e minha mãe ficarão justas?

—Ficarão juntas até ámanhã. Siga-me.

Antonio foi levado ao cubiculo quadrado de dez palmos em que estivera onze annos antes: era o carcere numero seis do *corredor meio-novo*. O alcaide deteve-se alguns segundos para lhe mostrar a enxerga e a manta, o pote da agua e o pucaro; depois sahiu com a lampada, rodou a chave, e fez as trevas profundas d'aquelle

Digitized by Google

ergastulo, por ordem dos levitas d'um Senhor, que tinha feito a luz universal, n'um dia de boa feição, antes de fazer os levitas n'um dia de rancor ás suas creaturas. Não sei se o hebreu ficou scismando n'isto: o blasphemar, n'aquella situação, seria não vulgar virtude.

Damingos de Gusmão, se está em alguma parte, e conserva a memoria dos favores que fez ao genero humano, deve saber contar como foi aquella noite de Antonio José da Silva, de Leonor e de Lourença Coutinho, e d'aquella criancinha sem ver sorriso ou lagrimas de pessoa conhecida.

A's seis horas e meia, abriu-se a porta do carcere numero seis: o guarda depoz ao lado da enxerga do hebreu um prato d'arroz com uma posta de peixe e sahiu [1].

---

[1] A alimentação dos encarcerados, com alguma differença, nas horas de lh'a ministrarem, era a mesma em todas as prisões inquisitoriaes do territorio portuguez. O auctor da *Inquisição de Goa*, o qual, como se disse, foi longo tempo ludibrio d'ella, no tocante aos alimentos, diz o seguinte: «Os presos são bem tratados; comem tres vezes ao dia; almoço ás seis horas da manhã, jantar ás dez, e ceia ás quatro horas da tarde. Aos pretos dão-lhe canja d'arroz: chama-lhe o francez *canje*, ao almoço; ao jantar e ceia dão-lhe peixe e arroz. Os brancos passam melhor: de manhã dão-lhe um pão fresco de tres onças, e peixe frito, fructa, e uma linguiça, se é domingo ou quinta-feira; e n'estes dias, ao jantar, dão-lhe carne, um pão como o do almoço, e um prato d'arroz e algum guizado com farto molho, para adubar o arroz, que é cozido

Digitized by Google

Antonio José deteve-se a olhar na chamma da lanterna, que o chaveiro pozera ao lado do prato. Voltou o guarda e disse-lhe que comesse.

—Não posso—respondeu o preso.

O guarda sahiu com a luz, e correu os ferrolhos da porta.

Ao romper da manhã, Antonio José tinha os olhos cravados na alta fresta, por onde entrava o dia através de grades. Assim que o cubiculo se aclarou, olhou em redor de si: reconhcceu aquellas paredes. Viu um objecto novo: era uma cruz feita com sangue, á cabeceira da enxerga. Algum desgraçado alli deixára aquelle testemunho de sua religião, traçado com o sangue furtado ao constrictor das torturas. A's seis horas levaram-lhe o almoço. Antonio José, como tivesse orado, cobrou alento. Orar a quem? Não se sabe; mas as testemunhas juradas contra elle disseram que, através das escutas da prisão, o viram algumas vezes orar de joelhos. Orava a Deus.

O certo é que se lhe fez luz d'esperança. Acceitou o

---

simplesmente com sal; nos demais dias o jantar é sempre de peixe; e á noite dão peixe frito, pão, arroz, e guizado; carne é que nunca lá se come á noite». Presume o desconhecido auctor que a abstinencia da carne leva em vista evitar indigestões. Aquelles hygienicos sujeitos poupavam os corpos salutarmente, no intento de lhes purificar as almas no fogo. Em Lisboa prevalecia a mesma piedade. Veja o liv. cit. pag. 81 e 82.

Digitized by Google

almoço, e comeu porque esperava resgatar-se, depois d'alguma flagellação. Deram-lhe uma vassoura para a limpeza do calobouço, um pote para determinado fim, e uma celha que servia de cobertura ao pote, e de receptaculo de lixo. Depois, cortaram-lhe o cabello, vestiram-no com o trajo da casa, despojaram-n'o de tudo quanto levava vestido.

O hebreu onze annos antes, tinha deixado alli um alcaide que o tratava com menos crueza, bem que nunca lhe concedessem um livro [1]. O novo official, que substituira o outro, denotava a ferocidade ordinaria d'aquelles funccionarios da santa-casa, e póde ser que extraordinaria com elle.

Leonor e Lourença tinham passado a noite juntas. Não nos arrojamos a bosquejar muito em sombra as presumiveis angustias das duas mulheres. A penna mais affeita a escreve'-las, ainda entre os dedos de Llorente e d'Alexandre Herculano, cae desanimada. Esta inefficacia e incapacidade para descripções d'agonias inenarraveis, faz honra ao coração do homem.

Ao outro dia, por volta das onze horas, um guarda separou as presas. Abraçaram-se. Lourença disse á esposa do filho:

—Se vivermos... até ao auto da fé.

Leonor, quando se viu sósinha ajoelhou e disse:

—Meu Deus, graças te dou, porque me levaste mi-

---

[1] Nos carceres da inquisição nem aos sacerdotes presos era concedido o seu breviario.

Digitized by Google

nha mãe e meu pae Deus de misericordia, leva-me a minha filhinha, se eu não hei-de mais vê'-la... Leva-m'a oh! Senhor, para eu poder acabar resignada!

Ao mesmo tempo, um official do santo officio entrava á prisão do hebreu exhortando-o a que declarasse exatamente os seus haveres, accrescentando:

—Da parte de Jesus-Chaisto vos digo que, se estiverdes innocente, vos será entregado tudo que vosso fôr; e, se alguma cousa sonegardes, qualquer que seja vossa innocencia depois reconhecida, tudo perdereis.

Antonio José respondeu que tudo que possuira deixara em casa no largo do Soccorro; ajuntou que pouco herdara de seu pae, e a pequena herança a empregara em adornos de sua casa.

A' uma hora da tarde, o alcaide e um guarda conduziram-n'o á mesa do santo officio, occupada por tres inquisidores e um secretario. Mandaram-n'o sentar em tamborete raso, unico objecto desprezivel em meio de ricas poltronas, tapetes e gualdamecins que exornavam o espaçoso recinto. Os inquisidores occupavam parte das poltronas lateraes á mesa. O secretario sentava-se rente ao topo da banca, voltando as costas a um grande Christo que se alevantava até á abobada. Começou o interrogatorio, depois que elle foi ajuramentado com um missal. Perguntaram-lhe se sabia porque fôra preso. Respondeu que não. Pediram-lhe *pelas entranhas misericordiosas de Nosso Senhor Jesus Christo* [1], que confessasse para mais

[1] Eram os termos sacramentaes com que pediam tudo.

Digitized by Google

depressa experimentar a bondade e misericordia d'aquelle tribunal, com os sinceros arrependidos.

Disse o hebreu que se julgava victima d'odientos intriguistas, que tinham querido vêr em suas comedias alguns rebuçados insultos á religião catholica. Instaram os inquisidores pela continuação das suas conjecturas. Antonio José respondeu que não tinha outras.

Leram-lhe o que elle tinha dito e mandaram-n'o assignar. Ao toque de campainha entrou o alcaide, o secretario fez um gesto de cabeça, e o hebreu sahiu.

Antonio José quiz ler no semblante dos inquisidores uma boa nova. Figuraram-se-lhe affaveis no tracto e commovidos nos termos do interrogatorio. Lembrava-se da aspereza dos outros que, da primeira vez, e logo ás primeiras perguntas o ameaçaram com a tortura. Sahiu animado: enviou aos corações da esposa, da mãe e da filhinha um sorriso de esperança.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO X

N'este dia, Duarte Cottinel, a horas descostumadas, estava ainda fechado em seu quarto. A noite passou-a na vigilia d'um supplicio atroz, com intermittentes de infernal alegria. Tinha alli o thesouro de Antonio José da Silva. Abrira-o, remexera-o, contara as joias, contara os brilhantes; estava tudo e mais um annel, que elle nunca vira, o annel do contador-mór, a prenda que D. João de Bragança dera ao seu destro caçador na tapada de Villa-Viçosa. Mas assim que elle despregava os olhos das flammejantes pedras, assim que descia a tampa do cofre, resaltavam outras chammas de dentro d'elle, e alumiavam-lhe tres pessoas em contorcimentos horrentes, amarradas a tres postes, e as labaredas a subirem, e a serpejarem por ellas, e a fumarada negra a subir em columna d'entre as camadas de lenha e as faiscas a lampejarem pela cerração do fumo, e os gritos estridulos a retinirem por sobre o crepitar da fogueira.

Assim que o almoxarife se afez áquella visão, e achou que o segredo magico de a desvanecer estava no abrir do cofre e na deleitação de tirar e repôr as preciosas

Digitized by Google

camadas, conseguiu conciliar o somno. Ora, a placidez, com que elle dormia ás onze horas da manhã, era tal, que ninguem poderia estrema'-la da placidez com que dorme um justo.

A's onze horas, porém, foi espertado por estrondoso empuxar á porta. Saltou do leito, e abriu as janellas para convencer-se de que havia sol, ar e luz para elle, como para qualquer justo, que se ergue do seu catre duro de penitente para louvar a luz, o ar e o sol de Deus.

Ouviu o gritar convulso da Feliciana; vestiu-se á pressa, e abriu.

A negra ia dar-lhe parte de que estava no pateo um familiar e um meirinho do santo officio, em procura d'ella.

—Olhe se me esconde, pelas cinco chagas!—exclamava ella.

—Se te escondo?! para que?—disse elle socegadamente—pois tu cuidas que vaes presa?

—Pois então?

—Não vaes presa, bruta; vaes ser outra vez perguntada a respeito do que já disseste, entendes, mulher?

—Perguntada outra vez?—tornou ella.—Diante da minha senhora!

—Não: tornam a perguntar o que já disseste, e mandam-te embora, que é o costume. Pois tu cuidas que as testemunhas tambem são mettidas na prisão? Está ahi o familiar, porque é sempre assim; é elle que vae buscar as testemunhas.

Digitized by Google

A escrava, não obstante as explicações confortadoras de Duarte, pensou em fugir pela quinta; mas o familiar e meirinho anteciparam-se a intimar peremptoriamente o almoxarife, por maneira que faltou á negra tempo e occasião de fugir.

Depós ella sahiu Duarte, caminho do tribunal.

A preta foi conduzida á audiencia; o almoxarife da Bemposta entrou no aposento do alcaide, onde se demorou meia-hora em pratica muito recondita.

Ao capellão dos infantes, pae de Duarte, devia o alcaide a sua investidura n'aquelle exercicio bem remunerado. O almoxarife sabia que n'aquelle homem tinha um auxiliar poderoso e de confiança para qualquer intento, sem dispender-se na compra da alma bastante abjecta para vender-se cara. A pratica entre os dois terminou depressa porque as occupações do alcaide eram muitas e pouco intervalladas de repouso, mormente n'aquelle mez d'outubro, em que regularmente se celebravam os autos da fé—por cahir então a primeira dominga do advento—e serem mais frequentes os interrogatorios e torturas dos presos. [1]

Assim mesmo no breve tempo que praticaram, os pontos essenciaes, respectivamente á negra, foram combinados, e as consequencias más previstas e remediadas.

---

[1] O santo-officio preferia a primeira dominga do advento porque o evangelho d'este dia fala do *juizo final*, e os inquisidores, queimando em tal dia os peccadores, commemoravam d'antemão a sentença do supremo julgador.

Digitized by Google

Feliciana, depois d'interrogada, ouviu o seu depoimento, e assignou de cruz. Mandaram-n'a sahir; e quando ella endireitava pelo caminho do pateo, um guarda mudou-lhe a direcção, dizendo-lhe:

—Por aqui.

Apavorou-se a negra, e perguntou em ancias:

—Eu fico presa?

—Não: ficas alli em baixo n'um quarto até ver.

Fecharam-n'a. Começou logo ella a dar gritos e a revolver-se no pavimento.

Acudiram os guardas com vergastas e ameaçaram-n'a. Foi chamado o alcaide, para aquieta'-la. Queria elle ficar a sós com a negra para acalma'-la com razões consoladoras, que assim convinha; mas, prohibindo os estatutos da inquisição que algum official do serviço dos carceres estivesse com o preso sem o testemunho d'outro empregado, o alcaide valeu-se do terror para aquieta'-la.

Ao outro dia, o guarda avisou o alcaide de que a negra estava clamando que jurara falso, e queria ir desdizer-se á presença dos inquisidores, e contar o que se passara com a pessoa que a fizera jurar.

O alcaide avisou Duarte Cottinel, que sem mais demora que a necessaria para prover-se d'um frasco, foi á santa-casa, e pouco se deteve com o confidente.

A negra não cessava d'exclamar e pedir que a ouvissem. Pouco antes da hora do jantar, o alcaide com o pretexto de a castigar, entrou sosinho á prisão, e tão brandamente falou á negra, tão breve lhe figurou a sua

Digitized by Google

sahida do santo-officio, que a desgraçada aplacou-se, e prometeu comer e socegar até ao outro dia na esperança de sahir então.

Feliciana jantou com algum appetite, não achou travor sensivel no molho da caldeirada do peixe: comeu bem, com tenção de dormir melhor para aligeirar o tempo. Meia-hora depois, quando pensava em adormecer, saltou da enxerga em gritos e ancias, bradando por soccorro. Acudiram os chaveiros. Feliciana queixava-se de ter dôres infernaes no ventre; rolava-se no soalho, e levantava-se de salto remetendo contra a porta para fugir. N'uma d'estas investidas que os guardas repelliam, a negra cahiu, estrebuxou, estirou as pernas em convulsões, retorceu boca e olhos horrendamente, e morreu.

José Maria da Costa e Silva, o menos imperfeito biographo d'Antonio José, diz o seguinte acerca d'esta escrava:

«Lourença Coutinho, mãe do poeta, tinha uma escrava preta, porque n'esse tempo havia ainda escravos n'este reino, e aquella escrava era deshonesta e dissoluta, como todas ellas, e como o são quasi todas as criadas.

«Antonio José da Silva a castigou, e é natural que com rigor aproximado ao que em taes casos se usa no Brazil: a negra era vingativa como quasi todos os negros, e ou por malignidade propria, ou por suggestões de pessoa ou pessoas a quem se queixou, apresentou contra elle no santo-officio uma noticia de judaisante e relapso...

Digitized by Google

«Porém a justiça de Deus não quiz que esta perversa mulher continuasse a ajudar a ruina do seu senhor, nem gozasse de sua vingança tão traidoramente procurada; pois apenas a negra entrou no carcere possuiu-se de taes terrores que dentro em breves dias terminou sua existencia.» [1]

Eu inclino-me a crer muito mais nos effeitos do veneno de Duarte Cottinel que nos pavores e remorsos da negra.

[1] Vol. x, pag. 332 e 333 do *Diccionario bibliographico.*

Digitized by Google

CAPITULO XI

Estavam em campo os poucos amigos e os muitos inimigos d'Antonio José da Silva.

Inimigos eram os homens de letras, que se julgavam comprehendidos na allegoria d'aquelles que D. Quichote e Sancho Pança levaram a pontapés para fóra do Parnaso; eram os ouvintes piedosos de suas comedias que riam muito das facecias indecentes e censuravam a licença desbragada do judeu; eram os frades, que através da gelosia do seu camarote, se tinham doído das frechadas que o judeu nunca lhes apontara.

Amigos tinha dois dedicados e diligentes: eram Diogo de Barros e conde da Ericeira; mas o amigo que elle em maior conta e prestimo tinha era Duarte Cottinel.

O conde, desde logo, anteviu o desastre, inferindo-o do sobrecenho com que o inquisidor-geral, e parente seu, D. Nuno da Cunha o desattendia em rogos pertinentes ao judeu. Diogo de Barros, por sua parte, achava de bronze o peito dos membros do supremo conselho. To-

Digitized by Google

dos, á uma, professavam odio entranhado ao judeu que podera salvar-se do justo castigo, para reincidir na mesma culpa; e de mais d'isso attentar contra os bons costumes expondo ao povo os quadros irreligiosos e deshonestos das suas operas, recheadas de gentilidades, heresias e chascos á piedade.

Diogo de Barros, confiando no olhar supplicante da menina que tinha em sua casa, ia com ella aos inquisidores, levava-a nos braços, e ensinava a criancinha a dizer *piedade* áquelles homens severos que lhe faziam medo.

Alguns, tocando na face da menina, diziam-lhe: «Deus te afaste dos paes que haviam de perder a tua alma.»

Outros, voltavam-lhe as costas, e respondiam azedamente ao solicitador da liberdade de tres relapsos, que tão mal pagaram á misericordia das entranhas de Nosso Senhor Jesus Christo.

No entanto, Antonio José espantava-se de não ser chamado a novo interrogatorio, decorridos vinte dias de prisão. O mez d'outubro tinha passado: para elle era já ponto decidido que ainda estaria preso um anno, até ao primeiro auto da fé, a não dar-se algum extraordinario e rarissimas vezes succedido caso de sahir livre sem o ceremonial d'aquelle espectaculo de morte para uns e de perdão para outros—espectaculo de *justiça e misericordia* como dizia a tarja que circumdava o painel do fundador do santo officio, arvorado na procissão, aquelle S. Domingos que em uma das mãos empunhava um ramo d'oliveira, e n'outra uma espada nua.

Digitized by Google

O processo estava, porém, instaurado, e o inquerito das testemunhas continuava. Quaes testemunhas?

Aqui é o ponto de colher os pannos á imaginação, encostar-se o romancista ao pouco de que póde amparar-se para não escorregar no plano inclinado das hypotheses improprias do assumpto.

O processo d'Antonio José da Silva está no archivo nacional da Torre do Tombo: para alli foi nos cartorios das inquisições em 1821. Alguns curiosos possuem copia do processo; eu não a vi, nem estou ao alcance de poder ainda consultar as peças principaes, que mereciam a publicidade, usurpada por ferragens inutilissimas que pejam as livrarias.

Costa e Silva viu o processo, ou o principal d'elle; todavia, um sujeito que se presava de ser futilmente prolixo em numerosas paginas a proposito de nada, foi mais que omisso na biographia importantissima de tão assignalado escriptor, e desasisado n'alguns dos esclarecimentos que levianamente dá. Outro bibliographo de maior tomo o sr. Innocencio Francisco da Silva, não obstante a breve e succinta noticia com que antecede a relação das operas do judeu, cuida em corrigir de passagem os graves erros de seus antecessores, e restaura lucidamente a verdade d'alguns essencialissimos factos. Como quer que seja, pelo que respeita ao processo, é judicioso atermo-nos ao que estiver escripto por pessoa que o haja examinado. N'esta parte, irei trasladando o pouco de Costa e Silva. Diz elle:

«Sepultado o supposto réo no carcere n.º 6, do cha-

Digitized by Google

mado *corredor meio-novo*, deu-se obra ao seu processo, e como faltavam provas, e culpas articuladas, e definidas, pois todas se reduziam ás accusações vagas, taes quaes as podia dar uma negra boçal de Cabo Verde, quizeram os seus juizes, os seus algozes sahir da difficuldade criando-as na mesma prisão.

«Do seu processo... consta que os guardas foram incumbidos de o espionar pelas *escutas* ou buracos, que existiam nos cantos dos tectos dos carceres d'aquelle terrivel tribunal, dispostos de maneira que se podesse ver e ouvir quanto n'elles se passava, como eu notei visitando grande parte d'aquellas masmorras, quando se patentearam ao publico em 1821. Que os ditos guardas quasi todos depozeram que muitas vezes o viram ajoelhar, persignar-se, e recitar devotamente as orações christãs; accrescentando sómente alguns que elle alguns dias não tocava na comida, naturalmente (diziam elles) por satisfazer aos jejuns da lei de Moysés...

«Consta igualmente do mesmo processo que o poeta protestou sempre pela sua innocencia; que produziu em sua defeza muitas testemunhas, e entre ellas religiosos graves de differentes ordens, até da dominicana, e que todos elles affiançaram o seu zelo religioso, a sua exacção no cumprimento dos preceitos da igreja...»

Quaes testemunhas, pois, depozeram contra Antonio José? Os guardas dos carceres, os officiaes subalternos e sujeitos ao alcaide, a quem incumbia a directoria interna das prisões. Contra o testemunho dos guardas e o depoimento da escrava assassinada baldaram-se os es-

Digitized by Google

forços mais ou menos conscienciosos dos frades das differentes ordens, com quem o hebreu industriosamente mantivera sempre boas relações, cuidando que assim preparava patronos para a crise que sempre se lhe antolhara. Duarte Cottinel levara aos antros da santa-casa o valor do minimo d'aquelles brilhantes, e corrompera as sete consciencias necessarias para fazerem prova de que o preso, algumas vezes, não comia, nem nos interrogatorios subsequentes, confessava a razão que o fazia abster-se d'alimentos.

Lourença Coutinho e Leonor, levadas á confissão na tortura, ignoramos quaes revelações fizessem, arrancadas pela mortificação. E' natural que Lourença, esperançada no perdão, se accusasse de judaisante, e que Leonor, compellida por igual esperança, mentisse aos verdugos para que em nome do Deus misericordioso lhes perdoassem a culpa.

Correram dezesete mezes. O processo dos presos fechou-se em onze de março de 1739. A sentença de morte d'Antonio José da Silva, a requerimento do promotor, foi lavrada n'aquelle dia, e logo relaxada ao braço secular. O accordão da condemnação não transpirou. Já aquella vida estava irremissivelmente condemnada ao fogo, e tanto o réo como grande numero de seus amigos esperavam a absolvição no auto da fé do proximo outubro.

Decorreram ainda sete mezes.

N'este periodo, o mais concorrido espectaculo do theatro da Mouraria era a opera do judeu, o *Precipicio de*

Digitized by Google

Phaetonte, que entrara em scena, quando o author já soffria o terceiro mez de carcere, em janeiro de 1739. O publico victoriava o infeliz, sem ousar maldizer a justiça que matava lentamente o seu mais festivo e popular auctor.

Os frades lá estavam casquinando no seu camarote; as familias dos inquisidores concorriam á festa do talento do hebreu, que, áquellas horas, ajoelhava pedindo á Providencia um testemunho do seu poder. Avizinhou-se o mez d'outubro. Antonio José, como nos ultimos mezes o não chamassem a perguntas, duas conjecturas devia de fazer: uma a da sentença já relaxada de morte; outra a do perdão, mediante o abjurar no auto da fé. Não se demorou a scismar na mais pavorosa das hypotheses: fiava em sua innocencia, no valimento dos amigos, na fraternal amizade do seu Duarte, e, mais que tudo, na justiça de Deus.

Desde o primeiro dia do fatal mez d'outubro, o coração do hebreu pulava-lhe no peito de cada vez que se corriam os ferrolhos do seu quarto. Fitava o rosto do alcaide, que nunca se lhe voltou de frente, nas raras occasiões que entrava á prisão; pedia aos chaveiros que lhe dissessem alguma cousa do seu destino: pedia novas de sua mãe e de Leonor; rogava que ao menos lhe dissessem se ellas viviam. Não lhe respondiam, cumprindo rigorosamente as prescripções do santo officio, como conscios de que a morte era o castigo da infracção.

A's tres horas da tarde do dia 16 d'outubro, ouviu Antonio José da Silva rumor de passos ao longo do cor-

Digitized by Google

redor; collou o ouvido ao taboado, e sentiu que se vizinhavam da sua prisão. Abriu-se a porta, e logo assomou o promotor da inquisição, e um meirinho da justiça secular.

O promotor sem encarar no preso, leu a sentença pausadamente: *relaxado em carne, morto, queimado, como convicto, negativo e relapso.*

Lida a sentença, o meirinho lançou em volta das mãos do preso um baraço, como signal de que tomava posse do réo que a ecclesiastica abandonara.

Antonio José da Silva morreu n'aquella hora. Estava em pé; tinha os olhos alumiados, respirava, ouvia, via, e entendia; mas estava morto.

A' beira d'elle, depois que o promotor e o meirinho sahiram, ficou um homem chorando. Era um jesuita de S. Roque, o padre Francisco Lopes, a quem incumbiram conduzir o padecente ao oratorio.

O hebreu deixou-se levar. Entrou no santuario com os olhos postos na imagem de Christo, que lhe antepunha o padre. Ajoelhou, cahiu, quando a seus pés se fez um vacuo, um subito aluir-se o pavimento por abysmos em que elle se despenhava com o peito congelado do frio das entranhas mortas.

Fechou-se a porta do oratorio.

N'um caso analogo d'inexprimivel tormento, perguntava Féréal, historiador da inquisição d'Hespanha. «Quem póde sondar os mysterios da agonia e da morte, d'aquella suprema lucta entre a fórma terrestre e o homem immaterial?».

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO XII

Ao acclarar a manhã do dia 18 d'outubro de 1739 abriu-se a magestosa igreja de S. Domingos, já decorada para a celebração do auto da fé. Estava pomposa. Era o leão caberto de grinaldas e laçarias, enfeitado e vistoso, com as fauces abertas á espera do bodo d'aquelle seu dia de festa, do seu almejado domingo do advento.

O altar-mór, bem que negrejasse de crepe, resplendecia com os seus doze candelabros de prata, doze altissimos cirios em argentinas tocheiras. Dois thronos se erguiam lateraes ao altar; o da direita pertencia ao inquisidor-geral e supremo conselho; o da esquerda á casa real.

A baixo do arco da capella-mór, entre as naves estava outro altar, sobre o qual se viam dez missaes abertos com suas capas de coiro, relevos doirados, e fechos de prata. D'aqui até á porta do templo, construiram uma galeria balaustrada d'ambos os lados; com passagem pelo centro, e bancadas no interior: eram os logares destinados aos presos e aos padrinhos. Pannos de seda adamascada fran-

Digitized by Google

jados d'ouro e prata pendiam dos tectos e frontispicios das capellas, em que sobresahiam a meio-relevo *figuras de boa massenaria e todas cozidas em ouro sem se ver outra cousa*, como conta fr. Luiz de Souza na luxuosa descripção d'esta igreja, a qual não é já a que o leitor conhece.

A's oito horas já grande espaço da vasta igreja estava occupado por parte das mais lustrosas familias de Lisboa e fidalgos provincianos, que iam gozar-se d'aquelle espectaculo, superior em apparato ao das outras inquisições do reino.

A's nove horas e meia subiu ao seu magnifico camarote o cardeal inquisidor-mór D. Nuno da Cunha, e os conselheiros. O palanquim real conservou corridas as cortinas durante aquelle primeiro acto do sanguinario drama ao divino.

Assim que o inquisidor-mór appareceu no adro do templo, dobraram os sinos, e logo a procissão do auto da fé sahiu da santa casa, e a breves passos assomou no limiar do templo o estandarte do santo officio com um longo sequito de dominicanos. O fundador da ordem, estampado n'um riquissimo panal, com a lampejante espada em punho, era a insignia do estandarte, perante o qual o povo ajoelhava e batia nos peitos. Em seguida aos frades inquisidores, caminhavam tres mulheres sem habito; uma, com os olhos no chão, e braços pendidos, andava com firmeza: era Leonor; outra, que dois esbirros amparavam desfallecida, era Lourença Coutinho. Cada presa levava na mão direita um cirio amarello. Seguiam-

Digitized by Google

se os condemnados a abjurarem com penitencia, ou a prisão indefinida ou galés.

Entre estes e outros mais desgraçados hasteava-se um grande crucifixo, com a face voltada para os que entraram primeiro no templo. Depós a cruz, iam tres estatuas d'hebreus ausentes, condemnados ao fogo, dois caixotes d'ossos d'outros que tinham morrido por effeito da tortura, e tres penitentes de carocha e samarra ou sambenito pintado de demonios e fogueiras com fogo revolto. Um d'estes era Antonio José da Silva; diziam que era, dizia-o a sentença escripta na orla da samarra; mas depois de dois annos e onze dias de lagrimas e trevas, difficil seria individuar-lhe as feições antigas. O povo, o povo que se rejubilava nas operas d'aquelle martyr, contemplou-o, e não chorou uma lagrima!... Oh! o povo! a canalha de todos os tempos e costumes!

Antonio José da Silva não abrira os olhos, durante o transito da inquisição á igreja. Encostado ao hombro do padre Francisco Lopes, levemente lhe acenava quando o pallido jesuita lhe perguntava algum artigo essencial para a sua salvação.

O banco da galeria em que Antonio José se assentou era dos ultimos. Lá estava entre elle e suas mãe e esposa a imagem do Christo, voltando-lhe as costas como no dia do juizo final, consoante rezava o evangelho do advento.

Fez-se profundo silencio.

Um frade arrabido subiu ao pulpito e prégou. N'um dos periodos mais levantados da sua oração, exclamava elle:

Digitized by Google

«E' a santa inquisição como a arca de Noé; porém, amados irmãos, quão grande differença vae d'uma á outra! Os animaes que entraram na arca, abaixadas as aguas do diluvio, sahiram animaes da natureza que tinham; ao passo que a santa inquisição por tal maneira muda os entes que em si encerra, que é digno de verse como sahem cordeiros os que tinham entrado cruelissimos lobos e ferocissimos leões».

Terminou o sermão.

Subiram dois promotores ao pulpito para lerem as sentenças. Cada penitente ouvia ler o seu processo e condemnação em pé, no meio da galeria, com a tocha em punho, e o alcaide á sua beira. Depois, levavam-n'o á banca dos missaes, ajoelhava, punha a mão sobre o sagrado livro, e esperava n'esta postura que os condemnados fossem tantos como os missaes. Depois, acompanhavam o promotor recitando com elle um auto de fé.

Findas as ceremonias com os presos que não tinham sentença de morte vieram os outros, os relaxados em carne. Eram tres homens e duas mulheres.

Antonio José foi transportado em braços. Já não ouviu o processo. Tinha perdido o alento, quando viu Leonor a debater-se soluçante nos braços de dois meirinhos, que lhe abafavam os gritos.

Lidas as sentenças, a inquisição, ao entrega'-los á justiça secular, pedia encarecidamente ás leis e aos juizes que se houvessem com clemencia e piedade d'aquelles miseraveis, e se lhes impuzessem pena capital, fosse, ao menos, sem effusão de sangue.

Digitized by Google

A historia das ferocidades religiosas não conta maior infamia! Acabou este acto do drama.

Leonor e Lourença foram transferidas em braços para a santa-casa.

Antonio José da Silva ainda esperou, depois que o levaram da Relação, sem consciencia de vida, a aurora do dia seguinte.

Quando chegou ao *campo da Lã* ardiam já as achas resinosas da fogueira.

O martyr não as viu. Devia ir quasi morto, porque escassamente o viram estrebuchar.

Seio do Altissimo! se te não abrisses áquella alma, criada ao bafejo da tua, que serías tu, Deus? que seserias tu, palavra?

N'aquelles dias publicou-se um impresso, que o sr. Innocencio Francisco da Silva traslada na biographia do Aristophanes portuguez.

Reza assim o extracto:

Lista das pessoas que sahiram condemnadas no auto publico da fé, que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos de Lisboa no domingo 18 d'outubro de 1739, sendo inquisidor-geral o cardeal Nuno da Cunha.

Pessoas relaxadas em carne:

N.º 7. Idade 34 annos. Antonio José da Silva, x. n. (christão novo), advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro: e morador n'esta de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de judaismo, no auto publico da fé, que se celebrou na igreja do convento de S. Do-

Digitized by Google

mingos d'esta mesma cidade em 13 de outubro de 1726. Convicto, negativo e relapso.

Pessoas que não abjuram nem levam habito.

N.º 5. Annos d'idade 27. Leonor Maria de Carvalho, x. n., casada com Antonio José da Silva, advogado, que vae na lista, natural da villa da Covilhã, bispado da Guarda, e moradora n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé, que se celebrou na igreja de S. Pedro da cidade de Valladolid, reino de Castella, em 26 de janeiro de 1727: presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio.

N.º 6. Annos d'idade 61. Lourença Coutinho, x. n., viuva de João Mendes da Silva, que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e moradora n'esta de Lisboa occidental; reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé, que se celebrou no Rocio d'esta mesma cidade em 9 de julho de 1713; presa terceira vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio. [1]

---

[1] Não posso conjecturar quando Lourença Coutinho fosse presa além da segunda vez nos carceres de Lisboa. Os biographos não o dão levemente a perceber; e a nota da lista, se ella terceira vez entrasse na inquisição, mencionaria o segundo auto da fé em que ella houvesse sahido reconciliada por culpas de judaismo. Quer-me parecer, se não ha descuido no traslado, que lhe sería contada como primeira a prisão nos carceres do Rio de Janeiro, d'onde foi remettida para Lisboa. Onde limpamente se póde esclarecer esta duvida é na leitura do processo, o qual faço tenção de brevemente examinar.

Digitized by Google

CAPITULO XIII

No dia seguinte ao do supplicio d'Antonio José da Silva, um padre vestido com a roupeta da companhia de Jesus, bateu á porta de Duarte Cottinel Franco. Disseram-lhe que o almoxarife estava doente de cama. Instou o padre fazendo saber a Duarte que o procurava o indigno ministro do Senhor que assistira ao finado Antonio José da Silva nos tres dias do oratorio.

Duarte sentou-se no leito, e pediu ao pae que o deixasse a sós com o padre. O capellão espantou-se do resguardo do filho; todavia, retirou-se, no intento d'escutar a mysteriosa pratica.

Entrou o padre Francisco Lopes, e disse:

—Sr. Duarte, comprehendo a sua enfermidade. A desgraça do nosso infeliz amigo pesou-lhe dolorosamente.

—Anniquilou-me, senhor!...—disse Duarte, reconhecendo no jesuita um dos muitos sabios e dos poucos virtuosos da companhia.

O padre proseguiu enxugando as lagrimas:

Digitized by Google

—Antonio José fez-me confidente d'um segredo que apenas era sabido de sua familia. Achou-me digno de confiança... Recommendou-me que lhe desse um abraço, e um adeus até ao reino do céo, onde eu piamente creio que entrou a alma purificada do nosso pobre amigo. Depois, me disse que em poder de vossemecê está um thesouro, que elle lhe entregara pouco antes de ser preso. E' isto verdade? Não póde deixar de ser. .

—E' verdade...—balbuciou Duarte.—Se eu não tomasse conta do thesouro, sabe vossa reverencia que a inquisição...

—Sei, sei que ficaria a mendigar aquella pobre familia, se Deus permittir que ainda se lhe abram as portas do carcere. Se os grandes haveres d'Antonio José não poderem servir á esposa e á mãe, lá está a filhinha em poder de Diogo de Barros, varão de Deus que a Providencia escolheu como amparo da innocente. A incumbencia, que o desgraçado me fez, foi que viesse eu dizer a vossemecê que entregasse o cofre a Diogo de Barros, vendo elle que o encargo de guardar os objectos e dinheiro contidos n'elle, ha-de ser causa de mortificações para o sr. Duarte.

—Promptamente...—tartamudeou Duarte Cottinel. — Se o cofre estivesse em meu poder, passa'-lo-hia já ás mãos do sr. padre Francisco Lopes. Careço de sahir a recebe'-lo de terceira pessoa a quem o confiei, não o querendo em meu poder, porque era tido em conta d'amigo do judeu, e receiava das pesquizas do santo officio...

Digitized by Google

—Foi prudencia!...—atalhou o sincero padre.

—A'manhã trato d'isso, e ámanhã mesmo, ou muito tardar depois, irei entregar o thesouro do meu chorado amigo ao sr. Diogo de Barros, com todo o segredo para que a filha não seja ainda privada do seu grandissimo dote.

—Cumpri a minha missão, sr. Duarte. Deus lhe fecunde os seus nobres sentimentos em alegrias puras e duradoiras. Fique-se com Jesus Christo; e receba o abraço d'Antonio José da Silva cujas lagrimas ainda me queimam as faces.

Sahiu o padre, e entrou o pae de Duarte.

—Que thesouro é esse que tinhas em teu poder? perguntou o capellão.

—Eram os haveres do Silva, que m'os confiou.

—E não me confiaste o segredo a mim?

—Porque fiz juramento de o não confiar a ninguem.

—E se eu delatasse ao santo-officio a existencia d'esse dinheiro que virtualmente está confiscado?

—Fazia a desgraça d'uma familia, a troco de quatrocentos mil réis que tanto valerá o que me foi confiado.

—Quatrocentos mil réis!—replicou o delegado do santo-officio—mas tu falaste ahi no *grande dote* da filha do judeu.

—Grande lhe chamei comparativamente á indigencia em que ella ficou.

O capellão ficou satisfeito com a resposta explicativa.

N'este mesmo dia, Duarte Cottinel, como o receio de perder o roubo, ganhado com tamanha perversidade, lhe

Digitized by Google

botasse o gume dos remorsos que o anavalham, sahiu da cama, e remexeu todo o dia no interior do seu quarto, acondicionando em um vasto cinturão de coiro os objectos contidos no cofre, que tirou d'um falso por elle aberto debaixo do catre.

Ao anoitecer sahiu da Bemposta, e recolheu-se n'uma estalagem contigua ao Terreiro do Paço, onde desvelou a noite esperando o repontar da manhã. Assim que os barqueiros sahiram ao caes a encavilhar os remos nos seus botes, Duarte saltou no mais proximo do embarcadoiro, e mandou remar para o Barreiro; aqui alugou cavalgadura, e seguiu o seu destino.

O capellão, affeito ás longas ausencias do filho, não se admirou da demora, ao fim de tres dias. No entanto, o padre Francisco Lopes, cuidadoso da recommendação do seu pobre padecente, procurou Diogo de Barros para saber se o thesouro estava em sua mão. O velho abriu um triste sorriso, e disse:

—Crê vossa reverencia que tal thesouro seja restituido?

—Creio, sim! Pois não ouvi eu a honrada e prompta confissão do possuidor?! Não me disse elle que antes d'hontem, o mais tardar, viria restitui'-lo?!

—Mas não veiu, sr. padre Francisco Lopes!...

—E' que se lhe aggravou a enfermidade. Lá vou já d'aqui... Rouba'-lo elle? E' impossivel! Um homem de quem Antonio José me disse tão excellentes cousas e com tantos louvores do seu desprendimento!...

—Sr. padre Francisco!...—disse Diogo, e susteve-se.

Digitized by Google

Depois, feita uma pausa reflexiva, continuou:—Não direi por em quanto o que sinto, o que senti e previ sempre... Vá, vá, e volte por aqui vossa reverencia, se lhe não custar.

O jesuita perguntou por Duarte. Sahiu a falar-lhe o capellão, dizendo que o filho, no mesmo dia em que elle o procurava, sahira e não apparecera mais em casa.

—Então!...—exclamou o padre vencendo a suffocante surpresa—então é certo...

—O que?—acudiu o deputado do santo-officio.

—Que se fez um roubo...

—Um roubo?

—De valores de cento e cincoenta mil cruzados de que seu filho era depositario.

—Quatrocentos mil réis, me dizia elle!...—redarguiu o capellão.

—Cento e cincoenta mil cruzados lhe digo eu, senhor!—tornou o jesuita.—Seja a quantia qual fôr, o ladrão fugiu. Que fuja!... os olhos de Deus hão-de segui'-lo... a justiça dos homens o alcançará!...

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO XIV

Lourença Coutinho, quando entrou no carcere, depois de ter visto o filho ajoelhado para ouvir a sentença, ia moribunda. Os medicos da santa casa aconselharam os soccorros espirituaes. Um frade dominico foi assentar-se ao lado da enxerga de Lourença. A mãe do condemnado que, áquella hora, sahia do oratorio para a fogueira, ouviu o gemer dos sinos, que pediam orações por alma dos suppliciados. Estrebuxou, e conseguiu encostar-se á parede do seu antro. Fitou em rosto o frade que a chamava á meditação das misericordias divinas. Estirou os braços, rangeu ferozmente os dentes, esbugalhou os olhos que espirravam o sangue da congestão cerebral, fez um arremesso contra o filho de S. Domingos, e n'este desesperado esforço, que o frade rebatia com exorcismos, arrancou da vida, batendo com a face no pavimento.

Fr. João do Souto, que assim era chamado o confessor dos presos moribundos, contou com pavorosos gestos em reunião capitular que vira uma legião de demonios, quando a judia morrera, tomar-lhe posse da alma, e

Digitized by Google

que o fedor sulphureo era insupportavel no calabouço. Os bons e judiciosos chronistas da ordem dominicana já tinham passado. Se o facto acontecesse cem annos antes, o leitor havia de le'-lo com as galas de linguagem do padre Cacegas ou d'aquelle illustre e degenerado visionario, chamado Manuel de Sousa Coutinho, que os frades tolheram.

O padre Francisco Lopes e Diogo de Barros divulgaram o roubo praticado por Duarte Cottinel. O conselho supremo do santo-officio gemeu, como se a inquisição fosse a roubada. Os amigos d'Antonio José levaram á comprehensão do inquisidor-geral a intriga tramada por Duarte no intento de roubar o homem que lhe confiara os seus haveres. Nuno da Cunha avocou a si o processo, examinou-o, e viu a crueza da sentença, e a probabilidade da urdidura. O alcaide, principal testemunha contra o hebreu, confessou na tortura que Duarte Cottinel se empenhava na perdição d'Antonio José. O alcaide foi açoutado pelos algozes do santo-officio, e expulso por grande misericordia e bons serviços que havia prestado á santa-casa.

Este providencial successo abriu as portas da inquisição a Leonor, dois dias depois do assassinio de seu marido. Diogo de Barros e Lourencinha foram espera'-la no pateo da santa-casa. A menina já não tinha vaga lembrança de sua mãe. Chorou de medo d'aquella cadaverica mulher que lhe chamava filha. Leonor aqueceu as faces mortas nas da sua formosa criança, que tinha então quatro annos e dois mezes incompletos.

Digitized by Google

Cobradas forças em companhia dos Barros, a viuva d'Antonio José, já sabedora do roubo d'aquella amaldiçoada riqueza, pediu ao tio de seu pae que lhe desse uma esmola para se passar com sua filha para Amsterdam. Diogo promptificou-lhe sobejos recursos para a viagem, e uma regular mezada para sua sustentação. Quiz elle ainda para lhe augmentar o peculio haver da inquisição o valor da rica mobilia confiscada e vendida em almoeda. O supremo conselho indeferiu o requerimento, sem embargo da injusta condemnação do possuidor dos haveres confiscados.

Embarcaram Leonor e Lourença.

Em Amsterdam era já notoria a morte d'Antonio José. Da familia Sá ninguem esperava que a filha de Jorge de Barros volvesse á luz do sol. O apparecimento d'uma senhora com uma menina ao collo em casa dos filhos de Simão de Sá fez estranheza. Quando ella disse quem era, ergueu-se um grande choro em volta das duas infelizes, choro de compaixão de verem tão avelhada a peregrina Leonor, e d'alegria por lhe poderem outra vez abrir o seio carinhoso. Leonor perguntou por Simão. Disseram-lhe que tinha morrido; mas que todos os seus lhe tinham herdado o coração.

Refloriram ainda algumas graças do bello rosto da filha de Sára. Tinha vinte e sete annos. As tristezas, por mais devoradoras que fossem, não podiam combater a força reanimadora dos afagos de Lourença. Onde ella assentava os seus labios reviçavam as fibras amortecidas e requeimadas de lagrimas.

Digitized by Google

Leonor aos trinta annos dava ideias da belleza dos dezoito. Poderia ser amada e esposa, se o quizesse ser, d'um rico hebreu tambem viuvo. Respendeu ella á proposta que não podia senão ser mãe e educadora de sua filha. Pediu qne a deixassem enriquece'-la de virtudes e conhecimento antecipado das desgraças d'esta vida, para ter que lhe deixar, quando Deus a levasse.

Correram-lhe, senão felizes, tranquillos os annos.

A maior pena, que ainda lá a salteou, causou-lh'a um homem que passava, um dia debaixo das suas janellas, mal entrajado, com amargurado rosto.

Perguntou Leonor:

—Quem será este homem?! não sei quem me parece!...

—E' um portuguez—disse uma senhora—já lhe ouvi o nome; mas esqueceu-me. Um dos manos conhece-o de vista, e foi quem me disse o nome d'elle.

Leonor foi ter com Levi de Sá, e perguntou-lhe quem era um portuguez muito encorpado com barbas grandes, e vestido ordinariamente.

—E' um homem que abjurou a religião christã, e perdeu tudo o que tinha em Portugal.

—Como se chama?

—Francisco Xavier...

—D'Oliveira!—acudiu Leonor.

—Justamente, d'Oliveira. Ha tres annos que anda por Hollanda, e vive com alguns israelitas que o favorecem.

—Pois elle está assim necessitado?... Oh! meu

Digitized by Google

Deus! não poder eu soccorrer o primeiro amigo do meu infeliz Antonio!...

E Leonor recordou-se d'aquelle jovial e gentil mancebo que vira no adro da igreja de Valladolid; recordou a paixão da sua mocidade, que lhe crestara flôres de coração que nunca mais enverdeceram. Chorava, como nos dias em que o amara, como n'aquella noite em que elle annunciara no salão de Diogo de Barros o seu casamento com D. Anna d'Almeida. Este chorar tinha em si o travor doce das saudades. Era triste aquelle encontro! Ver assim quebrantado e pobre o homem em volta de quem radiavam todos os prazeres d'este mundo, desde a riqueza até ao culto das mulheres formosas e dos homens respeitaveis!...

Leonor pediu instantemente a Levy de Sá que fizesse saber a Francisco Xavier d'Oliveira o muito desejo que tinha de o ver a viuva d'Antonio José da Silva.

Sahiu Sá em demanda do portuguez, e só no outro dia pôde saber que elle tinha sahido para Londres.

Aqui vem de molde historiar-se o restante da vida, muito longa ainda, do cavalheiro d'Oliveira.

Em novembro de 1739, chegou a Vienna d'Austria a nova do supplicio d'Antonio José.

Francisco Xavier, ferido no coração de sincero amigo, rompeu em brados contra a infame barbaridade dos inquisidores, sem poupar a religião divina do Christo, que não tinha que ver com a protervia dos seus sacrilegos sacerdotes. Raivou contra o pontifice, e não foi mais comedido nos insultos que vociferou contra o hypocrita

Digitized by Google

e boçal rei D. João V. O ministro conde de Tarouca mandou-o calar-se, e respeitar o successor de S. Pedro, e o ungido do Senhor. Xavier retorquiu asperamente, acceitando satisfatoriamente a ameaça da demissão da secretaria.

Dias depois, sobreveiu um caso que determinou o completo rompimento das ligações do secretario com o ministro.

Andava em Vienna um architecto milanez, chamado Ignacio Maure Valmagini, muito da privança do embaixador portuguez. Dizia Valmagini que o rei de Portugal recompensava os biltres e vadios dos seus estados com o habito de Christo. O conde de Tarouca sabia-o, e dissimulava, não obstante ser um strenuo propugnador das honras d'aquella ordem. Francisco Xavier, como ouvisse as costumadas insolencias do architecto na presença do ministro propriamente, ameaçou-o de o atirar pela janella á rua. O conde sahiu em defesa do seu valido e Francisco Xavier separou-se do indigno embaixador e do serviço de Portugal [1].

---

[1] Na biographia de Francisco Xavier d'Oliveira, o sr. Innocencio Francisco da Silva, diz: «Por motivos que ainda são para mim mysteriosos, apesar do que se tem dito, largou o cargo de secretario, e passou para Hollanda em 1740.»

O proprio biographado satisfaz plenamente o sr. Silva, contando-lhe elle mesmo o successo descripto da desavença com o privado do embaixador, e ajuntando estas linhas terminantes: «*C'est ce milanois qui fut cause en partie du démêlé qui me brouila avec le plénipotentaire; démêlé qui m'o-*

Digitized by Google

Em Hollanda, escasso de recursos, deu-se á vida de escriptor. O seu primeiro livro, impresso em 1741, eram as *Memorias de suas viagens*. No mesmo anno publicou um volume de *Cartas familiares* em Amsterdam, e o segundo das cartas em Haya. Sobre este livro, em que elle (na carta LVI) atacava o celibato dos padres, cahiu a fulminante censura do inquisidor fr. Manuel do Rosario, que taxou d'heretico o livro. Logo em Portugal foram queimados os livros do cavalheiro de Oliveira, e defesa a entrada dos que elle de futuro publicasse. «O roubo que elles me fizeram, *in nomine Domini*, e sem minimo escrupulo, causou-me grande perda [1]» diz Francisco Xavier.

Fechadas as fonteiras de Portugal aos livros do herege, as condições vitaes do escriptor peioraram grandemente. Do seu paiz e até dos seus parentes já nada tinha que haver nem esperar. O santo-officio espiava as migalhas que algum temerario amigo tentasse enviar-lhe.

Por 1744, anno em que Leonor o vira pobremente vestido, apezar da publicação d'outros livros, sahiu com sua mulher para Londres no intento de revalidar com

---

bligea à me separer d'avec lui à quiter le service de Portugal, et à essuier une infinité de malheurs qui se sont suivis les uns les autres jusqu'à présent» Amusement périodique T. 2.º, pag. 241.

[1] Ajunta em uma nota: seis mil cruzados pouco mais ou menos, ou quinhentas mil libras.

Digitized by Google

publico instrumento a sua já feita apostasia da religião catholica. De feito abraçou o protestantismo; e para logo escreveu rijamente contra os papas, com o fervor congenial de todos os proselytos assim das boas que das más causas.

O affecto d'infancia e de saudade que o prendera á vida e á memoria d'Antonio José suggeria-lhe ainda energicos escriptos em favor da raça hebrea. Em 1740 imprimira elle na Haya uma carta ao israelita Isaac de Sousa Brito, com relação dos *privilegios concedidos em Napoles e Sicilia á nação hebrea, traduzidos do oiginal italiano.*

Em Londres, estreou-se o cavalheiro com um livrinho recreativo intitulado *Viagem á ilha do amor, escripta a Philandro.*

Escrevia sempre; mas publicava pouquissimos dos seus escriptos, á mingua de subscriptores. Amparavam-n'o as esmolas dos seus correligionarios, entre os quaes o fidalgo partuguez curava d'esconder a sua origem e as insignias nobilitantes. Acerca do habito de Christo, dizia elle: «*Me trouvant aujour-d'hui à Londres je n'y fais guère voir mon ordre. Cette marque rendroit ma pauvreté plus honteuse. Le peuple anglois aime l'argent, et préfére une riche roture à une noblesse indigente.*

A mesma pagina, vertida para portuguez, faz vêr quão grande era a tristeza da sua resignação: «dizem que os grandes d'este paiz, consideram em muito as pessoas nobres e benemeritas em pobreza. Gozam tanto renome de ricos que de bemfeitores. Minha natural timi-

Digitized by Google

dez me não deixa avisinha'-los: não tenho a honra de os conhecer bastantemente. Vivo restringido ao meu quarto; apenas vou fóra a visitar um diminuitissimo numero de pessoas honradas que usam a generosidade de me estimarem e amarem. Dizem-n'o, e provam-n'o com os favores que me fazem. Assás sabem elles que a mim nada me faz nem lisongea ser fidalgo...»

Que vida tão arrastada! que paciencia tão vencedora d'aviltamentos devia de ser a do soberbo, e todavia generoso coração de Francisco Xavier de Oliveira! Que demorados e sempre iguaes e amargurados annos até que os cabellos lhe branquearam!

Em 1751, já chegado as cincoenta, criou o seu periodico mensal, tantas vezes citado n'estes livros. Durou apenas oito mezes. Não ha numero em que elle não advogue a causa, a liberdnde dos hebreus. E todavia, os perseguidos, que Francisco Xavier queria resgatar das presas do fanatismo estupido, não lhe liam o periodico. Faz lastima ouvi'-lo assim queixar-se: «Prova de que a ignorancia dos judeus reina em Inglaterra como em toda a parte, é que eu apenas tenho quatro subscriptores d'esta nação: o doutor Castro Sarmento, o sr. Rebello de Mendonça, o sr. Abrahão Vianna, e mr. Ratton. Attendendo aos esferços que eu n'estes escriptos tenho feito para acabar a injusta e cruel perseguição que se exercita em Portugal contra os judeus, não é bastante claro que elles não conhecem seus interesses, nem a candura e boa fé com que eu lhes advogo a causa? Oh! tempos! oh! usanças! Ha cincoenta annos que a minha

Digitized by Google

obra não precisaria de mais alentos que o favor d'esta nação em que então abundavam homens assim illustrados que generosos!

Mais deploravel ainda é este amargurado queixar-se, quando a vida já lhe pesa, e ainda os annos não chegam aos cincoenta: «Minha vida póde e deve comparar-se a um rosario, cada conta do qual é uma desgraça... Idade avançada, saude achacosa, indigencia indigna do meu nascimento; mil dissabores urdidos pela calumnia, e indifferença d'uns que eu n'outro tempo considerei amigos: tudo isto reunido ao perdimento de patria e bens de fortuna, por isso que abracei a religião protestante [1], me desvaneceu toda a esperança de ainda ver entreluzir-me alguma alternativa n'este mundo...

N'outro lanço, diz o escriptor com profundo desalento:

«Naturalmente amo a vida, confesso. Deveria deseja-la mui duradoira; mas não que o mesmo seria querer premeditadamente prolongar as magoas de meu espirito e mortificações do corpo. Ainda assim, desejos de morte e fraqueza de suicida, tenham-nos os loucos e os covar-

[1] Os biographos do cavalheiro de Oliveira opinam desencontrados sobre o tempo em que elle apostatou da religião christã. Os que a fixam em 1746 como o sr. Rivara, e Michaud, podem ter acertado; porém, certo se enganaram os que lhe assignam a data de 1726, asseverada no *Répertoire de bibliographie spéciale de Pei gnot*, citado pelo sr. Innocencio. Do extracto vertido acima, e escripto em 1741, claro se evidenceia que já n'este anno Francisco Xavier de Oliveira tinha abraçado a religião protestante.

Digitized by Google

des desesperados; assás me contenta saber que sem desejar a morte, me não temo d'ella...»

«...Que queria eu hoje possuir? uma saude robusta? Ai! a minha vigorosa saude foi uma das principaes causas dos desvarios da minha vida, e de certo modo a motora das desgraças presentes...»

O desventurado conta com a bemquerença de cinco amigos; porém tão pouco dadivosos deviam elles ser, que Francisco Xavier inveja o carvão que inutilmente arde na deserta sala d'um *lord*, carvão que lhe chegaria a elle para se aquecer um mez. «E está sempre a fumegar aquella chaminé, diz elle, para aquentar um cão por louca vaidade do dono!»

Pobre cavalheiro de Oliveira, já o destino dos cães inglezes te arranca invejas d'aquelle tão opulento e magnanimo peito!

Já, n'este tempo, a sua segunda esposa teria voado a melhor mundo, ou voltaria a pedir um quinhão de alimento na mesa da sua illustre familia em Vienna d'Austria? Não o diz elle nem os seus biographos.

Em 1755, escreveu Xavier de Oliveira alguns folhetos incitando os portuguezes a conjurarem contra as doutrinas dos bonzos, contra os papas, contra as superstições sediças do catholicismo. A inquisição lançou a garra aos escriptos. Processou o author, condemnou-o como herege, revel, convicto e relaxado á justiça secular. Queimaram-n'o em estatua, ao mesmo tempo que as carnes do padre Gabriel Malagrida se torravam na fogueira vizinha, no auto da fé de 20 de setembro de 1761.

Digitized by Google

O original da estatua devia de rir-se, lamentando que ao clima glacial de Londres, n'aquelle mez lhe não chegasse um pouquinho do calor da estatua açamarrada e encarochada com fogo revolto e danças macabras de demonios cornigeros e caudatos!

Então, mui d'assento e com o riso nos labios escreveu elle: *O cavalheiro de Oliveira queimado em estatua por hereje; comò e porque? Anedoctas e reflexões sobre este assumpto, dadas ao publico por elle proprio.*

Desde que o queimaram até ao dia em que morreu interpozeram-se ainda vinte e dois annos.

Escreveu n'esse largo espaço muitos livros, uns que ficaram impressos, outros manuscriptos, e muitos perdidos.

Quando aquelle homem chegou aos oitenta e um annos como olharia elle para as primaveras sobre as quaes gearam trinta invernos asperrimos d'infortunios?

Que reminiscencias lhe iriam ao coração congestionado de lagrimas da mulher que a inquisição lhe estrangulou; da Antonia Clara que o parocho dos Anjos lhe queria negociar; e da Joanna Victorina, aquella fatal cigana, de quem elle escrevia como da mulher que elle mais amara, sem excepção das duas virtuosas esposas?

Deus lhe perdoaria tantas levezas d'alma em desconto das muitissimas dôres de corpo com que o purificou na decrepidez mais desamparada e cortada de penurias!

Digitized by Google

CONCLUSÃO

Em meiado do anno de 1753 desembarcou em Lisboa d'um navio das Antilhas hespanholas um sujeito que dizia chamar-se D. Pablo de Burgos, commerciante que tinha sido em Porto-Rico.

Figurava cincoenta annos com o vigor dos trinta. As longas barbas, raiadas de branco, desciam-lhe a meio peito. O olhar ensombrado por densas e longas pestanas afuzilava de sob a convexidade das palpebras, como o fitar obliquo e espavorido do scelerado que receia ser conhecido, apesar dos annos corridos e da boa compostura do disfarce.

O consul hespanhol em Lisboa recebeu da mão d'este forasteiro carta do governador das Antilhas, apresentando-lhe D. Pablo de Burgos, que elle encontrara ricamente estabelecido em Porto-Rico, desde 1741, e agora, volvidos doze annos, se resolvera a voltar á Europa, e residir em Portugal, com preferencia ás provincias vascongadas d'onde era filho. O consul francez acolheu-o attenciosamente, hospedou-o em sua casa, e fê'-lo conhecido dos ricos negociantes francezes que demoravam na capital,

Digitized by Google

os quaes lhe andaram mostrando as cousas notaveis de Lisboa, incluindo n'estas o palacio da Bemposta, onde o hespanhol empregou mais reparos que na capella de S. Roque e no aqueducto das aguas-livres.

D. Pablo mostrou-se muito agradado da situação e clima de Lisboa. Achou admiravel a rua do Alecrim para alli edificar uma casa torreada com vistas sobre o Tejo. Animaram-n'o á empreza os amigos, e o mesmo foi negociar-se a compra do terreno; e apenas os melhores alveneis, sob a direcção do architecto João Pedro Ludovici, para, no mais breve tempo, levantarem edificio tão magestoso e aformoseado, quanto setenta a oitenta mil cruzados permittissem.

Divulgou-se a nova em Lisboa, e já D. Pablo de Burgos não passava despercebido pelos coches dos magnates, que fitavam com certa veneração as barbas do hespanhol e aquella gentil compostura de velho que indiciaria origem illustre, por qualquer mysterioso motivo occultada.

D. Pablo sahiu um dia de passeio na sua liteira, e mandou guiar para os sitios da Bemposta. Alli apeou e pediu licença para dar umas voltas no magnifico arvoredo da quinta. Sahiu a recebe'-lo o almoxarife, com extremada cortezia; e, posto que o visitante o dispensasse, quiz o serviçal individuo acompanha'-lo.

Residia então na Bemposta o infante D. Pedro que depois foi rei. Os filhos de Pedro II tinham morrido alguns annos antes. Disse o almoxarife que tinha entrado na mordomia d'aquella casa em 1740; e então lhe sa-

Digitized by Google

hiu de feição contar que o seu antecessor, chamado Duarte Cottinel Franco fugira com um enorme roubo feito á familia do celebre auctor de comedias, Antonio José da Silva, que a santa inquisição condemnara ao fogo em 1739.

—Vossa mercê ha-de conhecer de nome este grande author portuguez.

—Não me lembro, respondeu serenamente D. Pablo.

O almoxarife continuou:

—Fugiu o tal ladrão assim que o padre confessor do condemnado se lhe apresentou a pedir-lhe que passasse o grande caixote de riquezas ao poder d'um fidalgo, que morreu, ha annos, em companhia do qual estava uma filhinha do judeu... .

—Agora me recordo, atalhou o ricaço hespanhol, de ter ouvido fallar n'isso... Esse tal judeu não tinha mulher, ou mãe, ou não sei quem, tambem presas na inquisição?...

—Sim, senhor: tinha mulher e mãe. A mãe morreu na prisão pouco depois que elle foi queimado, e a mulher conseguiu livrar-se, porque a justiça soube que a cobiça do tal ladrão fôra a causa da morte injustissima do grande poeta. Depois de livre, foi-se embora e não sei que feito é d'ella.

—E que fim teve esse Duarte? perguntou a indignada curiosidade do visitante.

—Sabe-o Deus! Nunca mais se ouviram noticias d'elle. Eu ainda vi morrer aqui, n'esta casa, o pae d'elle, que não era boa rez, e chegara a ser capellão-mór dos

Digitized by Google

senhores infantes, e deputado do santo officio. Pois, apesar d'elle ser de má casta, a ladroeira do filho buliu tanto com elle que o homem nunca mais sahiu de casa com vergonha d'apparecer ao publico. Ainda elle era vivo quando eu entrei; mas pouco viveu. Ha bons doze annos que o come a terra. Cousa singular, meu senhor! Aqui, ha seis annos, andando eu a fazer obras n'um quarto, que tinha sido do tal ladrão, fui topar com um falso, onde achei um caixote de pau santo com laçadeiras de bronze, e duas fechaduras de prata, cousa riquissima! A meu ver aquelle caixote foi o cofre d'onde o Cottinel levou o roubo. Se vossa mercê o quizer ver, tenho muito gosto n'isso...

—Não, se me dispensa, que tenho algumas voltas que dar, respondeu D. Pablo no mais correcto castelhano. E despediu-se muito agradecido.

A fabrica do edificio da rua do Alecrim progredia espantosamente. A generosa paga duplicava os braços dos obreiros.

Ludovici aprimorava-se voluptuosamente nas graças da sua obra. Afestoava as columnas e pilares e grinaldas; florões e laçarias cahiam das cornijas formando em descendentes ramagens os adornos lateraes das janellas. A menor peça fazia consonancia á magestade do portal e espaçoso pateo, circumdado de arcarias assentes em columnelos de primoroso lavor. As janellas eram frestas ogivaes que a tempo deviam ser vestidas de vidros variegados. O telhado queria-o D. Pablo lageado á volta, com cercadura de vasos e estatuas do melhor marmore

Digitized by Google

e alabastro. O architecto incansavelmente expedia ordens a mandar vir da Italia peças que os seus alveneis e esculptores não sabiam dignamente emmoldurar e arrancar das pedreiras de Mafra. Era alli n'aquelle local um continuado pasmar das turbas, posto que D. João V as habituasse ás obras magnificas. A cada palmo que o edificio se alevantava, Ludovici, o architecto ou continuador dos Arcos-das-aguas-livres, esmerava-se em exceder as maravilhas com que enfeitara a fachada do seu palacete defronte da torre de S. Roque. [1]

E emquanto a prodigiosa casa se andava construindo, D. Pablo de Burgos ora viajava por França e Italia, ora se ia a Cintra e ás quintas suburbanas de Lisboa, onde seus donos o recebiam como a sujeito que o conde de Oeiras se não dedignava de convidar para grandes emprezas industriaes, visto que elle adoptava Portugal como patria e n'ella mandava fabricar tão grandiosa vivenda.

Em agosto de 1755 estava concluido o palacio. As alfaias tinham já vindo do estrangeiro. Vestiu-se o interno do palacete com magnificencia condigna da riqueza exterior. Franquearam-se as portas á admiração publica. As primeiras damas honraram as alcatifas chine-

---

[1] Jacome Ratton presume que *em razão d'esta obra se construiu a muralha de S. Pedro d'Alcantara, com o pretexto de se fazer alli um passeio o qual se não chegou a realisar; mas que sería bem util pelo ponto de vista que offerece.* Ratton escrevia em 1812, e referia-se a 1764. *Recordações*, pag. 302.

Digitized by Google

zas de D. Pablo, e miraram-se nos alterosos espelhos de Veneza, cosidos a ouro, que pendiam dos tectos sobre tremós cujo feitio deslumbrava o aureo esplendor, que vestia os torneados. Vasos etruscos, imitados nos alabastros napolitanos, dos angulos das salas captivavam a attenção logo captiva de mais ricos adornos. Para que mais encomios se todo o encarecimento vem curto? Aquilo era um encanto d'olhos e um quebrar corações d'invejas.

D. Pablo acceitava os agradecimentos de seus hospedes com uns ares de modestia, ultima demão que faltava ao esplendor de tantas maravilhas. Oh! as damas até as apostolicas barbas lhe achavam encantadoras. Concertavam-se todas as probabilidades em favor dos que presagiavam o breve matrimoniamento do hespanhol com alguma das mui fidalgas e esbeltas meninas, cujos paes se honravam d'hospedar o maduro ricaço.

Deliberou D. Pablo offerecer um banquete de principe aos seus amigos, que já eram numerosissimos, em todas as jerarchias, e marcou o dia primeiro de novembro nos convites antecipados quinze dias. Contractou os mais famigerados cozinheiros, vestiu de lemiste os criados que deviam servir á mesa, tirou das prateleiras riquissima baixella de prata em competencia de valor com as mais preciosas louças do Japão, compradas aos netos empobrecidos dos antigos viso-reis da Italia.

Desde o romper d'alva do dia primeiro de novembro, uma chusma de criados, uns encarregados do adorno da longa mesa, outros auxiliares dos inventivos cozinheiros,

Digitized by Google

não tinham mãos a medir. Era um redemoinhar de gente afanosa como em casa dos immortaes glutões da Roma imperatoria, predecessores benemeritos da Roma cardinalicia.

A's nove horas e meia da manhã, D. Pablo de Burgos acabava de sahir do leito e apresilhar um farto gibão de seda, no intento de deitar uma vista d'olhos aos preparativos confiados aos servos e escravos. No momento em que transpunha o limiar da ante-camara, sentiu vibrar-lhe a casa debaixo dos pés, e logo um soturno estrondo, o tremer convulso dos moveis, o baquear das estatuas e jarrões depostos sobre os bofetes, o alto clamor dos criados, o estridor de louças partidas, o tropel dos servos que fugiam, e o estampido longo d'um como ruir de paredes. Era o primeiro empuxão do assolador terremoto d'aquelle dia.

D. Pablo correu desnorteado primeiro contra a escada para ganhar a rua; depois, voltou sobre si, impellido por um demonio que lhe disse: «Olha que deixas na tua recamara riquezas que vão ser soterradas, ou roubadas». Entrou na recamara, e não pode ter-se em pé, resistindo ao impulso d'um alteroso guarda-roupa de pau preto que ao voltar-se-lhe roçou n'um hombro. Levantou-se. Abriu muitas gavetas d'um contador, e amontoou n'uma toalha promiscuamente sacos d'ouro e mãos cheias de brilhantes.

Ao sahir do quarto, ouviu o gritar afflicto da visinhança. Chegou a uma janella, e viu, através de cerrada nuvem de poeira, o interior das casas visinhas alui-

Digitized by Google

das as fronteiras, e os moradores em desesperadas evoluções, com os braços estendidos ao céo sereno e limpido, como em manhã d'agosto. Fez pé atraz espavorido, e foi á escada no intento de a descer. Olha ao fundo do primeiro mainel e vê um lanço de parede fendida, e os tijolos a despegarem-se. A um terceiro tremor mais rijo, foge subindo para o terraço construido á roda do zimborio. Apenas relancea os olhos em volta por sobre o centrõ da sumptuosa Lisboa, a custo e escassamente lhe deixa a densa poeira dos edificios aluidos, descobrir um acervo de ruinas, e aqui e além multidões de fugitivos, uns que serpenteiam por entre o entulho buscando a margem do Tejo, autros que retrocedem espavoridos, porque o mar subia levantado em furioso vagalhão alagando a cidade baixa.

D. Pablo n'aquelle conflicto, raciocinou. Era homem para discutir com a morte até ao fim, se necessario fosse. De si comsigo disse elle que a sua casa, construida sobre rijos e fundos alicerces, devia resistir aos solavancos do terremoto mais que as outras meio derrubadas e enfraquecidas pela velhice. Alentado pela hypothese judiciosa, desceu do terraço, e com prudente vagar espreitou o estado das paredes. As fendas não eram assustadoras. Foi descendo e chamando os criados: ninguem lhe respondeu. Abriu uma janella do primeiro andar, olhou, e viu alguns acervos de cadaveres meio enterrados nas ruinas, e algumas afflictas mães, que procuravam os filhos, emquanto os maridos as empuxavam pelos cabellos, no proposito de salva'-las.

Digitized by Google

Os abalos, posto que menores, continuavam com breves intervallos: D. Pablo attentava a orelha: já não ouvia o estrupido do desmoronamento. A grande destruição fez-se em sete minutos. O que resoava formidavelmente era o estridente alarido de milhares de pessoas ás portas do templo, cujas abobadas abateram sobre milhares de devotos, que os enchiam ouvindo missas, n'aquelle solemne dia funeral de *Todos os Santos*.

D. Pablo raciocinava ainda. Bem que o solido edificio estivesse de pé sobre os profundos cimentos, podia acontecer que ulteriores abalos o derribassem. Determinou sahir com algumas preciosidades, e seguir as turbas, que fugiam na direcção de S. Roque para o alto chamado então as *obras do conde de Tarouca*, e, depois da *Cotovia*, e mais tarde a *Patriarchal*. Quiz guardar em si a pedraria e ouro amoedado que ensacava; mas o peso privava-o do movimento. Não tinha criado ou escravo que o ajudasse. Repôz os sacos do ouro nas gavetas do toucador, e metteu ás algibeiras as bocetas avelludadas das pedras preciosas, como prevenção para o caso d'algum desastre no edificio, em quanto elle ia providenciar a mudança da baixella.

Fechou o portão e sahiu, caminho de Santo Amaro, onde morava o seu particular amigo o embaixador francez. Encontrou-o passado do terror, e cuidando em fugir com as suas bagagens para o Lumiar.

O hespanhol dispunha-se a acompanha'-lo quando correu brado d'estar em chammas a cidade baixa. Outra nova igualmente aterradora sobreveiu áquella. Di-

Digitized by Google

zia-se que ferozes joldas de ladrões assaltavam e roubavam as casas desertas, e matavam os inquilinos que, no apuro de suas angustias, ainda tinham de defender as reliquias dos seus haveres. O hespanhol, sem consultar o amigo, correu á rua do Alecrim, e presenciou logo á entrada a lucta a punhal dos ladrões entre si ou contra os mais aferrados defensores das suas ruinas. Este quadro horrifico era um escabujar de demonios entre labaredas e fumarada negra: o inferno devia de ser, na phantasia de seus imaginadores, uma pallida imitação d'aquella atroz realidade. As poucas janellas dos primeiros andares que, para assim dizer, tinham engulido os sobrados superiores, dardejavam linguas de fogo, que se cruzavam com as das janellas fronteiras. A estreita rua, atravancada d'entulho, de madeiras incendiadas e cadaveres, difficultava o transito. O hespanhol saltou por sobre brazas e entre chammas. Ao avizinhar-se do seu palacete, viu os rolos de fumo negro a romperem das janellas cujos vidros tinham estalado. Atirou-se afflicto contra o portão, e viu-o aberto a machado.

—Estou roubado!—exclamou elle:

Galgou ao terceiro andar. Quando suhiu ao primeiro mainel, viu de relance alguns marinheiros que se disputavam o espolio das opulentas salas. No segundo andar, outra horda de marujos e homens andrajosos sobraçavam as taças, bandejas, castiçaes, faqueiros e mais baixella que os criados, tres horas antes, começavam a dispôr na mesa do banquete. Subiu ao terceiro andaime, por onde lavrava intenso o incendio, e foi, cegado pelo

Digitized by Google

fumo, até á recamara onde tinha os contadores. Arrancou dos sacos acceleradamente, e correu para uma sala, onde as labaredas não tinham chegado. Aqui foram cruelissimas as ancias do homem, cruelissimo o dilemma: Se sahia ás escadas, os ladrões lançariam mão d'elle, e nem vida nem ouro lhe deixariam; se ficava na sala, esperando que os salteadores desalojassem, o incendio já se fazia ouvir com o seu horrifico estalejar de madeiras e desabar de vigamentos. Esta segunda ponta do dilemma traspassava-lhe mais o peito que a outra.

Abriu uma janella e gritou por soccorro.

Quem havia d'ouvi'-lo, se todos gritavam, e os mais dignos de compaixão, se houvesse alli compadecidos, seriam os que gritavam entalados nas soleiras das portas, e esmagados pelas traves fumegantes?

A resolução era urgentissima, que já a sala estava escura de fumo. Lançou-se ás escadas, desceu até ao segundo mainel, por entre os ladrões que se esfaqueavam na disputada posse d'um jarro d'ouro. A meio da escada do primeiro andar, sentiu-se agarrado por tres homens que o seguiam a saltos de tigre.

—Deixa ver o que levas!—disse um, apontando-lhe a navalha á garganta—larga, ou reparte comnosco, patife!

—Este é o ricaço!—bradou outro—cá leva o fardel! Larga, se não morres, castelhano! cão damnado!

D. Pablo reconheceu um dos tres sicarios, pelo semblante e pela voz; lançou-lhe o braço livre á volta do

Digitized by Google

pescoço com brando geito, e disse-lhe ao ouvido o que quer que fosse.

—Tu!—exclamou o ladrão, com os olhos esbugalhados—pois és tu!...és tu aquelle...

O hespanhol sentiu cahir-lhe o coração, quando viu tão contrario o effeito que elle esperava do segredo posto no ouvido d'aquelle homem.

E o salteador proseguiu:

—Oh! diabo! tu não sabes que eu por tua causa fui vergalhado na santa-casa, que ainda tenho as costuras nos lombos! Não sabes que me prometeste mundos e fundos se eu jurasse contra o Antonio José da Silva, que tu roubaste, alma de Satanaz, e não repartiste nada comigo! Não sabes, cão, que eu ando ha dezeseis annos sem ter quem me dê uma sede de agua, porque ninguem me quer dar que fazer, e todos sabem que eu jurei falso contra o Antonio José, e fiz jurar os guardas que todos andam a pedir ou a roubar?

—Pois eu reparto comvosco, e deixae-me fugir... Ahi tendes tudo... ficae com tudo... e não me mateis!

Duarte Cottinel Franco arremessou aos pés dos salteadores a toalha em que levava os sacos do ouro, por saber que os brilhantes escondidos nas algibeiras excediam o valor dos sacos. Feito o arremesso, ia fugir; mas o antigo alcaide da inquisição da altura de tres degráos cahiu-lhe sobre as costas com uma faca apontada e com tanta força e impeto que mais não pode arrancar-lh'a d'entre as costellas retorcidas.

Digitized by Google

Duarte Cottinel gargarejou um arranco debaixo dos punhaes que lhe cortaram o segundo na garganta.

A' volta d'aquelle cadaver travou-se uma briga de peito a peito, um cortar de ferros e resaltar de sangue que espirrava á face do morto: eram os tres assassinos a defenderem o espolio das presas d'uns que subiam, e d'outros que desciam acossados pelas chammas. Depois, seguiu-se o estampido do travejamento dos tectos e abobadas que se despenhavam por entre os solidos e alterosos muros. Uns ladrões premiram-se contra o portão, escoando-se pela brecha que os machados abriram; outros, como descobrissem o cinturão cingindo o cadaver, curavam d'arrancar-lh'o e espedaça'-lo a golpes de navalha, quando as lages do firmamento do pateo lhes esmagaram os craneos contra os degráos marmoreos da escada. Um d'estes craneos era o do antigo alcaide do santo-officio.

Nas excavações feitas nas ruinas do palacete de D. Pablo de Burgos, quatro cadaveres se encontraram tão proximos que pareciam familia muito entreamada que n'um abraçado grupo arrancara da vida. Esta hypothese desvaneceu-a a boa critica; porque os mortos, debruçados sobre o cadaver vestido de lemiste, tresandavam o bafio dos seus andrajos. A putrefacção permittia ainda examinar as chagas do pescoço de D. Pablo, que debaixo d'este nome o lastimavam amigos e a boa sociedade de Lisboa. O conde de Oeiras sentia dolorosa-

Digitized by Google

mente não ter mandado arvorar forcas nas ruas, como duas horas depois mandou para pendurar ladrões onde quer que a justiça os encontrasse. Já se não podia valer á perda de um homem que tanto prometia ás emprezas industriosas de Portugal! Em compensação, responsariam-lhe a alma com magnificos funeraes, pagos com pouquissimo do muito e rico espolio que os cavadores desentranharam do entulho. Para a entrega da valiosa herança, pediram-se informações para Hespanha e Antilhas. Ninguem sahiu aos reclamos como herdeiro de D. Pablo de Burgos. Todavia, se, por um eventual acaso, se descobrisse que o assassinado era um Duarte Cottinel Franco, scelerado ladrão, cujo nome era em Lisboa ainda o proverbio da suprema perversidade humana, a mim me quer parecer que os herdeiros se haviam d'acotovelar em volta d'aquelle cadaver, provando a primazia no gráo do parentesco.

Digitized by Google

EPILOGO

Volvidos vinte annos, o leão de S. Domingos já recebia resignadamente as ferroadas dos insectos. As fogueiras do santo-officio, como se disse, tinham sido apagadas, desde 1751, com o sangue do padre Malagrida. A estatua de Francisco Xavier de Oliveira foi o ultimo personagem de gesso e papelão que figurou irrisoriamente de par com as agonias d'um homem queimado em vida.

Alguns hebreus voltaram á patria de seus paes, não a pedirem os bens confiscados, mas a beijarem a terra que era a cinza de seus avós.

Em 1775, algumas familias, refugiadas na Hollanda, aportavam a Portugal. Entre estas, a mais numerosa era a dos Sás, repartida n'outras, que se restabeleceram em diversos pontos do paiz.

Um neto de Simão de Sá, com uma senhora sexagenaria, que era sua sogra, e outra senhora de quarenta annos, que era sua esposa, e uma roda de mancebos e meninas que eram seus filhos, foram procurar os descendentes de Diogo de Barros á rua da Magdalena. Encontraram uma casa de cinco andares no local onde a mais velha d'aquellas senhoras, D. Leonor Maria de Carvalho, asseverava que tinha existido um palacete de

Digitized by Google

quinze janellas n'um andar unico. Pediram informações explicativas ás pessoas antigas do local. Breves e tristes lhe foram dadas. A maior parte da familiia Barros tinha morrido nas ruinas da sua casa por occasião do terremoto de 1755. Dois netos de Diogo de Barros que, no dia da grande desgraça andavam caçando no Alemtejo com o duque d'Aveiro, tinham desapparecido em 1757, e era publica voz que o marquez de Pombal os fizera morrer nas masmorras da Junqueira.

D. Leonor, lavada em lagrimas, disse á filha:

—Vês, Lourença?... morreu tudo... tudo, meu Deus!... Porque me conserva n'este mundo a Divina vontade?

—Para fazer a felicidade de sua filha...

—E dos seus netos ..—ajuntaram duas meninas, que se abraçaram na viuva d'Antonio José da Silva.

A Divina vontade não a quiz muitos mais annos conceder ao amor de filha e netos.

Leonor morreu aos sessenta e seis annos, na terra onde nascera, na Covilhã, local unico em que o terremoto lhe deixou algumas vivas memorias da sua infancia.

Lourença ainda vivia no principio d'este seculo. Os netos d'Antonio José da Silva abrem hoje, por ventura os livros denominados OPERAS DO JUDEU, e não sabem que são de seu avô, o mais desventurado e talentoso homem que a religião de S. Domingos matou em Portugal.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 240 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 rs. brochado, ou 300 rs. elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada volume

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de Mariano Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — As batalhas da vida, por Guiomar Torrezão.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Em segredo, trad. de M. de Sequeira.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — A cruz de brilhantes, por A. Campos.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — O mysterio da estrada de Cintra, por Eça de Queiroz e R. Ortigão.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.

Digitized by Google

30 e 31 — Amor á antiga, por Caïel.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.
33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — A flôr sêcca, por P. Chagas.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves.
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.

Digitized by Google

OUTRAS OBRAS

Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) contemporaneo francez-portuguez e v. v. No prelo a 2.ª edição, muito correcta e extremamente augmentada, enc. 12$000 rs.
Grammatica da lingua franceza, enc. 900 rs.
Grammatica Nacional, para aprender portuguez sem mestre, enc. 15$00 rs.
Lições praticas de conversação franceza, enc. 400 rs.
Ollendorff aperfeiçoado para aprender francez sem mestre, (2 vol.) enc. 2$500 rs.

Carvalho (D. Maria Amalia Vaz de)

Ao correr do tempo, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Arte de viver na sociedade, br. 1$000 rs., enc. 1$400 rs.
Aventura de um polaco, (2 vol.), br. 400 rs., enc. 600 rs.
Cartas a uma noiva, br. 700 rs., enc. 900 rs.
Cerebros e corações, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Chronicas de Valentina, br. 700 rs., enc. 900 rs.
Coisas d'agora, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Contos e phantasias, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Em Portugal e no estrangeiro, br. 800 rs., enc. 1$100 rs.
Figuras de hoje e de hontem, br. 600 rs , enc. 800 rs.,
Heroismo do clero, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Impressões de historia, br. 600 rs., enc. 800 rs.
No meu cantinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Nossas filhas, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Pelo mundo fóra, br. 500 rs., enc. 700 rs.
Raphael, trad. de Lamartine, (ed. de luxo), enc. 3$200 rs.

Pinto (Silva)

(Collecção d'Algibeira)

A 500 rs. br. e 700 rs. enc

A queimar cartuchos.
A torto e a direito.
Ao correr do pello.
Entre nós.
Frente a frente.
Moral de João Braz.
Mundo (O) furta-cores.
Na Procella.
Na travessia.
N'este valle de lagrimas.
No colyseu.
No mar morto.
Para o fim.
Philosophia de João Braz.
Por este mundo.
Riso amarello.
Rompendo o fogo.
Velha historia.

Queiroz (Dr. Teixeira de)

Amores... amores... br. 600 rs., enc. 800 rs.
Arvoredos, br. 800 rs., enc. 1$000 rs.
Cantadeira (A) br. 600 rs., enc. 800 rs.
Caridade (A) em Lisboa (2 vol.), br. 1$000 rs , enc. 1$400 rs.
Cartas d'amor, br. 600 rs., enc. 800 rs.
D. Agostinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Morte de D. Agostinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Noivos (Os) (2 vol.), br. 1$000 rs., enc. 1$400 rs.
Nossa (A) gente, br. 500 rs., enc. 700 rs.
Sallustio Nogueira (2 vol.), br. 1$000 rs., enc. 1$400 rs.

Digitized by Google

PARCERIA

ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA-EDITORA

OFFICINAS

TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

MOVIDAS A ELECTRICIDADE

44a54-Rua Augusta-44a54

LISBOA

Digitized by Google